BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

Molestias dos Rins

O exito de nossa cruzada contra as MOLESTIAS DOS RINS deve-se quasi exclusivamente á recommendação de ex-soffredores satisfeitos

Dôres constantes. Padecimentos sem tregua que arrancam este grito a milhares de soffredores que supportam dia a dia e hora a hora a tortura das Molestias dos Rins.

Eis aqui umas perguntas opportunas: Que faz V. S. para conseguir allivio? Está fazendo um *esforço* para melhorar?

O perigo que se acerca do que soffre de molestias dos rins não é sómente o enfraquecimento do organismo, é o anniquilamento da vontade. Quando isto acontece, não ha esperanças de melhorar. Não assuma uma attitude negativa, acreditando, como muitos acreditam, que o que não se póde curar deve ser supportado. Não poupe esforços para alliviar os seus padecimentos.

Ha muitos annos que os medicos de todas as partes do mundo recommendam as Pilulas De Witt como um preparado notavel para os rins e a bexiga. Se nenhum outro medicamento até esta data lhe tem dado os resultados desejados, faça uma experiencia com as Pilulas De Witt. De outra fórma, desde que lhe offerecemos um FORNECIMENTO GRATIS PARA EXPERIENCIA, V. S. não deve vacillar em encher e remetter o coupon abaixo, o qual lhe permittirá provar, *livre de despezas*, um medicamento recommendado pelos medicos. Remetta HOJE e pela volta do correio receberá um fornecimento para experiencia. Depois da primeira dose V. S. se felicitará por tel-o feito.

PILULAS

DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Moléstias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são bons

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R 155),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despêzas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome...

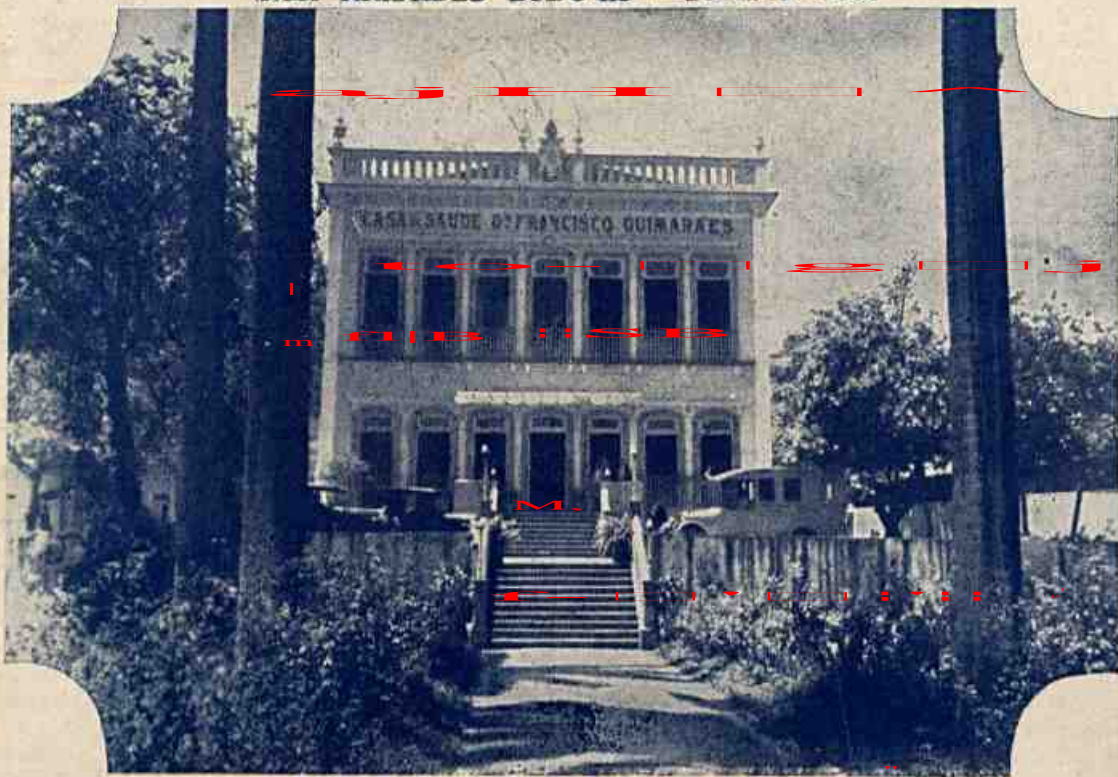
Endereço...

....

Queira escrever com clareza.

Mande em envelope aberto... sello 20 Reis

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

RUA ARISTIDES LOBO 115 — TEL.: 2-1266

DIARIAS DESDE 15$000

O conto brasileiro

Uma historia esquisita

De Hormino Lyra

NÃO ha duvida: Domingo Diniz Donato ficára impressionado com a leitura de célebre romance de Octavio Feuillet e quizéra imitar-lhe a personagem principal, qual Dom Alonso Quijada com a idéa maluca de imitação dos cavalleiros andantes.

Como Camors, homem para o gozo, achava elle não ser o materialismo *uma doutrina brutalizadora sinão para os tolos e os fracos*.

Aristocrata para si e democrata para os outros, em materia de politica seguia as lições do conde, as quaes lhe bebêra na leitura do testamento que tinha á mão quando entrára na eternidade.

Consoante aconselhava aquelle ao filho, ser amado pelas mulheres e temido pelos homens era o ideal de Diniz Donato; bem assim ficar *impassivel como um Deus deante das lágrimas daquellas e sangue destes*.

asar? Só por interesse.

migos? *Cesar, quando envelheceu, teve um amigo, que foi Bruto! O desprezo dos homens é a primeira pagina do livro da sabedoria*, impingia o quinquagenário, em roda menos informada.

Com esse cabedal de *alcance philosophico e lógica de caracteres*, Diniz Donato enfrentára a sociedade no seu meio ambiente.

Acompanhara já algumas gerações de familias diversas no grão de filiação, namorando da avó á neta, pois, — dominado pela leitura do romance do natural de Sa it Lô e baseado na superiori- que distingue o homem dos animaes, podendo contra- á vontade as leis da nature- resolvêra não envelhecer: la o cabello de negro e fazia agens no rosto. A juventude Quasi um facto!

seu primeiro cuidado, quando vantava pela manhã, era fa- uma inspecção na basta cabel- para ver si descobria algum creto fio de prata, afim de o ar negro.

a rico, vivia dos rendimentos lhe deixára uma tia avó solima e millionária a quem mui- ulava por esperar, por morte ao menos; como diria pre- mente a giria carioca, *umas casquinhas*. Com surpreza sua, porém, a tia avó, velha rancorosa que não gostava dos outros parentes, deixára-lhe quasi todos os haveres.

Namorava senhorinhas da alta sociedade mas, em absoluto, nunca lhes falava em casamento. As senhorinhas enfastiavam-se e casavam com outros. Diniz Donato fingia então a victima e mais tarde dava o golpe: queixava-se-lhes na primeira oportunidade da sua desdita para as commover; e o seu canto de sereia amollecia muitas vezes a verdadeira victima!

Certa vez, contára elle haver risado dessa manhosa subtileza no próprio dia do casamento de uma ex-namorada, quando ainda vestida de noiva e com optimo resultado.

— Diga-me, Rosinha: você se casaria com um homem idiota, mas immensamente rico?

— Por que mo perguntas? E's immensamente rico?

Nunca tivéra um affecto. Nunca soffrêra por amor de ninguem... Emtanto, a própria fêra algumas vezes uma por não saber chorar.

* * *

Certo dia, fôra á presença de Domingo Diniz Donato um rapaz de seus dezeseis annos, dizendo ser seu filho. A progenitora deste, governanta da casa de familia de um ex-ministro de Estado, educára-o até aquella idade. Estava preparado para se matricular em qualquer escola de curso superior mas o seu desejo era matricular-se na Escola Naval. A mãe não concordára, por julgar a carreira das armas muito cheia de espinhos e resolvêra mandál-o á presença do pae. Este poderia educál-o na Europa; poderia conseguir a desistencia do filho em entrar para a Marinha de Guerra.

Diniz Donato ignorava a existencia do filho. Fôra pseudo-pretendente á mão de uma senhorinha de escól social quando, em casa desta, conhecêra mimosa rapariguinha, empregada da familia. Conquistou-a e, pouco tempo depois, desapparecêra a rapariguinha, sem que lhe descobrisse o paradeiro.

Era a mãe do rapaz que se apresentára a Diniz Donato.

Este achára o filho bastante parecido comsigo. Estiveram ambos á frente de um espelho, cotejando os lineamentos, e concordaram em ser sangue do mesmo sangue.

Diniz Donato ficára satisfeito. Era pae. Tomára conta do rapaz, perfilhára-o e o mandára estudar engenharia na Allemanha.

Quanto á progenitora deste, convidára-a certa vez a morar sob o mesmo tecto.

— Casas commigo? — indagára ella.

— Não. E' impossivel casar-me com você. A sua familia é desconhecida. Seria um escandalo para a sociedade.

— Não é escandalo apresentares o teu filho, sabendo toda a gente não seres casado...

(*Continúa na pag. seguinte*)

BIBLIOTHECA NACIONAL RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL

AQUELLA OUTRA...

ELLA não o comprehendeu... Nem ninguem, ninguem poderia comprehender essa sua affeição, que era um enigma.

Aquella outra que Paulo Marcos perdêra, que se afastára delle sem nunca saber porque. Aquella outra que fôra todo o brilho de sua mocidade, e a quem offertára tudo de bom que a vida lhe déra. Aquella, em cujos labios experimentára as sensações mais estranhas, onde suppoz encontrar a felicidade que sempre esperava chegar, vivia ainda com elle, porque era a vida da sua imaginação, a energia dos seus gestos, a alegria dos seus sorrisos, a força animadora que o impellia para a frente.

Quando Sulamita appareceu na sua vida, sabia da existencia dessa outra. Mas elle jurou esquecêl-a, dizendo que fôra, apenas, o motivo para encher as suas horas vazias.

Contou-lhe uma historia mentirosa com alguma emoção, procurando esconder as suas ultimas palavras numa longa gargalhada.

E deu-lhe de tudo; deu-lhe mais do que déra á outra, — essa outra que lhe vivia na imaginação, porque era preciso convencêl-a de que somente ella o interessava, naquelle instante...

Custou-lhe muito caro essa menina que elle foi arrancar covardemente de um lar feliz. Veiu para elle timida, receiosa que os labios delle pudessem machucar os seus. Roubou-lhe a vida roubando-lhe a honradez.

E guardava-a cuidadosamente, como si guardam preciosidades. Resguardava-a dos olhos avaros dos amigos, medroso de que os olhares delles pudessem magoál-a. Elevava-a sempre, procurando pôr em relevo sua belleza, para gaudio dos seus sentidos em excitação.

E amou-a nesse pedestal que as suas mãos construiram. Amou-a numa loucura, irrefreavel capaz de commetter os desatinos mais horriveis. Amou-a sem comprehender que se atirava para as trevas, sem perceber o equivoco do seu sentimento.

Paulo Marcos não podia esquecer aquella que o deixára...

Sulamita não era mais que a continuação da paixão doentia que começára com a outra mulher. E essa vivia nelle como a impressão que não se apaga, que continúa sempre...

As sensações que experimentára nelle eram as mesmas que a sua nova companheira o fazia sentir...

Quando lhe alisava os cabellos, julgava ter nas mãos a cabelleira da outra. Quando a beijava, quando lhe sorria, parecia-lhe estar beijando e sorrindo para a mesma creatura.

Enganou os seus proprios sentidos, fez-se acreditar que Virginia não se fôra, que ali estava deante delle, a cantar com a mesma voz as canções que lhe pedia sempre para cantar...

Na sua loucura, transfigurava Sulamita, buscava o mesmo encanto que encontrára na outra...

Fazia isso para o seu proprio consolo.

Não reparava que um dia a sua mentira viria a ser julgada como um gesto criminoso.

Ninguem haveria de comprehender a intenção do seu acto. Ninguem acreditaria que para elle uma era o reflexo da outra, que as duas se confundiam, eram as mesmas creaturas.

Elle não podia viver sem uma dellas...

E enganou-se, enganou-se conscientemente, para que a vida não lhe faltasse. Não foi um criminoso; antes, foi um egoista. Entregava-se a essa dupla affeição igualmente, como si a sua personalidade se

UMA HISTORIA ESQUISITA *(conclusão)*

— Bem. Não discuto esse ponto.

— Queres, então, que venha ser governanta na casa do meu filho?

— Comprehenda, filha: far-se-á tudo isso por simples formalidade. Intimamente, será você a dona da casa; mas, á vista da sociedade, não apparecerá sinão...

— ... como governanta. Muito obrigada. Adeus!

E sahiu e nunca mais pôz os pés em casa de Diniz Donato.

Quando lhe voltou o filho da Allemanha, já não existia a progenitora.

O pae não pretendêra imitar Camors em dar ao filho os mesmos conselhos que esse titular dera ao seu.

O novel engenheiro não era nenhum notavel; e apaixonára-se em pouco tempo por joven elegante da nata social carioca e casára com a aquiescência de Diniz Donato, que, envelhecido de direito e de facto, já transigia com os seus principios plagiários.

* * *

Os netos eram agora todo o seu enlevo. Não pensava noutra coisa. Vivia sonhando com elles. Si não fossem os seus netinhos, mal poderia supportar aquella velhice cheia de desenganos. Desappareceram, as illusões.

A realidade estava ali, cruel: já não lhe adeantava tingir o cabello, que as pellangas do rosto não tomavam as maçagens na devida consideração!

A realidade estava ali insensivel: o peso dos pés media ella pelo esforço de os arrastar!

Não sabia enfrentar a velhice com a resignação do forte: resmungava sempre!

Um dia, o primogênito do engenheiro perguntára a Diniz Donato:

— Meu avô, por que gostas tan

De J. M. Brinckmann

desdobrasse em duas. Chegava a acreditar, em certos momentos, que dois individuos viviam com elle...

E, para que Sulamita não o abandonasse tambem, envolvia-a em mil caricias, embalava-a na promessa eternal dos amantes.

Trazia-a nos seus braços, como as crianças trazem o brinquedo inseparavel.

A' noite, quando accordava assustado, apalpava-lhe o corpo para certificar-se de que estava a seu lado.

Durante o dia, telephonava-lhe seguidamente, com médo de que a levassem.

Entrava em casa em horas desencontradas, pé ante pé, para vêr o que fazia.

Mas, esquécia-se de que um dia ella viria a saber de tudo o que se passava com elle...

E o dia veiu, e tambem o desmoronamento da felicidade que Paulo Marcos architectára.

Uma carta chegára ás mãos de Sulamita, por acaso. E o nome da outra saltou-lhe aos olhos, como o presagio de uma grande desgraça.

Leu-a; então, a explicação daquellas vontades esquisitas de Paulo chegaram para ella.

Agora é que comprehendia porque muitas vezes vira lagrimas nos olhos delle, ao ouvir certa musica. E comprehendia aquelle amôr que elle tinha ás violetas e ás orchideas...

Agora, sim, comprehendia os menores cuidados que Paulo tinha com ella, cuidados que a outra reclamava sentir falta...

Abriu o armario onde o azul existia em todos os seus vestidos. Ah! quanta coisa a outra recordava na sua carta e que era exactamente o que elle lhe fazia tambem!...

E chorou a sua desgraça. Revoltou-se contra a sua condição de manequim de mola.

Então ella, Sulamita, não estava senão representando um papel que a outra creára? Que condição horrivel para uma mulher, saber que um homem a obrigava a copiar os gestos de uma outra...

Não. O seu amor proprio se offendêra. Elle não a teria mais como simples joguete nas suas mãos.

— E dizer-se que aquelle miseravel jurou... jurou... E eu, pobre de mim, julgando-me uma creatura amada, não sou mais que figura de substituição... Miseravel!...

E Sulamita, dramaticamente, ajuntou algumas peças de roupa numa mala. Ajuntou-as, chorando convulsamente.

— Deixe-me explicar-lhe. Escute, Sulamita: você nunca me comprehenderá... Si mentir, foi para a nossa propria felicidade...

Ella sahiu. Atravessou o pequeno jardim, chamou um carro que passava e partiu...

— Sulamita...

Sua voz se perdia.

Cahiu nos almofadões onde tantas vezes os dois tinham rolado em risadinhas gostosas.

Agarrou-se furiosamente com elles, chorando. Na sua angustia gritava, gritava o nome da mulher que acabava de partir... Ficou assim muito tempo, emquanto uma chuva miudinha molhava as calçadas e os telhados das casas.

Paulo Marcos levantou-se, ficou recostado na janella, cabellos alvoroçados, sustentando-se nas cortinas, a olhar a tarde que morria... Nos seus olhos parados de quem nada vê, as lagrimas tremeluziam...

Ninguem, ninguem, naquelle instante, poderia comprehender a sua dôr... Talvez a outra quizesse voltar...

E si ela voltasse mesmo?...

---

to de mim, chegando a confessar-me que gostas mais de mim que de meu pae?

— Porque és filho do meu filho, portanto duas vezes filho. Assim sendo, devo ter amôr duplo por ti!

Em seguida, a netinha escarranchava-se na perna de Diniz Donato, e este protestava em ar de gracejo.

— E's menina de seis annos e não te fica bem cavalgares a perna de um senhor!

E ria a pequerrucha, e contestava:

— Não és um senhor moço; és um senhor velho: tanto assim, que és meu avô!

— Ha muitos avós moços. Não conheces nenhum?

— Não.

— Está aqui este seu criado!

— Sae, azar!

— Não digas assim, que eu não gosto.

— E' feio? Não sabia. Desculpa!

— Sae, sirigaita!

— Isso é que é feio: chamares a tua neta de sirigaita!

— Desculpa!

— Sabes, meu avô? quero fazer-te uma pergunta séria.

— Vamos a ella.

— Vi hontem diversas photographias tuas, de papae, de mamãe, dos paes de mamãe, dos teus parentes, dos parentes della; só não vi o retrato de vovó...

— Que vovó?

— A que foi tua mulher e mãe do meu pae.

— Ah!

E não sabia o velho como sahir daquella entalação.

— Responda, vovô!

— Tua avó paterna nunca deixou pessôa alguma tirar-lhe o retrato.

— Por que? Papae disse-me que ella era muito bonita.

— Era, sim; era muito bonita, mas tinha as suas esquisitices...

— Bôas! Esquisitices, nada! Papae fica tonto quando lhe faço perguntas sobre a vovó. Tu... a mesma coisa! Sabes? Essa historia que me contam é que está uma historia esquisita!

A ASTUCIA DO DETECTIVE

O transatlantico sulcava rapidamente a immensidade do oceano.

E emquanto todos os passageiros matavam de qualquer maneira aquella monotonia sem fim, Baldo, como ausente de tudo e de todos, preferia um cantinho escuro do "bar" onde se engolfava na leitura de um "Tratado de Policia Scientifica".

Sim, porque precisa saber que elle viajava naquelle luxuoso vapor com a ordem de prender uma senhorita, emerita espia de um paiz estrangeiro.

De repente, fechou o livro, olhou em volta: tudo vazio. Sómente numa mezinha do lado opposto ao seu, um velho senhor e uma graciosa senhorita. Observou-os attentamente. Pareciam discutir sobre um grande mappa extendido sob os seus olhos. Perceberam a presença do joven, mas continuaram. Dali a pouco, ella levantou-se para sahir.

O policial ficou allucinado.

Pertencia á categoria daquellas bellezas puras, que parecem esperar o halito quente do amor para se revelarem em toda a sua esplendidez.

Com o olhar pudicamente reclinado, ella estava para sahir, quando lhe cahiu o leque, que tinha na mão. Baldo, cavalheiro perfeito, não hesitou um instante para apanhál-o e offerecêl-o de volta, com um estudado sorriso de occasião e um estereotypado cumprimento, á sua legitima proprietaria.

— Muito agradecida! — sussurrou ella, pudicamente; o senhor é muito gentil!

— Não diga isso, senhorita! Fiz simplesmente o meu dever Posso acompanhál-a?

Um sorriso esplendido valeu como resposta affirmativa. Sahiram.

Escolheram um logar apartado, perto de uma lancha, e ficaram, ambos como envergonhados, a fixar o mar.

Um delphim salvou a situação.

— Por que corre assim atraz do navio? — perguntou ella, alegre.

— Espera que alguem lhe dê um pouco de comida.

— Uma simples esperança então... Tambem nós a temos: chegar quanto antes ao nosso destino.

Elle não percebeu a manobra.

— A senhorita desembarca em W...?

— Sim. Papae é ali o director do nosso Banco, o Banco Wernen.

— Ah, é aquelle senhor que estava pouco antes no "bar", com a senhorita?

— Perfeitamente!

— Então, senhorita, permitta que me apresente: Baldo Rapper, da policia scientifica!

— Muito prazer! Eu, Clara Wernen...

Naquelle momento, appareceu o velho.

— Papae — gritou ella correndo-lhe ao encontro. — Apresento-lhe o sr. Baldo Rapper, da policia scientifica.

Um athletico aperto de mão sanccionou aquella nova amizade.

* * *

Extendido na cama, o joven tinha o cérebro tormentado. "E' possivel — dizia comsigo

LUAR AFRICANO

Vem-me da luz deste luar tristonho
A lembrança de que já o vi outróra,
Tão saudoso e tão triste, como agora,
O doloroso olhar que nelle ponho;

Tenho clara a impressão que não é sonho
O que minha lembrança rememora.
E volto aos tempos do passado afóra
E o romance da vida recomponho.

Vi-o, sim. Foi nos olhos scismadores
De um nativo roubado destas plagas
Para o exilio cruel da escravidão!

E hoje, atavicamente soffre as dores
As mesmas dores sobre as mesmas vagas
E o mesmo exilio para o coração!

LUIZ LOBO

Bordo do "Siqueira Campos". Noite de 12-11-32. Na costa da Africa.

De Alberto Viggiani

— que eu não seja capaz de descobrir essa mulher!? Qual! Desta vez, os meus superiores cahiram num erro colossal.. Mas, não seria bom dar uma busca nocturna pelo navio, tratando-se da ultima noite que eu passarei a bordo? Deixou o seu camarote e estava para galgar os primeiros degráus de uma escada, quando ouviu que o chamavam.

Ficou maravilhado, quando, na porta de um camarote, reconheceu a sua amiguinha, num deslumbrante pyjama.

— Como, senhorita!? Ainda levantada? a estas horas da noite?

A sua voz trahia a sua intima emoção.

Talvez fosse a primeira vez que elle se encontrava, cara a cara, com uma senhorita, ás duas horas da noite.

— Não tenho somno! Queria lêr, mas a lampada não accende. Quer examinar, por favor?

Um perfume estonteante o hypnotizou ao entrar naquelle quarto.

Deu uma simples volta na lampada e esta subitamente se illuminou.

A visão que se lhe deparou decidiu-o.

Não podendo mais se conter, sedento de amor, apertou nos seus braços aquelle corpo maravilhoso e sellou com um beijo o sorriso triumphal da mulher.

Quando acordou na manhã seguinte, o transatlantico já estava atracado e despejava do seu bojo os passageiros.

Vestiu-se, furioso pela vergonha de uma derrota. Quando pisou o cáes não viu pessôa alguma. Tambem a sua ultima aventura o tinha deixado sem, ao menos, um cumprimento.

Mais tarde, sentado num dos cafés do centro, abriu um jornal.

Uma noticia, em grandes caracteres, feriu-lhe a vista. Leu:

"Dois espiões presos no Grande-Hotel. — Foram hoje presos, num appartamento de luxo do Grande-Hotel, dois espiões ao serviço de uma nação européa e chegados hoje pelo "Majestic". Elle, um velho, fazia-se passar como pae de uma mulher, sua companheira, e como director de um banco que nunca existiu: o Banco Wernen. Ella, muito joven e de rara belleza, fazia-se chamar Clara, mas seu verdadeiro nome é Katy Georgen. Ambos foram recolhidos á Delegacia Central de Policia e estão incommunicaveis, dada a gravidade do caso. A policia está no encalço tambem de um joven de aspecto distincto que durante a viagem estava, ao que parece, em relações com a mulher e que, por isso, se suppõe cumplice. Daremos aos leitores, na nossa segunda edição, uma reportagem detalhada."

Sentiu-se desfallecer. Viu-se algemado, deante de um juiz cruel e sem piedade.

Correu para a estação da Estrada de ferro, comprou uma passagem para um longinqua cidade do interior e, lá chegando, lembrando-se das palavras de seu chefe, (Baldo, um bom policial deve ser indifferente aos encantos de qualquer mulher) pediu telegraphicamente a sua demissão.

O PAU - DE - SEBO

No adro, entre os botequins, sob a tarde de bruma,
Assim que a procissão, de volta, entra na igreja,
Assim que o povo é muito e, em festa, rumoréja,
Vê-se que o páu-de-sêbo, entre applausos, se apruma.

Dizem que leva dez mil réis á ponta. Em suma:
Ouve-se um desafio incitando a peléja
E a creangada, a gritar, se atropéla e praguéja,
Trepando na haste verde, ensaboada de espuma...

E, quando a tarde expira e, enxuta, a haste está limpa,
Um garôto, que sóbe e escorrega da grimpa,
Traz um papel atôa e um buraco na calça.

Como num páu-de-sêbo eu vejo a humanidade:
Em baixo, a luta, o mal, — no alto, a felicidade,
E, ás vezes, o que sóbe acha uma nota falsa.

RUY CÔRTES

DRS.
Heliodoro e Carlos
OSBORNE
RAIOS X
Radiodiagnostico
radiotherapia e
exames em
residencia
Edif. Odeon 7.° and.
SALAS 718 e 719
Tel. 2-6034
RESIDENCIA:
Rua Copacabana, 1052
7 - 3866

HORTENCIA TEIXEIRA (?) — As mulheres, em geral, ou pedem muito ou pedem pouco. Em todo caso, suppõe que nós homens temos obrigação de tudo fazer por ellas...

Mas, em troca de quê?
O seu trabalho me agradou.
E' só?

MARINA (Capital) — Estou encantado (e encabulado tambem) com a insistencia dos seus presentes. E' pena que os não possa retribuir.

Acho muito interessante a sua attitude curiosa. V. ex. nunca me pediu, nem sequer a publicação de um soneto. Não me deve o mais simples obsequio. Nunca me amolou a paciencia. Todavia não esquece de enviar-me, todo mez, uma lembrança amavel, uma prova de sympathia, em summa, seja o que fôr. Ao passo que os "outros" e as "outras" acham apenas que só estou aqui para lhes fazer favores e aturar impertinencia.

Tenho a impressão de que a Terra está rodando... pelo avesso...

ALMA PAULISTA (S. Paulo) — E' com o maior desvanecimento que publico a sua bella carta transbordante de enthusiasmo civico pela nossa patria.

Eis a sua missiva, na integra:

"Yves. Envolvida no sorvedouro irresistivel da exaltação civica de S. Carlos, depois desses meses intensos de enthusiasmos, receios, esperanças, inquietações, senti, de repente, talvês pelo excesso de esforço que o enthusiasmo disfarçava, uma estranha fadiga e um desejo enorme de repouso.

Refugiada entre os morros asperos desta fazenda sonolenta, esperei que o silencio, o socego, a grande calma dessas tardes quentes distendessem sobre a ansiedade que acompanha estes tempos inquietos, um pouco de descanso.

Veio, sabe como? lendo o que você escreveu.

Escute: eu sei que você um dia disse e seria capaz de repetir, mesmo hoje em que estamos no regimen de ditadura, gostar das paulistas, sei que você é de uma terra prospera e fidalga que tratou bem aos nossos prisioneiros politicos, mas, confesso Yves, nada disso far-me-iam escrever-lhe si não tivesse lido no "Fon-Fon" de 12 de Novembro estas linhas suas á Crudelia: — "A sua cartinha é muito delicada. E vindo agora de S. Paulo o glorioso S. Paulo que tanto admiramos, eu só tenho motivos de contentamento. — "

E no emtanto, Crudelia não deve, não póde ser paulista.

Vive neste estado, mas não póde ser filha delle, porque si fosse, ella deveria conhecer o ideal de nossa revolução e tambem isso que Dr. Djalma Pinheiro Chagas uma nobre alma bem diferente de sua terra, murmurou: — "S. Paulo é o unico estado a consentir que homens de outras terras occupem cargos de responsabilidade, inclusive o de presidente do Estado como sejam: Bernardino de Campos, mineiro; Albuquerque Lins, alagoano; Washington Luis, fluminense, fato que na minha terra seria impossivel por vedal-o em absoluto a propria Constituição Estadoal" — e não dizia que desejáramos elevar-nos deprimindo os outros.

Recordei-me então das palavras lidas em "Le Printemps Meurtri", como si não se referissem á Zouleikah e sim á uma paulista:

"Elle était inconsolable. Elle était un jardin de roses que le soleil ne visitait plus."

E na pequena simpathia que para nós, paulistas, tem um valor imenso foi que me fez enviar-lhe esta cartinha para dizer-lhe apenas uma palavra.

— Obrigada.

Alma Paulista."

Viva S. Paulo! Viva o Brasil!

PAULISTA (S. Paulo) — Infelizmente, não posso publicar a carta que me remette, apreciando a revolução de S. Paulo.

Bem sabe que a situação não é de molde a permittir expansões tão candentes... "A bon entendeur..."

ALBA (Capital) — Hum! Que me diz? Uma pernambucana?

Escreve v. ex.:

"Caro Yves. Saudações. Sinto imensamente, não estar na minha Mauricéa, pois, escrevendo-lhe de lá, talvez merecesse um momento de atenção sua.

Não julgue que vou (como a maior parte dos seus leitores), elogiar-lhe os meritos, para depois dar-lhe uma "facada", pedindo publicação para uns versos de "pés quebrados".

Oh! Absolutamente, Yves, escrevo-lhe somente impelida por um impulso natural, para agradecer-lhe os momentos deliciosos, que me proporciona a leitura dos seus escritos.

Tambem sou pernambucana, e vivo aqui no Rio, das saudades de Recife e da esperança de para lá voltar um dia.

Admiro muito a sua inteligencia, apreciando-o ainda mais, pelos elogios (aliás justos) que você faz á sua terra, nunca a esquecendo, o que diminue um pouco o conceito máo que fazem aqui, de Pernambuco.

Li a resposta que você deu á "Flor Pernambucana", no "Fon-Fon" de 14 do corrente. Como fiquei emocionada, ao ver o que disse de Olinda, de Bôa-Viagem, e dos seus coqueiros, que trago sempre na imaginação, principalmente nas horas que mais fortemente a saudade me invade o coração.

Porém, Yves, si um dia regressar ao Recife, de lá enviar-lhe-ei algumas cartas e lembranças, para

— E por que não queres dar um beijo nesta senhora, tão bonita?
— Porque papae, o outro dia, quiz dar-lhe um, e levou uma bofetada.

demonstrar mais, quão digna é a sua terra do seu amor por ela.

Enfim, peço desculpar a "amolação", e querer um pouco á conterranea

Alba."

Pois, sim, d. Alba... Mande as suas cartinhas de Pernambuco...

Eu sou um homem deliciosamente platonico...

CARDOSO FILHO (R. G. do Sul) — Obrigado pela homenagem que me presta. Entreguei ao secretario o conto que me offereceu.

E' elle quem o vae julgar.

SALY (?) — Olá! Como tem passado? Bem? E o collegio? Que tal? Vida cacéte, não?

Eu fui educado em collegio de padre — seminario.

Quanta hypocrisia, santo Deus!

O que mais me apavorava era a cafúa e o "grude"...

A cafúa era uma cella hedionda, onde se prendiam, por duas e tres horas, os meninos incorrigiveis. Escura, tinha as paredes cheias de caveiras, esqueletos e sêres destinados a inspirar pavor aos "solitarios".

No tempo, o 1.º premio em cafúa, era um garôto de nome Coura. Esse Coura chegava á perfeição de collocar rabos de papel nos professores e "prefeitos" (encarregados de turmas).

Eu era o 5.º ou 6.º premio. Recordo-me, porém, de que, toda vez que era preso, fazia um berreiro tal, que logo era removido para outra prisão onde houvesse menos caveiras...

Sim, porque o meu medo era só dos mortos... Os vivos, eu lhes dava pancada.

O outro pavor no seminario era, como já disse, o que chamavamos o "grude", isto é, o pirão ou angú que nos davam diariamente ao jantar. Tinha cheiro de couro de boi, de ovo, de tudo quanto era intragavel.

Depois — tome reza em cima. Padre Nosso, Ave Maria, Salve Rainha... Que sei eu?

Um dia, fugi do collegio. Levei uma surra e um banho de agua fria... Escapei, no entanto, da sotaina...

Comprehendo bem o que é a sua vida de collegial, dentro de um convento...

A sua missiva é digna de ser lida. Vejamol-a:

"Yves. Não sei se vou dizer tolices; só sei que quero conversar com você. Seria suave sentar-se afundada ao seu lado, n'um divan bem macio e tagarelar... tagarelar. Sinto-me como um passarinho prisioneiro que lhe abriram a porta e na soleira ele não sabe para onde voar. A minha gaiola é o collegio. Saí delle ha dias. Você não calcula como tenho vontade de conhecer a vida com todos os seus encantos. Tenho avidez por ela. Invejo-lhe; você parece que vive tão depressa em pouco tempo... Eu, quinze anos feitos, amarrado á vida atravez das grades de um colegio de freira. Até aqui minha vida se limitava no estudo, machucando as teclas do piano, ouvindo conselhos das freiras e rezando. Mas agora não sei... Sinto que não me basta isso. Queria ouvir e vêr algo desconhecido. Tenho vontade de conversar muito com um homem que mostre o caminho belo da vida. Você dirá que tenho meus pais. Mas, eles meu Deus! estão tão em desacordo com minhas ideias! Tudo é feio! Sair sósinha!... Cruzes! Que horror... A maledicencia... Uma creança... mil cousas. Cinema?!... Uma perdição! Livros só os de estudo. Caramba! Já estou farta de tudo isto. Meus labios tem necessidade de dizer palavras lindas a uma pessôa que me olhe com a ternura como a que o meu vizinho olha para a namorada. O' Yves! Eu queria que alguem me compreendesse. Tudo que me dizem as amigas dos romances, bailes, é tão lindo!... Mas ia me esquecendo do mais importante que tenho a contar: Uma vizinha me prometteu emprestar um livro seu: "Uma Garçone Carioca". Disse-me que nele conhecerei um pouco da vida. Dessa vida que eu não sei nada e dizem ser tão bela!

Mas para lêr o seu livro é preciso trancar-me a sete chaves, sinão... o papae me põe de castigo. Um dia mamãe encontrou debaixo do meu travesseiro um romance que me disseram ser muito lindo... Chama-se *Confidencia*, por Lamartine. Não cheguei a le-lo, mas o seu, nem que seja para ler cinco minutos cada dia, hei de le-lo todinho.

Leio o "Fon-Fon" em casa dessa vizinha que me vae emprestar o livro. Por isso adoro-a.

Yves, peço-lhe me acolher como amiguinha. Você dará muito prazer a esta sua admiradora, *Saly*."

Quer ouvir uma opinião? A vida só se conhece de dois modos: amando e soffrendo.

Veja se consegue amar a alguem que a ame tambem, e que depois a deixe de amar...

Nesse dia, então espero que me escreverá uma nova cartinha... Talvez não cor de rosa, como a de hoje — mas, lilaz... Rôxa... Côr de poesia, de soffrimento e de sonho...

Gostou?

SEVY (?) — Li e reli a sua cartinha amavel, e tive apenas esse suspiro langue: "Ai! ai! Caí num poço!"

Mas, fóra de brincadeira, leiamos a sua carta. Dois pontos:

"Yves. Não lhe escrevo para pedir sua opinião sobre poesias ou contos, nem pense nisto; primeiro porque não faço poesias nem contos, e segundo, porque se os fizesse, nunca pediria a sua opinião porque você é tão ironico que torna-se um rapaz máu!

Escrevo-lhe somente para receber uma carta sua e porque lhe simpatiso muito (não fique convencido.) A prova é que para poder communicar-me com você, foi preciso trancar-me no meu quarto, e dizer a Miss Mary que estava com dôr de cabeça. Se esta soubesse que eu estou escrevendo a um rapaz daria logo um imenso: chiiii! e iria imediatamente dizer a mamãe.

Miss Mary é minha governanta, uma ingleza muito magra e impertinente; Yves, você quando era pequeno tambem teve uma governanta? Não é um verdadeiro traste?

Agora, eu vou lhe fazer um pedido: Eu devo lhe parecer uma menina muito mal educada e cheia de vontades, mas que quer? Sou filha unica e nunca me abituei a pedir as cousas que não me fizessem a vontade. Meu pedido é um tanto egoista mais justo: em primeiro, quero que você não publique minha carta, depois que não a ridicularise e principalmente que, não aplique a ela uma anedóta. Oh! eu ficaria seriamente zangada com você, lhe acharia um rapaz feio e indelicado.

E' verdade que minha carta junto com as outras que você recebe deve parecer muito mediocre, mas dizem que para se saber escrever é preciso lêr muito não é? Pois é isso que me falta, só me dão li-

(Cont. na pag. seguinte)

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redação. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 28-1-933

Data da consulta............

Nome do consulente............

....

AS PESSOAS DE IDADE AVANÇADA GANHAM FORÇAS COM O OLEO DE FIGADO DE BACALHAU

O Oleo de Figado de Bacalhau, grande fortificante, concentrado em pastilhas cobertas de assucar. Tonico poderoso e de gosto agradavel.

Não ha nenhuma razão para que nestes dias de progressos scientificos, a pessôa se deixe dominar pela fraqueza que sobrevem na idade avançada. Já é tempo que todo o mundo saiba, que o oleo de figado de bacalhau contem, mais que nenhuma outra substancia conhecida, as valiosas vitaminas recentemente descobertas. E' o maior reconstituinte do organismo que se conhece para os velhos e as pessôas debeis e doentias, e de saude abalada.

As Pastilhas McCoy (Macoy) de oleo de figado de bacalhau, beneficiarão V. S. Investigações scientificas praticadas no Instituto Lister de Londres, demonstraram que o oleo de figado de bacalhau contem 250 vezes mais vitaminas que a melhor manteiga! Com as Pastilhas McCoy V. S. obtem todos os elementos bemfazejos do oleo de figado de bacalhau numa fórma agradavel ao paladar, e por isso, constituem o tonico ideal e reconstituinte do corpo.

Por que não ha de sentir-se dez annos mais joven? Para que não fortalecer o corpo e a mente com uma vitalidade nova? Tome as Pastilhas McCoy de oleo de figado de bacalhau durante um mez e sentir-se-á dez annos mais joven. Compre as Pastilhas McCoy nas pharmacias; seu preço é modico.

vres de Delly e Hardel, ora, eu não os suporto, tudo a mesma cousa; um primo muito velho que casa-se com uma prima muito moça! Yves diga a verdade, você gosta disto?

Uma vez encontrei um livro, "A mulher e o Diabo" li-o achando optimo, mas quando estava na metade mamãe tomou-o dizendo que não era um livro proprio para minha idade!

Quando você era pequeno nunca lhe disseram que fazer isto ou aquillo não era proprio de sua idade? Eu tenho odio desta fraze.

Yves, eu estou esperando sua resposta, mas... sem ironia, sim? Fale-me muito deste belo Rio que só verei no inverno. Estou louca que chegue este dia, sou pernambucana mais gosto mais um pouquinho do Rio.

Adeus Yves, seja bom para mim sim?

Sevy."

Resposta:

1.° — Como vê, não publiquei a sua carta. O que sáe publicado aqui é a copia da carta de Sevy. A *copia*, veja bem.

2.° — Não a ridicularizo. Apenas, quero frisar o seguinte: no meu tempo, não se usava isso de "gouvernante", invenção ou adaptação da educação franceza. No meu tempo, o que estava em uso era a *mãe-preta*.

A minha *mãe-preta* era uma cabocla chamada Tonha, mulher valente decidida e dedicada até á medulla.

Ella me ensinava a ser leal, a combater a hypocrisia e não ter medo de carêtas.

Quando eu fazia manhas, ou fingia de archanjo, ella me "empurrava" o cipó — para que fosse homem de verdade e me preparasse, desde cedo, para os entrechoques da vida...

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

3.° — V. ex. me pede não applicar anecdotas ao caso da sua carta... Ou antes, á sua carta...

Perfeitamente! Anecdota?

"Jamais de la vie...:" Mas, dê licença que lhe conte uma historieta do tamanho de um alfinete.

Certa vez, uma joven muito sabida, mas, ao mesmo tempo, preoccupada em passar por *bebé* chorona, resolveu me pedir um conselho, sobre o modo mais pratico de aprender a viver...

Sabe a resposta que lhe dei? — Compre uma chupeta...

DESSAUNE (E. Santo) — Oh, sou-lhe infinitamente grato pelo cartão de bôas festas, que me enviou, representando uma vista da bella e encantadora Victoria.

Diz o seu postal, textualmente:

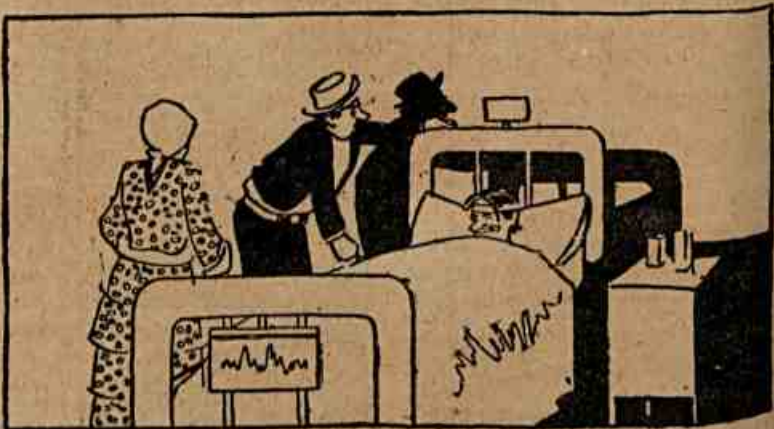
"A Yves, com muitos votos de felicidades, Eiley Etienne Dessaune, deseja que esta vista lhe desperte a curiosidade de conhecer esta terrinha *mignon*, para alegria das capichabas. Vistoria, 2 de janeiro de 1933."

Ora, é claro que me interesso pelas capichabas e chego mesmo a adoral-as. As capichabas são lindas. São lindas, saudaveis e intelligentes como as paulistas e as gaúchas.

Quando se fala em paulista e gaúcha é preciso encher a bocca de rosas... E', pois, com os labios cheios de mel e perfume que desejo saudar as filhas do Espirito Santo, fazendo votos para que ellas arranjem bellos noivos e o bom Deus as conserve, sempre nos dezoito annos...

Per omnia secula, seculorum — Amen.

Que tal, capichaba formosa?

Yves

— Sim meu velho, já me deram a má noticia de que não poderás mais trabalhar.

— E chamas a isso má noticia?...

Não Sofra

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Bocca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dôres de Cabeça, Dôres no Peito, Dôres nas Costas, Dôres nas Cadeiras, Pontadas e Dôres no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbidos nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na pele, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc. etc. Tudo isto pode ser causado pela inflamação do Utero!

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente.

O Utero é assim: quando elle está Doente todos os outros Orgãos sentem tambem.

Trate-se! Trate-se!

Use Regulador Gesteira

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira

Não é bastante saber do papel extraordinariamente importante que a hygiene intima feminina, observada pela pratica de lavagens, desempenha na saúde da mulher e concorre para manter e exalçar os seus encantos. Para se obter todas as vantagens da hygiene feminina sem quaesquer riscos ou decepções, deve-se usar o desinfectante LYSOL.

Na Europa e nos Estados Unidos, o LYSOL já conquistou a inteira confiança das senhoras. Por esse motivo, no momento mais importante da vida de uma mulher — ao dar á luz — quando a propria vida depende de uma desinfecção completa e perfeita, é que o uso do LYSOL se tem generalizado em toda a parte do mundo.

Recusem substitutos; use-se o LYSOL, abrigando-se de todos os riscos.

Observem-se cuidadosamente as instrucções.

Fabricado por
Schülke & Mayr, A.G.
Hamburgo, Allemanha.

O PRESENTE INESPERADO

De JEAN CHARLES REYNAUD

(O sr. Daniel Sivry, compositor de musica, Paris, á srta. Suzanna Geoffroy, Riom).

(Puy de Dome)

ESTA nova carta, minha cara Suzanna, vae levar-lhe uma surpreza, e uma alegria, cuja natureza, com certeza, a nossa correspondencia e as nossas conversas passadas não podiam fazer prever.

Ha muito tempo já que eu lhe reservava uma e outra, porém a data que havia marcado para a realização obrigou-me a uma demora, pela qual sei que não me levará a mal... No curso de um dos frequentes momentos que consagro ao seu pensamento, lembrei-me de que maneira elegante você me descrevera um dia suas alegrias de menina, quando, pelos Nataes de sua infancia — que ainda estão tão proximos — guarneciam o seu pequeno calçado, e o amor especial que os seus dezoito annos haviam conservado pelos presentes que essa festa continuava a prodigalizar-lhe.

Então prometti a mim mesmo fazer-lhe tambem, este anno, um presente... a meu modo. Mas, antes de lhe dizer o nome, vamos, si me permitte, voltar alguns instantes a certas horas deste verão que você bem conhece.

Nunca esquecerei, amiguinha, a profunda impressão que você me produziu immediatamente, quando me apresentei em sua casa de Riom, para onde seu pae, fortuitamente meu hospede em Paris, teve a gentileza de me convidar... Agradecia aos seus paes o convite e só via uma mocinha que me parecia..., encantadora, direi simplesmente, para não offender uma modestia que reconheço tão sincera quanto exaggerada...

Seu pae pretendia reter-me até que eu tivesse visitado toda a região que me era desconhecida e, si a minha discreção me fez protestar no primeiro dia, desde o segundo já oppuz resistencia tão sem convicção que vocês eram as primeiras a rir... E' que já sentia as premissas de uma felicidade, cujo nome minha alma cantava secretamente.

Agradava-me descobrir em você uma natureza simples, recta e franca... Reconhecemos ambos ter gostos semelhantes, aspirações irmãs... Voluntariamente você falava muito em musica e mostrava por essa arte, ao mesmo tempo, inclinação enthusiasta e aptidões ricas de sensibilidade, e de comprehensão... Você testemunhava pelo que queria chamar "meu talento", uma admiração tão fervorosa, tão continua, que me teria confundido se não tivesse correspondido ao meu desejo de agradar-lhe o mais possivel.

E nós levavamos nossas palestras a multiplas excursões, onde a montanha grandiosa parecia dar uma importancia capital ás palavras e o amplo horizonte desenvolver sentimento e o pensamento durante os silencios... Meu amor crescia, porém eu não me declarava, porque não comprehendia muito bem si devia interpretar como reciprocidade as effusões e os elogios cuja base era a musica...

Uma noite, em que seu pae nos trazia de um passeio longinquo ao ruído calmo e vagaroso do seu auto, o opulento luar dava á paizagem uma magnificencia luminosa e predispunha a alma a coisas excepcionaes. Achei-me, repentinamente, prompto á confissão e, tomando sua mão, pedi-a, tremendo, si eu lhe desagradasse para marido... Seu olhar demonstrou uma admiração radiante... Você me disse: "Ah! si eu soubesse!..." Em seguida, accrescentou, num impeto: "Oh! ficaria bem contente!"

E logo depois você me declarou, com voz calma e sem perturbação, no olhar: "Está prometido, mas

não antes de um anno, porque quero aproveitar mais um pouco a vida de solteira"... Nesse dia senti uma immensa felicidade...

Desde então, você parecia sentir um prazer divertido no segredo que existia entre nós. E eu, que possuia um sentimento mais grave, não podia, ás vezes, comparar o meu estado de alma ao seu.

Um dia, uns amigos trouxeram á sua casa um moço vindo de Paris, como eu, André Lafféré. Seus meritos intellectuaes e suas qualidades physicas nunca procurei julgar, inclinado deante dessa superioridade sufficiente, que ella soube agradar-lhe immediatamente, inteiramente, irresistivelmente... Ah! com que olhos, já voluntariamente subjugados, você o olhava no dia seguinte!... Senti, no mesmo segundo em que surprehendi a sua expressão, que você nunca tivera esse olhar para mim...

E ainda senti, nos dias que se seguiram, apesar de sua bondade delicada se applicar em conservar-me sua attenção, que nunca você me tinha falado com aquella voz velada, ás vezes, de emoção secreta... Como pudera ter-me enganado com seus olhos limpidos, sua voz clara, na hora de uma promessa para toda a vida, cuja realização só era almejada em época remota?

Suzanna, desligo-a dessa promessa. Conheço demais a sua natureza recta e sensivel e adivinho que si você não procurou dar seguimento aos momentos inesqueciveis que experimentou junto de André Lafféré, é que teme causar-me um grande desgosto...

Eu seria um criminoso, vê si deixasse seu amor joven, claro e puro tornar uma feição de dor... Frequentemente, sem duvida, os que amam finalizam os sorrisos em lagrimas, mas os que já experimentaram o rigor dessa lei, sabem melhor supportal-o e é por isso que eu, com os meus vinte e seis annos, que já formam um passado, pude curar-me ao ponto de não sentir no coração, hoje, mais que uma alegria immensa, reflectida de antemão pela que vae encher o seu coração... E isto eu lhe juro, como tambem lhe asseguro que você não deve procurar crêr que o seu sentimento para commigo é um amor de outra especie... Que você tenha admiração — o termo é seu, menina exaggerada — pelas minhas faculdades musicaes, concedo e lhe agradeço, porém que me amasse por isso, dou-lhe o mais formal desmentido... Amar não significa "amar o talento ou a intelligencia de alguem", mas "amar esse alguem" somente...

Então, eis o que tenho a dizer-lhe... Tendo André Lafféré deixado transbordar o coração com certos amigos, assim como você deixou transbordar o seu com algumas confidencias — tudo se sabe — julguei-me autorizado a pôr seu pae ao corrente, por occasião de uma viagem opportuna á capital... Este declarou que um moço que tivesse notado a filha não lhe podia desagradar completamente, pois possuia, ao menos, uma qualidade: o bom gosto... Repliquei-lhe que reconhecia no pretendente qualidades dentre as quaes a de ser um engenheiro cheio dos conhecimentos geraes que um industrial podia utilizar com proveito... Seu pae interessou-se e concluiu que um moço destes lhe parecia de muito futuro, do qual se occuparia... Em consequencia André Lafféré deve entrar ao serviço de seu pae no dia 1º de janeiro e, para não entrar no trabalho logo á chegada, segue para Riom alguns dias antes...

Suzanna, no dia 25 de dezembro, pela manhã, após ter se regosijado com os presentes que lhe tiveram reservado, vá á Estação, espere um trem e, quando este chegar, você se alegrará, de novo e muito mais desta vez e será a minha recompensa — pois pela porta, aberta ás pressas, chegar-lhe-á o meu presente de Natal: André Lafféré, a quem você ama e que a ama.

ÓRPHÃ

Quando tu choras, astro somnolento,
Órphã querida, martyr innocente!
Soluça a alma da flôr, soluça o Poente,
Soluça a voz agonica do vento!

Envôlto á angustia viva dum lamento,
Teu coração suspira tristemente...
Como um som melancolico, gemente,
Perdido na amplidão do Firmamento!

O' criança innocente, alma de arminho!
Quando exclamares, trémula, chorando:
— Dá-me, ó Mãe, o calôr do teu carinho...

Sua alma voará, levada pelas
Auras, ao céu do teu olhar, cantando
A canção que o Arreból canta ás estrellas!

WAGNER DE MONTALVÃO

(Do livro: "Urna de Lagrimas", a sahir).

***Acaba de realizar-se em São Paulo uma exposição de productos pharmaceuticos, commemorativa do 1º centenario da instituição do ensino pharmaceutico no Brasil.

A firma Dr. Raul Leite & Cia, bem como outras da mesma especialidade, do Rio e de São Paulo, concorreram a esse certamen. O jury instituido para o julgamento dos mostruarios foi escolhido entre os nomes de maior relevo nas letras medicas e chimicas da Paulicéa, ficando composto dos srs dr. Afranio do Amaral, director do Instituto Butantan; dr. Jayme Regalo Pereira, professor da Faculdade de Medicina daquella capital; professor Machado Filho lente da Escola de Pharmacia, e pharmaceutico Cornelio Taddei, presidente da União Pharmaceutica de São Paulo.

A commissão julgadora reuniu-se em 8 deste mez, no Palacio Teçayudaba, e, depois de demorado estudo dos mostruarios das firmas expositoras, resolveu conferir, aos productos da firma Dr. Raul Leite & Cia., a classificação de "Hers Concours" (Fóra de concurso).

As secções de chimiotherapia, microbiologia, hermotherapia da firma Dr. Raul Leite & Cia, muito concorreram para o brilho e valor de seus mostruarios, mas a de productos chimicos, arrojado esforço de justa emancipação, talvez tenha decidido tão elevada distincção.

— Vaes tomar banho agora, que acabaste de almoçar?
— Então, não viste que só comi peixe?

CURSO FREYCINET
ENSINO SECUNDARIO E COMMERCIAL OFFICIALISADOS
Diurno e Nocturno

EXAME DE ADMISSÃO — As inscripções deverão ser feitas de 1 a 15 de Fevereiro, tanto para o curso gymnasial como para o commercial. O exame de admissão ao curso gymnasial terá inicio a 22 de Fevereiro, ás 9 horas, e ao curso commercial a 20 de Fevereiro, ás 9 horas.

MATRICULAS E TRANSFERENCIAS — No curso gymnasial até 14 de Março, no commercial até 25 de Fevereiro, no de admissão desde 15 de Fevereiro e no vestibular para a Escola Militar desde 15 de Março.

INFORMAÇÕES — Rua do Ouvidor n.º 173 - 1.º andar, de 8 1/2 ás 21 1/2 horas

NOTAS DE ARTE

CARMEN KUENERZ E ANTONIO PACHECO FERRAZ. — Não nos tendo sido possivel attender ao convite para comparecer á inauguração da exposição de pintura dos artistas patricios srta. Carmen Kuenerz e sr. Antonio Pacheco Ferraz, alumnos da Beaux Arts de Paris, realizada, em a séde da Sociedade Pro-Arte, lunedia 2ª-f., 16 de janeiro, visitamol-a na tarde do ultimo sabbado.

Não nos arrependemos de o ter feito. Se nenhum quadro nos deu excepcionaes emoções, muitos nos agradaram e todos revelaram o talento e a arte dos dois pintores brasileiros.

De relance distinguimos logo o carinho com que Carmen Kuenerz trata a figura humana e Antonio Pacheco a natureza morta, e ainda a forma, por assim dizer, mais acabada dos quadros da pintora em contraste com o desalinho das pinturas de Antonio Pacheco. Ha na primeira mais do que no segundo harmonia de linhas e de côres. O que parece-me, resulta menos da superioridade de um sobre outro artista que da differença de processos technicos.

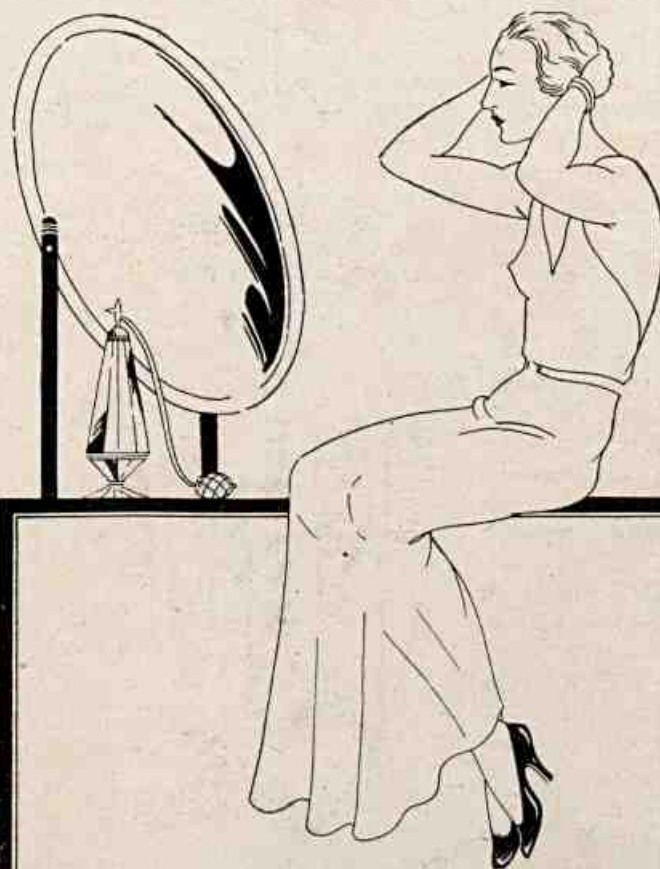
Paysana (?), *Russo*, *Caçador*, *Mademoiselle*, de Carmen Kuenerz, e *Vieille Rue á Concarneau*, *Barcos abandonados*, *Paris á noite* e *Paris chuvoso*, de Antonio Pacheco — são typicos exemplos das duas maneiras peculiares aos dous artistas. Entretanto não seria justo esquecer as bellas idealizações da figura humana em *Leitura*, *Taverna* e *Apostolo*, de A. Pacheco.

Além de 15 quadros, expoz Carmen Kuenerz, 6 desenhos e 5 croquis, e Antonio Pacheco, 76 quadros, 2 desenhos e grande numero de croquis. Revelam todos além do talento, a operosidade dos artistas, que viram alguns dos seus trabalhos figurar em exposições européas: *Paysana*, de C. K., no "Salon" de Vienna, em 1932, e *Mon Portrait*, *Vieille Maison et Chapelle*, de A. P., no "Salon" de Paris, o primeiro em 1928 e o segundo em 1929.

Os commentadores technicos da pintura, poderão dizer se são ou não justificáveis as impressões que nos deram os quadros dos dous artistas e aqui registramos não como critico mas simples chronista de arte.

ABIGAIL PAREDIS. — Continua ansiosamente esperado o recital da joven e já notavel artista brasileira, Abigail Paredis, que se deve realizar em dia ainda não marcado, com um variado programma, onde será apreciada mais uma face do talento lyrico da recitalista. Não só trechos de musica dramatica, como tambem peças de musica de camera, serão motivos para novos triumphos da victoriosa cantora de *Elixir de Amor*, *Traviata*, *Mme. Butterfly*, *Manon* e *Guarany*.

Serão feitos os acompanhamentos por um dos nossos mais applaudidos acompanhadores, que é tambem notavel solista, o pianista Mario de Azevedo.

OSCAR D'ALVA

BANDOLINA — Perfumada a
ROYAL BRIAR
Tonico ideal para fixar e assentar o cabello
A BANDOLINA ATKINSON é um producto tonificante e fixador para o cabello e que se está impondo, em todo o mundo, como o processo ideal para conservação de um penteado perfeito.
ATKINSON
LONDRES - PARIS - BUENOS AIRES - RIO
A' VENDA EM TODO O BRASIL

Escriptores e livros

Neves Manta — PSYCHANALYSE DA ALMA COLLECTIVA — Edts. Flores & Mano — Rio — 3$

ESTE trabalho, incluido entre os volumes da *Bibliotheca de cultura medico-psychologica*, é um dos mais bellos, sinão o mais valioso, até agora sahido da penna de Neves Manta. E' um ensaio de observação da alma das multidões, no qual o autor focaliza interessantes aspectos do movimento revolucionario paulista, desenvolvendo a curiosa these que serviu de base ao seu estudo. Ao lado do valor scientifico do trabalho, temos que admirar a segurança do manejo da lingua, que tornou Neves Manta um dos melhores escriptores da geração actual. O volume traz os seguintes capitulos: *A expressão dynamica das multidões; As paixões collectivas; O impulso das multidões; As multidões nevroticas; A nevrose revolucionaria; O sentimento de alma collectiva; Symptomatologia das multidões nevroticas; O chefe e a massa; Do abstracto para o concreto ou o verdadeiro conceito de loucura imposta; Syntheses e affirmações.*

ALFRED POIZAT

LE MIRACLE JUIF

Cette passionnante histoire des Juifs étonnera les Juifs eux-mêmes.

1 vol. sur velin superieur .... 15 Fcs.

Albin Michel
22 Rue Huyghens
PARIS

F. Trilby — UMA MOÇA DE HOJE — Comp. Editora Nacional — 1932 — 3$

UMA moça de hoje, lá na França, é ainda differente das de cá... Leitura suave, pertencendo o volume á *Nova bibliotheca das moças.*

Paulo Gama — GLORIFICAÇÃO — S. Paulo — 1932

UM grande livro, um formidavel poeta! E' o artista que traz no sangue o nervosismo de uma espantosa expressão verbal — os impetos, o ardor, o sentimentalismo, o sonho, a força, a luta, a exaltação! A poesia de Paulo Gama é mascula, é magnifica, opulenta, não se parece com nenhuma outra, porque traz a marca de uma personalidade inconfundivel. Glorificando a sua terra e o seu amor, Paulo Gama fez a glorificação do seu proprio nome. E' preciso não ter nervos, para deixar de sentir a grandiosidade de *A cavalgada dos cumes.*

Picos longos, altivos, sobranceiros!
— cavalleiros
de pedra que montam no dorso da serra!
e arrogam ao ceu
o branco véu
das nuvens como um penacho de guerra!

Picos cristalizados nas carreiras,
nos galopes, nas furias, nos tropéis...
— que ainda cavalgam ardidas montadas
e mostram sobre o ceu, petrificadas,
as ancas, em corcovos, dos corcéis;
e sobre os flancos, agitadas,
as caudas brancas das cachoeiras!...

Picos ameaçadores
em cujos penhascais o vento espanta
sons, mistérios, angustias e distancias!
e traz, rolando nos despenhadeiros,
esse rumor que canta
em clarins, em cornetas, em tambores,
— como as vozes confusas dos guerreiros
descabellados, pelas culminancias...
Picos audazes que ao sol poente,
se encarniçam na sorte das batalhas;
e despedaçam pelos barrancos
elmos doirados, pratas de armaduras;
e derramam no ceu o sangue ardente
das feridas abertas pelos flancos...
e adormecem no somno das mortalhas
pelas noites escuras...

....

— Subi! Lutai! vencei! — Que ha sempre um novo
encanto, um novo ideal na nova guerra...
Vós sois o sonho que arde no meu povo
e a grandeza que brilha em minha terra!

O exemplo seria bastante para fazer sentir aos nossos leitores que não exaggerámos na exclamação inicial: um grande livro, um formidavel poeta! Entretanto, a musica dos versos de Paulo Gama enternece quando elle canta o amor.

O que terá de ser... — Uma gloria infinita,
uma gloria maior que o sonho que eu sonhei-
ou o supremo inconsôlo, a interminia desdita
nem sei, meu Deus! nem sei!...
Terá de ser assim:
— ter-te comigo, e ter o mundo inteiro
porque vives p'ra mim!
ou não ter vida, ou não ter sonho, ou não ter mundo!

ter, apenas, o horror de um tormento profundo,
que ha de ser a loucura, o desespero,
a terra, o pranto, a dor, a morte, o fim...

Terá de ser assim tudo quanto imagino,
o que depende de um só gesto do destino!

E esse gesto final, pelo que eu tenho amado,
pelo mal sem razão que teu olhar me fez,
para acender em mim um céu todo estrelado,
ou para desgraçar-me, de uma vez!...

Ou então, senti-lo em *Saudade*.

Saudade...
— Queixume que arde na felicidade
de ter-se uma pessôa em que pensar...
ficar-se absorto e triste, olhando a esmo,
e, voltando á tristeza de si mesmo,
dando acôrdo de si, pôr-se a chorar...

E, caminhando, vamos lêr muitas vezes a musica de tuas mãos.

Dá-me essa mão pequena
que é flor de cinco petalas de minh'alma...
deixa eu tê-la entre os dedos, longamente,
a tremer, a fremir, a palpitar!
Tem pena
de minha mão, que se abre ansiosamente,
e te busca, e tateia, e te procura, e espalma
os dedos... e, afinal, fica sem te encontrar...

Não fazemos favor, incluindo *Glorificação* entre os melhores livros de versos apparecidos nestes ultimos annos.

LIVROS DE MARIO POPPE

DO QUE ELLAS GOSTAM
A CIDADE DO AMOR
VOCÊ ME CONHECE?
A MULHER QUE MATA

Pelo correio 5$000

Casa Editora Braz Lauria. — Rua Gonçalves Dias, 78 — RIO. — Esta casa possúe o mais completo sortimento de livros, figurinos e revistas estrangeiras, attendendo a qualquer pedido do interior, mediante vale postal.

Victor Pauchet — O OUTOMNO DA VIDA — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 5$

O outomno da vida... O autor, neste livro, espalha as suas lições de optimismo, preparando o homem e a mulher, para entrar no inverno, apenas com ligeira saudade do passado... Brieux, no prefacio da obra, affirma que o outomno dá a alegria da colheita. Porém, essa colheita é a ultima! Emfim, prolongar a vida pelos preceitos da hygiene póde ser util, e o dr. Pauchet ensina a seu modo como isso se consegue, passando por cima da idade critica.

Jean Webster — PAPAE PERNILONGO — Civilização Brasileira Editora — Rio — 5$

A novella de Webster, representada pela festejada artista da téla Janet Gaynor, constitúe o primeiro volume da *Collecção do livro-film*, que vem de apparecer. O volume é illustrado com as scenas do *film*, novidade que vae naturalmente despertar a curiosidade do publico.

H. Rider Haggard — ELLA — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 5$

UMA aventura, que constitúe a experiencia mais extraordinaria e mysteriosa por que tenha passado um mortal... Eis o curioso volume da *Collecção Para Todos*, cujo autor dispensa recommendação.

Concordia Merrel — CASAMENTO POR VINGANÇA — Comp. Editora Nacional — 1932 — 3$

O titulo desvenda inteiramente o romance sahido da penna de Concordia Merrel. A traducção é de Mario Sette, sendo o volume da *Nova bibliotheca das moças*.

Maria M. de Bruzom — A ALLEMANHA DESLUMBRANTE — Editor Calvino Filho — 1933

IMPRESSÕES de viagem. Melhor diriamos, um diario de viagem. A autora foi registrando o que viu, especie de reportagem cinematographica, tumultuaria, e transportou tudo para o seu livro. Cidades que desfilam deante do olhar do leitor, sem nenhuma nota emotiva ou traço original de observação da autora do livro. Para Essen, por exemplo, treze linhas; para Frankfurt do Meno, berço de Goethe, nove apenas. Tão escassos registros, afinal, não despertam o menor interesse, nem exprimem coisa alguma. Entretanto, percebe-se que a autora tem intelligencia para empreza de maior folego.

T. Trilby. — SONHO DE AMOR. — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 3$

ESTE romance, de enredo simples, apparece na *Nova bibliotheca das moças*.

Mario Poppe

PARAMOUNT
EM 1933
CONSTANCE BENNETT
em HOLLYWOOD
(What Price Hollywood)
A vida affectiva que Hollywood disfarça sob se ouropéis com que se veste, descripta por quem melhor a conhece:
CONSTANCE BENNETT
RKO PATHE
DISTRIBUIÇÃO PARAMOUNT
GEORGE BANCROFT
e
WYNNE GIBSON
em HOMEM DE PESO
(Lady and Gent)
A historia de duas almas tão bôas que ignoravam a sua propria bondade.
NANCY CARROL
e
FREDRIC MARCH
em O ANJO DA NOITE
(The Night Angel)
Um caso sentimental que começa por paginas de odio, e acaba num infinito capitulo de amor.
VICTOR MAC LAGLEN
e EDMUND LOWE
em
QUEM FOI QUE MATOU!
(Guilty as Hell)
Um duello de argucia travado sob os olhos do publico, e em beneficio do seu bom humor.
PAUL LUKAS
e
DOROTHY JORDAN em
O CELIBATARIO CARINHOSO
(The Beloved Bachelor)
Episodios da Vida de um Bohemio do Amor.
CLIVE BROOK
e
CLODETTE COLBERT
em
"O HOMEM DE HONTEM"
(The Man from Yesterday)
A historia tragica de um resuscitado da guerra!
BREVE:
CINE MANIACO
com
HAROLD LLOYD

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 4

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 28 de Janeiro de 1933

Mulheres...

— ORA, meu amigo, o que entende você de mulheres?!...

— Nada. Nem existe quem as entenda. Acabaria doido si procurasse decifrar, ao menos, certa mulher...

— Um segredo do coração?!

— Uma dôr insopitavel, uma saudade cruel!

— Como todas as saudades...

— A dôr de uma desillusão.

— Como?

— Sei lá!... Nunca lhe aconteceu suppôr que era feliz?

— Nunca.

— Pois, já é meio caminho para a felicidade. Não esperar. Não crêr. Infinita doçura para os nossos cinco sentidos de animal profundamente inferior.

— Oh!

— Você vae comprehender, minha amiga. O amor...

— Más, tratavamos de mulheres...

— Justamente.

— Então?...

— Tambem nunca acreditei...

— No amor?...

— Ahi está!... Nós somos mais ingenuos do que as mulheres.

— Por que?

— Porque, ás vezes, levamos o amor a sério.

— Que graça!...

— Por que não, desgraça?!...

— Nada entendo do amor...

— Entretanto, você vae comprehender um romance triste que a vida escreveu...

— Verdade?

— Um pouco de attenção, e piedade...

— E' necessario?

— Talvez... O caso é que habitei um mundo povoado de lindas mulheres. Sorria e passava. Colhia beijos como colhia as flores que encontrava pelas manhãs, no meu jardim, frescas, orvalhadas. Saturava-me do perfume da carne e das rosas, embora isto lhe pareça estranho... Mas, você sabe que a rosa tem muito da mulher. Pelo menos a polpa dos labios tem o velludo das petalas... Brincava, como creança descuidada, solta, ao léo da vida. Certa vez...

— As historias de fadas assim começam.

— E' exacto. Certa vez, nem sei como isto foi, parei deante de uma mulher. Que tinha ella differente das outras para seduzir-me?... Não sei. Olhei, perdi-me pelos encantos dos olhos della. Quando dei accordo de mim, estava escravizado, sem vontade, porque eu obedecia ao seu menor gesto, dando-me inteiramente aos seus caprichos, allucinado pela felicidade que suppunha ter encontrado no meu caminho. Passei, então, a viver dentro da minha torre de marfim... Cerrava-lhe as mãos, fundiamos os labios, para a plenitude do amor! Deviamos passar o resto da vida assim. Os juramentos que ouvia eram incitamentos para os meus dias de gloria. Acreditei no amor, acreditei possuir ao menos aquella mulher! Minha, inteiramente minha como eu lhe pertencia de corpo e alma! As forças universaes seriam impotentes para separar-nos. Muito além da vida e da morte, pensava... Divino anseio, divina illusão, minha amiga!

— Como?...

— O anseio de amar, a illusão de acreditar...

— Na mulher?!...

— Sim, no amor da mulher...

— Pois então...

— Amei... O amor incontido, louco! O amor como o comprehendo, luminoso, quente, apertado pelo circulo dantesco de todas as doçuras e soffrimentos. Um dia, porem...

— O amor...

— Não, a mulher...

— Morreu...

— Por que você tem o satanico prazer de me fazer chorar, minha amiga?

— E' possivel?!

— Ah! não tenho forças para lhe contar. Deixe-me esquecer, esquecer...

— Peço-lhe, conte-me.

— Que monstruosidade! Sim... Não...

— Peço-lhe...

— Ora, minha amiga, é você quem vae concluir!...

— Eu?!

— Perfeitamente.

— Mas, si desconheço a sua historia!

— E' igual ás demais, que têm como personagens o homem e a mulher.

— Não percebo.

— Talvez um pouco mais triste do que as outras, porem, profundamente humana.

— Ella...

— Exactamente... Nada nos faltava: mocidade, alegria, tudo numa floração magnifica de beijos! No emtanto, ella partiu, minha amiga. Vi-a passar, mais tarde, ao lado de alguem. Fez-me pena! Um quadro sem vida: primavera, inverno... Vocês, mulheres!...

— Que temos?!

— Quem as entende...

— Quer offerecer-me o braço?

— Não.

— Por que?!

— Porque não se deve tentar reviver uma illusão, que nós perdemos certa vez...

— Malcreado!

— Si lhe confessei que não entendo de mulheres...

Mario Poppe

ESPLENDOR EPHEMERO

E's moça e bella. Assim, hoje pões e dispões.

E, feliz, num requinte fátuo de vaidade,

E, feliz, num requinte fátuo de vaidade,

vaes pela vida, altiva, a esmagar corações...

Mas, quando um dia, emfim, attingires a idade

em que se perdem, para sempre, as illusões,

tu me dirás, então, o que é sentir saudade

e o que é chorar no horror das longas solidões...

A belleza desfeita, humilde, decadente,

serás a flor que num jardim murcha e descora,

ao crepusculo azul da tarde, tristemente...

E vendo-te passar como os fantasmas, eu,

eu soffrerei, talvez, como quem lembra e chora

uma bella mulher que se amou, e morreu...

BASTOS PORTELA

Pyjama d'interieur en crêpe royal bleu foncé. Manteau en vigogne reversible bleu foncé et bleu clair. — Pyjama rose en satin et mousseline. (Photos da Casa Jean Patou, especiaes para FON-FON).

PESSIMISMO

PESSIMISTA, como Alceste, o prosador brilhante sorriu para o poeta, homem de coração exaltado e de optimismo sadio.

É claro que o poeta percebeu a ironia risonha do escriptor.

— Carlos — falou elle, — em amôr não ha calculo seguro...

O prosador pessimista, como Alceste, inquiriu, com o mesmo sorriso indifferente:

— Fernando, vê-se bem que és poeta. Que queres dizer com isso?

— Quero dizer — tornou o optimista lyrico — quero frisar que, em amôr todos os cálculos e projectos são falliveis. Tudo no amôr é surpreza. E desse modo, o mais importante é esperar pelo Acaso.

Senhorita Lydia de Oliveira, gracioso ornamento da nossa sociedade.

(Photo De los Rios).

* * *

Carlos continuou a sorrir.

— E dahi...

— Espero que Véra comprehenda, commigo e com Stendhal, que o exito no amôr consiste em ser aquillo que o coração deseja e o Acaso traça e determina.

— Bonito!... — fez o prosador, com bôa verve. — E a literatura a que te referiste?...

Fernando desdobrou uma folha de papel, ainda cheia de rabiscos, e leu para Carlos, o pessimista:

— "Véra... Quando os teus olhos dormentes pousam, sobre os meus, numa impassibilidade de aço, investigadora e afflictiva, que é que elles dizem, na sua linguagem enigmatica?

"A mim, me parece que elles falam deste modo eloquente:

"— Querido, eu tenho médo de ti... Sou fria como a neve dos Alpes... Por isso, quando me surges como um sol glorioso, de verão, eu me retraio e fujo... Mas, paradoxalmente, eu te contemplo, de longe, com a minha fragilidade de morena bonita, sob o fogo secreto que lavra na minha alma volúvel... — Querido, eu tenho medo de ti..."

Emtanto, Véra, sabes o que meus olhos dizem, quando se debruçam sobre os teus, numa doçura melancolica? Elles te murmuram, em surdina, as palavras de amôr dos versos commoventes do poeta francez:

"Tu viens enfin remplir ta place à mon côté.
Tu laisses défaillir ton front sur mon épaule.
Tu cèdes sous ma main comme un rameau de saule.
Ton silence m'enivre et tes yeux son si beaux.
Si tendres que mon coeur se répand en sanglots..."

— Basta! — interrompeu Carlos, o sceptico. Acaso ainda suppões que uma mulher se commova com poemas?

E como Fernando permanecesse escandalizado, inteiramente aturdido, Carlos terminou:

— Troca a harmonia dos poemas pela desharmonia da gaita de um Packard. E terás a victoria no amôr... Não percas o teu tempo com babuzeira literarias...

Y V E S

A Federação Nacional das Sociedades de Educação acaba de criar uma nova secção, denominada «Paz pela Escola», e que se propõe a educar o povo incutindo-lhe os principio de fraternidade internacional de concordia universal. Na tarde de 18 do corrente, na sala de conferencias da bibliotheca do Palacio Itamaraty, foi solennemente installado o conselho executivo da nova secção da F. N. S. E., tendo proferido o discurso inaugural o sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, que presidiu á cerimonia, realizada com a presença de outras altas autoridades, membros do magisterio, diplomatas, intellectuaes e jornalistas.

ESPERANDO...

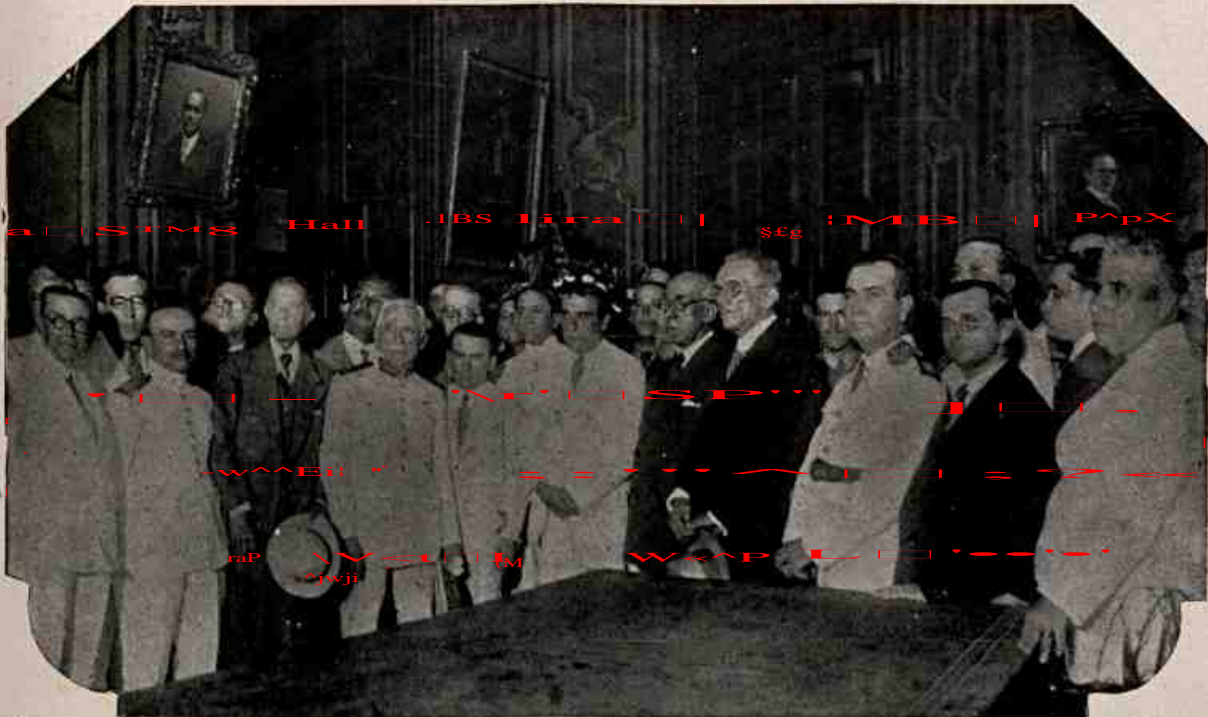
(Para "Fon-Fon")

Que estranha sensação a do desejo!
Que delirio de gozo em quem espera.
Os labios perfumados para o beijo
Que a nossa vida encanta e retempéra!

O coração nos bate em doce arquejo,
Deante a sombra do ser que elle venéra!
Na penumbra do bosque agora eu vejo
Que em meus sonhos de amor, só ella impera:

Aproximam-se passos muito leves,
Rapidos, bem pequenos, muito breves.
São os della, bem sei, tanto os conheço!

Meu coração avisa: ahi vem ella!
E saltando a sorrir — como vem bella!
Por isso, do vêl-a assim... tanto estremeço!

ALBERTO CARLOS D'ASSUMPÇÃO

A fim de testemunhar ao interventor do Districto Federal a sua gratidão pela assignatura do decreto que manda ceder ao Club Militar um lote de terreno na esplanada do Castello, para nelle ser construido o edificio da assistencia do mesmo club, a directoria e varios associados da instituição promoveram expressiva homenagem de sympathia e apreço ao dr. Pedro Ernesto, visitando-o, no palacio da Prefeitura, onde falou, em nome dos militares presentes, o coronel Agricola da Camara Lobo Bethlem.

O DIA DA CIDADE

A data da fundação da cidade foi, como todos os annos, brilhantemente commemorada na penultima sexta-feira, realizando-se, por iniciativa do Centro Carioca, varias solennidades que tiveram inicio com as cerimonias religiosas celebradas pela manhã, na basílica de São Sebastião, á rua Haddock Lobo, onde se acham guardados os despojos de Estacio de Sá. Por occasião da visita que o Centro Carioca promoveu, ás 9 horas do dia 20 do corrente, ao tumulo do fundador da cidade, celebrou-se, no altar-mór daquelle templo, solenne missa em louvor de São Sebastião, o glorioso padroeiro do Rio de Janeiro. As photographias que aqui estampamos focalizam aspectos colhidos no interior da basílica de São Sebastião durante a missa e a visita ao tumulo de Estacio de Sá.

A principal festividade do dia 20 do corrente foi a cerimonia inaugural do marco que assignala o futuro monumento commemorativo da fundação da cidade, na esplanada do Castello, onde se reuniram, para assistil-a, além do interventor Pedro Ernesto, o ministro da Marinha, almirante Protogenes Guimarães, o general Pantaleão Pessôa, representante do chefe do governo provisorio, e outras altas autoridades e muitas familias. Varios oradores, entre elles o professor Horacio Mendes e o dr. Raphael Pinheiro, exaltaram, em vibrantes discursos, as bellezas da terra carioca, tão justamente decantadas pelos poetas.

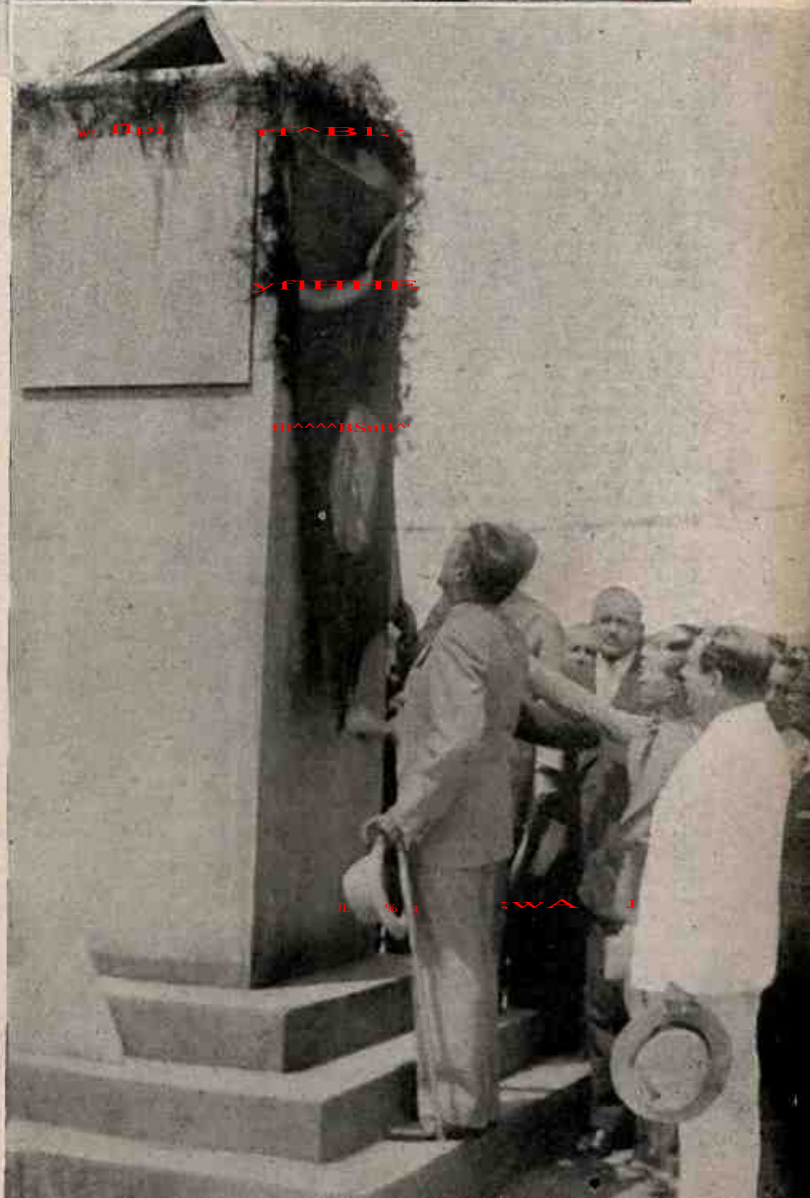
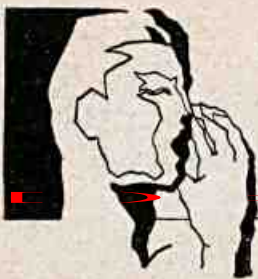
¡FELIZ DE TI, QUE AINDA CHORAS!

Eu te vejo chorar. Não imagines
que bem me faz te ver assim chorando.
Felizes os que choram quando e quando,
e que as dôres escôam das retinas.

E lagrimas e dores vão boiando
amargas, dolorosas, assassinas
nessas duas espheras pequeninas
que são teus olhos quando estás chorando.

Feliz de ti, creatura, que ainda choras.
Pobre desta minhalma consumida
que nem póde chorar, naquellas horas,

que nem póde chorar, calmo e profundo
todos os males que me fez a vida,
todas as coisas que me fez o mundo!

Esdras-Farias

Alto-Falante

Professor cathedratico da Faculdade de Direito do Ceará, o nosso illustre patricio, dr. Antonio Furtado, é uma das mais vigorosas e cultas mentalidades da actual geração cearense. Escriptor de altos meritos, esse illustre mestre do Direito é, tambem, um notavel estylista. Como poeta e prosador de remarque, Antonio Furtado firmou seu nome nos circulos intellectuaes do Ceará, para, agora, projetal-o, em maior evidencia, nesta capital, onde veiu fixar residencia. Tendo publicado varias obras e ensaios, como «A organização Nacional e o Sentimento do Direito», «Poema do Bezouro Azul», «Ensaios do Direito Processual», «A energia moral e o culto da Patria», «Ensaios de Philosophia e «Direito Romano», etc., o illustre escriptor cearense apresenta-se, na metropole brasileira, com um novo livro — «Idéa Fixa», um lindo volume de contos magnificos, que revelam e consagram, no nosso meio, o estylista de merito que é seu autor. O conto que dá nome ao livro — «Idéa Fixa», bem como «Os Jagunços» são producções literarias do mais fino quilate. Estylo ensceneção, movimento, observação, nada falta a esses admiraveis trabalhos de Antonio Furtado.

"BAHÚ DE TURCO"

A vida febricitante, vertiginosa e exhaustiva de hoje já quasi não deixa folga para que o homem, desprendido dos seus cuidados e do afflictivo estado de inquietação interior que caracteriza a alma contemporanea, possa rir, mas rir de verdade, instinctivamente, como qualquer animal feliz, satisfeito da sua vida, ou apenas espiritualmente como animal superior, que dizem ser... Porque eu, francamente em troca dessa simples e instinctiva joie de vivre, hoje tão rara, abdicaria de todas as prerogativas de torturante civilização, contanto que volvesse á minha primitiva e sadia animalidade...

Por tudo isso, a arte de fazer rir a humanidade é coisa bem difficil nos dias sombrios, pejados de tristeza e amargura, que veem correndo... Maximo, sem attitude, gestos e tregeitos de clown... Despertar o riso a alguem á custa de potins, de blagues, de um malabarismo... espiritual — se se pode dizer — espontaneo, guizalhante, jovial, é tarefa que reputo das mais arduas e arriscadas nestes tempos de vida trepidante e apertada.

Sá Poty (Pedro Lopes Junior), um patricio lá do Nordeste, que vive no Recife, é uma especie de "turco de prestação", esfusiante, brejeiro, e "camarada", a realizar, através da sua producção literaria, o suave milagre de fazer a gente rir, deliciosa e regaladamente...

O genero humoristico, o jogo comedido, proporcionado dos bons mots d'esprit, é positivamente difficil, sobretudo se o veio espiritual de que promanam não é corrente e espontaneo como os regatos vagabundos, perdidos na matta florida, cheirando a corpo de cabocla bonita.

Bahú de Turco é o titulo felicissimo do livro deste vendedor ambulante de alegria, deste bonissimo "prestação" do riso esfusiante e cordial como um vinho generoso, que se chama Sá Poty, ou, se preferirem, Pedro Lopes Junior, o mais completo "gringo" humorista do nordeste brasileiro.

Grato a Sá Poty, pelo "Bahú de Turco" que lhe enviou, Elcias Lopes, cordialmente, abraça o Pedro Lopes.

MAX LINDER

Entre os candidatos ao concurso aberto na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro para provimento da cadeira de «Introducção ao Direito» figura o nome de Adaucto Fernandes, vulto de prestigioso relevo nos circulos intellectuaes do norte do paiz. Advogado, escriptor, jornalista e professor, Adaucto Fernandes, amazonense de nascimento, ha longos annos vem exercendo sua actividade no Ceará, sendo membro da Academia Cearense de Letras, do Instituto Historico do Ceará e cathedratico de Literatura do Lyceu Cearense. Sua bagagem literaria é já numerosa, destacando-se, entre as suas obras publicadas, «O Indio do Brasil», «Grammatica Tupy», «Terra Verde», «A melancolia na poesia brasileira», etc. O illustre escriptor é, tambem, um dos mais distinctos collaboradores de FON-FON, tendo publicado nesta revista numerosos contos regionaes. «O Direito e sua noção philosophica» é o titulo da these, de livre escolha, com que Adaucto Fernandes se apresenta ao proximo concurso da cadeira de «Introducção ao Direito».

Alipio Rama, o fino poeta que escreveu «Taça quebrada», sobre o merito do qual já se pronunciou elogiosamente o critico literario de FON-FON.

TRINTA ANNOS DE FORMATURA

Os medicos que em 1902 concluiram o curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro commemoraram no dia 20 do corrente, sexta-feira penultima, o trigesimo anniversario de formatura, fazendo celebrar, pela manhã, no altar-mor da igreja da Candelaria, uma solenne missa em suffragio da alma dos collegas fallecidos e reunindo-se, depois, num festivo almoço, que se realizou no salão de banquetes do Botafogo F. C. e decorreu no meio de grande cordialidade. Em todas essas solennidades tomou parte a quasi totalidade dos sobreviventes da turma, que conta com as mais illustres figuras da nossa classe medica, destacando-se os professores Carlos Chagas, Antonio Fontes, Agenor Guimarães Ponto, Eduardo Rabello, Gorfield de Almeida e Rodoval Freitas e drs. Joaquim Mattos, Augusto Linhares, Fernandes Tavora, Petrarca de Mesquita, Rufino de Alencar, Marques Lisbôa, Azevedo Amaral, Oliveira Motta, Lindenberg Porto Rocha, Thadeu de Medeiros, Almada Horta, Victor Teive, Octavio Severo, Benjamin Mattos, Orlando Rouças, Lindolpho Costa, José de Castro, Monteiro de Andrade e Armando de Castro. O «cliché» desta pagina focaliza dois aspectos tomados por occasião da missa e um grupo dos medicos de 1902, antes do almoço. Na photographia do alto, vê-se, ao centro, o paranympho da turma, professor Paes Leme, que tambem compareceu á missa, e ahi está ladeado pelos drs. Joaquim Mattos e Petrarca de Mesquita.

Caverna de Ali Babá

O professor Irineu Malagueta, livre docente na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, e figura destacada da nossa classe medica, foi expressivamente homenageado pelos seus alumnos da turma de 1932, os quaes, reunidos na clinica dos quartos particulares da Santa Casa de Misericordia, offereceram, em sessão solenne, um quadro de formatura ao seu illustre mestre, que no mesmo figurá ao lado dos doutorandos manifestantes.

QUANDO...

Quando um homem chega a possuir grande somma de poder e esse poder dura de modo a parecer que está firme por muito tempo, eu me lembro sempre do dialogo profundamente philosophico entre Io e Prometheu, na tragedia eschyliana. A primeira pergunta ao segundo:

Quem o despojará do supremo poder?

E este replica:

— Elle proprio.

Geralmente, na vida, é o todo poderoso que destróe seu proprio poder. Graças a Deus!

* * *

Quando meu olhar passeia pelo scenario da politica, penso naquelle profundo conceito do grande estadista que foi Emilio Ollivier: "Os inimigos são como os arcobotantes das igrejas gothicas: sustentam o edificio." Por isso, os homens e as instituições cercados de inimigos, por mais ferozes e terriveis que elles sejam, não perecem dos seus golpes. Só uma coisa os destroe: o suicidio.

Isso ainda é um corollario da philosophia eschyliana: é o poder destruindo-se a si proprio.

O dr. João Coelho Branco, ex-terceiro delegado auxiliar, acaba de ser escolhido pelo chefe do governo provisorio para occupar o cargo de chefe da Directoria de Publicidade, recentemente creada pela reforma da policia civil. A escolha foi, de certo, uma das mais acertadas, pois o dr. Coelho Branco é um elemento que, desde a revolução de 3 de outubro, se vem distinguindo, naquelle departamento da administração do paiz, não só pela sua competencia e a sua capacidade de acção e trabalho, mas, tambem, pela solidez da sua cultura e os seus meritos individuaes. Collocado á frente da Directoria de Publicidade, é de esperar que o dr. Coelho Branco, justo, ponderado e escrupuloso, como é, saiba premiar os que o têm auxiliado, até agora, com o aproveitamento das suas aptidões, ao mesmo tempo que se cercará, de tal modo, de pessoal digno e capaz. Os amigos e admiradores do dr. Coelho Branco preparam-lhe significativas demonstrações de apreço.

* * *

Quando leio esta phrase dum notavel homem de Estado: "O governo dum paiz dilacerado por facções encarniçadas que entre numa luta pela existencia nacional sem primeiro se desembaraçar dos palradores parlamentares, está perdido", recordo d. Pedro I e a perda da Cisplatina e julgo que no nosso Brasil, os dictadores estão mais aptos a realizar um bom governo justamente pela ausencia de taes parlapatões...

* * *

Quando Miguet, na sua Revolution Française, escreveu este axioma: "O verdadeiro autor da guerra não é aquelle que a declara, porém aquelle que a tornou necessaria", axioma que Lanfrey empregaria e que Schneider attribuiria a Montesquieu, proclamou uma verdade. Relembremos as guerras internacionaes ou civis, estudemol-as e chegaremos a essa mesma conclusão. Porque o que declara a guerra em geral a ella foi forçado pelo que recebe a declaração.

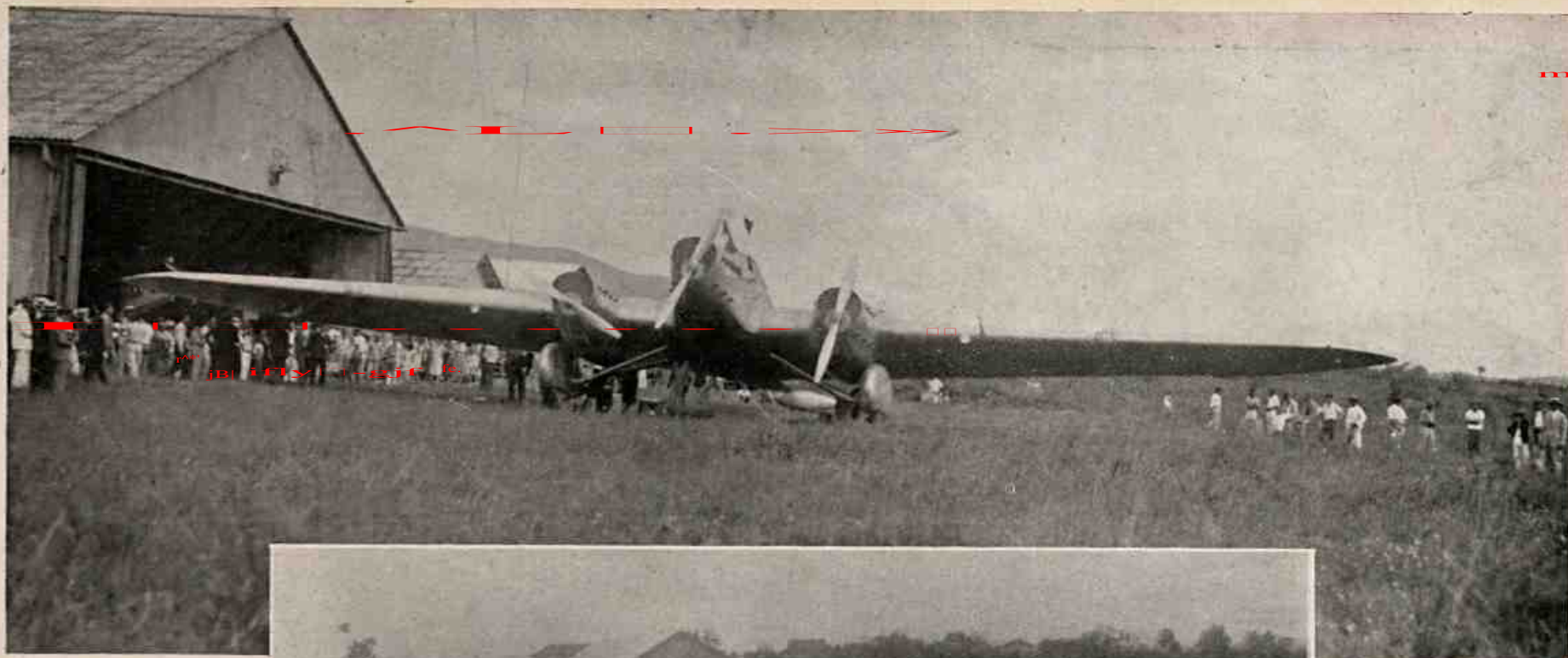
SÉSAMO

Ao posto de coronel, na arma de artilharia, acaba de ser promovido o tenente-coronel Victor Francisco Lapagesse, que, por esse motivo, re- na semana passada, uma expressiva cebeu, no palacete de sua residencia, homenagem dos seus officiaes e sargentos. Figura de grande prestigio no Exercito, onde goza de geraes sympathias, o brilhante official brasileiro sempre se distinguiu, no seio de seus companheiros de armas, pelo alto saber e a sua envergadura moral. Por esse motivo, o acto de sua promoção foi recebido com grande contentamento por todos que o conhecem e têm a felicidade de contal-o como amigo. O coronel Lapagesse é pae de nosso illustre collaborador dr. Eugenio Lapagesse, de quem o FON-FON tem publicado varias paginas interessantes.

A Associação Brasileira de Pharmaceuticos realizou, na noite de 20 do corrente, no salão da Liga da Defesa Nacional, uma solennidade para commemorar o 17.º anniversario de sua fundação e dar posse a sua nova directoria, recentemente eleita para o biennio 1933-1934. Focaliza o nosso «cliché» um grupo de pessôas que assistiram á festa da Associação Brasileira de Pharmaceuticos.

Realizou-se na séde da Acção Universitaria Catholica uma expressiva festa de confraternização academica, denominada «Noite Ancista», e que constou de numeros de musica regional e variedades, com o concurso de alguns nomes festejados do nosso muito artistico.

O VÔO DO «ARC-EN-CIEL»

Triumphal e brilhante foi, em toda linha, mais essa proeza em que o intrépido aviador Mermoz pôz á prova a sua coragem e o seu sacrificio, em prol do progresso da aviação e da cordialidade crescente, que vincula a nossa patria á França heroica de todos os tempos. A epopéa que o «Arc-en-ciel» acaba de escrever com as suas azas é, como declara Mermoz, «uma simples viagem de [illegible]». Essa circumstancia não diminue, porém, o brilho inexcedivel de que a reveste, nem attenúa o valor que ella encerra, como demonstração de sympathia e amizade, que o nobre povo francez vem fortalecendo, dia a dia, pelo nosso paiz. A nossa pagina focaliza varios flagrantes da chegada e «aterrissagem» do «Ar-en-ciel», no Campo dos Affonsos. Nos medalhões, ao alto, vêem-se o aviador Mermoz e o engenheiro Couzinet, constructor do apparelho, que viaja com o piloto do «Arc-en-ciel».

O aviador Mermoz e seus companheiros do «Arc-en-ciel» deixaram o Rio na manhã do ultimo sabbado, depois de uma permanencia de tres dias nesta capital. Rumaram para Buenos-Aires, ponto final do «raid» francez. São aspectos tomados no Campo dos Affonsos, antes da partida do «Arc-en-ciel», o que focaliza o «cliché» desta pagina, onde o apparelho de Mermoz apparece já prompto para alçar vôo com destino ao Prata.

DE GUSTAVE LE BON

Uma democracia não póde ser dominada por leis e regulamentos. Cumpre criar illusões bastante fortes, susceptiveis de lhe orientar os pensamentos e as vontades.

Sendo, a nossa personalidade, uma reacção, notavelmente varia, com a frequentação de seres differentes, a mentalidade desses seres determina a nossa, como a temperatura provoca as oscillações do thermometro.

Estrada de Damasco

"PETIT BLEU"...

LA', bem longe, na "terra onde minhas rosas florescem", o éco de sua voz, numa cadencia de rythmos de saudade, encheu de alvoroço o ambiente de encantamento da minha fantasia.

Você!...

Fazia tanto tempo, tanto, que eu não via no meu caminho, entre os laranjaes floridos da minha *Estrada de Damasco*, a figurinha loira da bonequinha de olhos azues e sonhadores que, um dia, fugindo á cinza de melancolia da garôa paulista, veiu ter á cabana rustica mas sempre florida da minha solidão.

Você!...

O éco de sua voz, agora tem modulações estranhas de canções do Rheno. A nostalgia das distancias, pontilhadas de mysterio e de inquietação trouxe-a de novo para mim, numa angustia de avesinha ferida, de azas partidas, inseguras, buscando um refugio, um pouso, a que se acolher.

Dort wo Du nicht bist, dort is das Gluck... Lá, onde não estás é que está a felicidade...

E, no campanario do templo fechado das illusões de que vivo, os sinos da minha recordação bimbalharam festivamente, a annunciar a volta da "judiasinha" descrente que, um dia, desejou converter-se ao evangelho da minha fé.

E você veiu... E você voltou, ferida no mais profundo do seu coração, para pedir-me que lhe dissesse que "amava um pouco a sua terra"...

Mas, sua terra é, tambem, minha terra, um grande tracto abençoado e fecundo da patria commum, deste immenso Brasil sempre tutelado, na sua fé e nas surpresas do seu glorioso destino, pelo pallio illuminado do Cruzeiro do Sul.

Assim, amo e, não só amo, admiro sua terra, o formidavel dynamismo da sua gente e tudo com que ella, até hoje, contribuiu para engrandecer o patrimonio moral, intellectual e material da patria brasileira.

Falo sempre de coração aberto e você, minha amiguinha desconhecida e distante, far-meá, estou certo, a justiça de reconhecer a sinceridade dos sentimentos que, lealmente, lhe expresso.

Está satisfeita?...

*

QUAND L'MOUR MEURT...

Meu amor, lá fóra, dizem, o sol derrama beijos de luz sobre a terra, sobre as coisas, sobre os seres. E a natureza toda, engalanada de verde, coroada de flores, é um hymno de exaltação a glorificarr o eterno Amor.

Mas, dentro de mim, a angustia da tua saudade enche a minha solidão de tristeza, de abandono, de inquietação, de morte...

Teu amor!... Teu amor foi um capricho, como todo amor de mulher. Um capricho que passou, borboleteante como a tua volubilidade.

E eu sinto que elle morre, o teu amor, porque alguma coisa morre tambem dentro de mim, afflictiva e angustiadamente...

Meu amor, lá fóra, dizem, tudo é luz, e céo azul, e fragrancia de rosaes floridos, e pipios de volupia nos ninhos quentes.

Se tu viesses!... Se tu voltasses!...

Mas, tu não vens. Mas tu não voltas para fazer florirem, de novo, no calor de teus labios vermelhos, as rosas de sangue da tua voluptuosidade!...

SAULO

GRAÇA INFANTIL

Laila, a galante filhinha do casal Raul Leite, com o seu lindo sorriso carioca e a sua graça brasileira.

A nova directoria do Centro de Materiaes de Construcção reunida na séde social daquella associação, durante a solennidade da posse, e após o almoço que, por iniciativa do dr. Randolpho Chagas, actual presidente do C. M. C., se realizou no salão do Automovel Club do Brasil, como reunião preliminar dos membros da mesma directoria.

Inaugurou-se segunda-feira ultima, na séde da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel, a exposição de «croquis» de Gilberto Trompovsky e Fernando Valentim para a decoração do theatro João Caetano, onde se realizará, no dia 18 de fevereiro proximo, o baile dos artistas que annualmente aquella Associação promove nas vesperas do Carnaval.

Com a imponencia que no Brasil é tradicional no culto eterno da Igreja Catholica, realizou-se, domingo passado, a procissão do martyr S. Sebastião, secular padroeiro desta cidade. Sua eminencia o sr. cardeal d. Sebastião Leme, o alto clero capitular do Rio de Janeiro, as congregações religiosas — todo o nosso mundo catholico, emfim, se reuniu nesse grande prestito, que se revestiu de magnificencia digna de nota. O fervor com que, em tempos passados, a cidade venerava o glorioso martyr da era das perseguições romanas, tomando-o para seu protector nas horas afflictivas dos grandes males physicos, ainda não se apagou. Assim o demonstra a affluencia da população nessa demonstração de fé catholica, que foi, na verdade, grandiosa.

FLIRTAÇÕES

QUANDO elle partiu para uma viagem de duração indeterminada, ella tratou de substituil-o logo em seguida, naturalmente sem saber ao certo o que estava fazendo. Elle fugia, era evidente: ella não devia ficar chorando o resto da vida, por um ingrato.

Devia ser assim...

Taes pensamentos transtornaram completamente a linda cabecita de vento, a ponto de processar a substituição com rapidez, sem olhar para as qualidades ou defeitos do substituto. Si é certo que a pressa é inimiga da perfeição, o proverbio popular applica-se, ajusta-se como uma luva no caso que bisbilhotamos. Quando ella sentiu o logro, experimentou forte abalo, mas era tarde para recuar... Mais forte, porém, foi o desespero della quando soube que elle havia regressado de sua longa viagem, ainda pensando na que havia ficado...

Tudo perdido, pois elle, immediatamente, teve noticias do succedido durante a sua ausencia: apontaram-lhe até, na rua, a cara do substituto... Ella tentou em ultimo recurso um lance theatral, mas, em pura perda. Não foi possivel reatar as velhas relações!

O carnaval começou muito mal para *madame*, que tinha lindos planos a executar, neste anno.

O primeiro ensaio para ir ao baile deslumbrante, realizado em certo club *chic*, foi um completo fracasso. *Madame* armou o *rancho* com as amigas e já sonhava com o effeito da fantasia, que devia ser de cigana.

Devia ser uma farrinha gozada, porque o pessoal era mesmo *bamba*.

Cada uma das amigas de *madame* tinha um projecto... *Flirts*, etc...

Quando, porém, a "cigana" foi desenvolver o plano com o maridinho, tratando de cavar o dinheiro necessario para a fantasia, experimentou forte decepção.

O marido foi cruel, summarissimo na negativa: não tinha dinheiro para jogar fóra em tempos de crise e máos negocios. *Madame* implorou, argumentou, atirou-se aos beijos, mas o esposo *aguentou firme*, não cedeu um palmo, conservando-se inabalavel na resolução.

Celita, a galante filhinha do casal Manoel de los Rios e d. Celia Rocha de los Rios, no dia em que fez dois annos, arranjou esta «pose» de de moça bonita.

Rubens e Regina, dois pequenos leitores..., das figuras de FON-FON. São filhinhos do casal Fernando Bomtempo.

Deante da negativa do marido, *madame* armou uma scena de todos os diabos. As ameaças não produziram tambem resultado, pois *madame* teve a certeza de que, si fosse adeante, estava irremediavelmente perdida. Estaria desfeito o seu lar, teria cavado a sua desgraça com as proprias mãos, para a satisfação de um futil capricho carnavalesco. Recuou, fingindo-se resignada, mas, muito de calculo, com a esperança de recompôr o seu sonho, proximamente, nos tres dias consagrados a *Momo*.

Mas, vae perder a futura partida, tambem, porque o marido anda com macaquinhos no sotão... E elle está com a razão. *Madame*, ultimamente, mostra-se um tanto leviana, talvez influenciada pelas amigas... O baile do club elegante esteve fantastico. Apenas, havia lá um rapaz que não achava graça em coisa alguma. Era uma especie de sombra perdida pelos salões guizalhantes de alegria. Elle não contava, justamente, com a ausencia da "cigana", que havia jurado comparecer, embora tivesse de requerer divorcio...

Engraçado, não acham?...

O cavalheiro de ar distincto, cabellos grisalhos, tem um caso difficil para resolver.

Pelo menos, os encontros cercados das devidas cautelas, alli nas immediações do velho theatro, fazem suppôr que elle não se descarta de *madame*, como pretendia, allegando qualquer futil motivo. O cavalheiro fala brandamente, dá razões, quer convencer...

Madame, derramada em carinhos, bebendo-lhe o mél das palavras, primeiro ouve attenta, sorrindo, e depois replica em largos gestos, enumerando argumentos pelos dedos, como quem rebate inverdades.

E' um gozo observal-os á distancia. Mas, afinal, podia o cavalheiro sympathico, de bôas roupas, resolver o caso de accôrdo com os desejos de *madame*, voltando a desfructar as delicias da vida em commum. Depois, não vale a pena teimar, pois o cavalheiro já sabia que *madame* não póde mandar o marido passear, e, assim, não se justifica o amor proprio de ultima hora.

Tudo depende de um pouco de paciencia. Nada mais...

Em regozijo pelo êxito que vae alcançando a «Quinzena Carioca», o sr. Joaquim Villela, proprietario do Magnifico Hotel, offereceu, quinta-feira penultima, um almôço, naquelle estabelecimento, em homenagem á directoria do Touring Club do Brasil, que patrocina aquella iniciativa, ao Comité organizador da mesma e ao Comité de Imprensa dessa patriotica instituição. Foi uma festa encantadôra, que decorreu num ambiente de perfeita cordialidade, tendo fallado sobre a «Quinzena Carioca» e a «carteira do turista», que visam baratear a estadia, nesta capital, dos nossos patricios do interior, os srs. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa; P. B. de Cerqueira Lima e Benilo Neves, directôres do Touring Club, Martins Capistrano, Dupuy de Lome Moreno e Oscar Sayão, do Comité de Imprensa da mesma instituição.

O dr. Pedro Ernesto, interventor do Districto Federal, por occasião de sua visita ás dependencias da «The Rio de Janeiro Flour Mills and Granaries» (Moinho Inglez), onde varias homenagens foram prestadas a s. ex., que no «clichê» apparece entre jornalistas e directôres daquella companhia.

A boneca que fala

Por Sylvia Figueiredo

O GATO

Maria Lúcia chega-se com espreguiçamentos felinos á minha mesa de trabalho:

— Papae, quero um lapis e um papel para "pintar" um gato!

Não ha remedio. Guindo-a á mesa, em que ella se installa melhor do que na mais espaçosa cadeira. Alguns livros tombam ao chão.

Dou-lhe lápis e papel.

— A borracha, tambem.

Dou-lhe borracha, que é posta ao lado, com cuidados de ritual, prompta para entrar em acção.

Com os dedinhos carnudos, ella toma do lápis e começa a rabiscar. A' luz da lampada, os musculos dos seus bracinhos gordos, tostados do sol da praia, ondulam do esforço como os de braços de athleta.

Ao primeiro braço, porém, dou um miado e, de troça:

— Bravo, filhinha! O gato está tão parecido, que até já miou!

E ella, superior, estirando o beicinho:

— Mentira! Elle "ainda" não tem bocca!

AGUA MINERAL

Quando pela primeira vez Maria Lúcia bebeu agua mineral na propria fonte, em Cambuquira, fez uma careta, cuspiu fóra o liquido e repelliu o resto, declarando que a agua "espetava" a lingua.

Com o tempo, no emtanto, tornou-se uma grande apreciadora da agua e pedia:

— Quero beber um bocadinho de "agua de espeto"...

OUTRA VEZ O GATO

O gosto de Maria Lúcia agora é "pintar" gatos. Em toda a escala zoologica escolheu esse bicho para objecto dos seus ensaios pictoricos. Armada de lápis e papel, senta-se sobre minhas pernas, á mesa, e eil-a a rabiscar, pairando.

Um gato, na arte de Maria Lúcia, começa por um grande rectangulo achamboado, a que adhere logo um pequenino, bem pequenino.

O grande é o corpo do gato. E o pequenino? Ella explica, com um tregeito: é o nariz.

Acabaram-se os rectangulos. O que ella agora risca, a esmo, separado da figura, é uma grande circumferencia toda torta, que toma a folha inteira.

Não deixo de estranhar a "roda" desmesurada e intempestiva.

— Que é isso, minha filha? E' o olho do gato?

Ella, então, esclarece, com a complacencia do artista que abre os olhos ao leigo:

— Não. Isto é o sol que está "batendo" no narizinho delle!

MEIGUICE

A grammatica de Maria Lúcia é liberrima. Maria Lúcia, no seu gosto pelo diminutivo, que bem reflecte a sua alminha delicada, cheia de ternura, submette discricionariamente áquella flexão os vocábulos de todas as categorias, com a mesma imperturbabilidade com que fôrma analogicamente os imperfeitos: "O gato mordiva"...

Hoje veiu mostrar-me o seu ferro electrico de brinquedo com o qual passára algumas peças da minha roupa collocada sobre a cadeira:

— Papae, já passei a sua camisa, a sua calça, a sua gravata e o ferro ainda está "pellandinho"...

ANALOGIA

Maria Lúcia passeia commigo pela calçada. De subito, pára, a coçar a perna.

— Que é, filhinha?

E ella, indicando o jarrete:

— Estou coçando o sovaquinho da perna, papae!

PRODIGA

Maria Lúcia tem um luxo: o dos anneis de estanho. Comido o chocolate, que lhe deixa as bochechinhas roseas e os dedinhos todos lambusados, lavadas a carinha e as mãos da pasta que a caricaturava, cumpre aproveitar o papel prateado do envoltorio. Pede-me que lhe faça anneis. Cada folha dá, pelo menos, dois. Dobro em fila a lamina de estanho, enrolo-a nos seus dedinhos gorduchos; uma torsão nas extremidades e, prompto!, está ahi o annel a rebrilhar aos seus olhinhos encantados mais do que rebrilharia um real annel de ouro cravejado de pedrarias.

Provóco, então, o seu papaguear. E com a maior seriedade deste mundo:

— Que ricos anneis a senhora tem, dona Lúcia!

— Rico é o que custa muito dinheiro.

Exulta. Remira os anneis de ouropel, movendo para um lado e para outro as mãozinhas, á procura de bons effeitos de luz. E com um orgulho de novo-rico:

— Estes me custaram mil e duzentos!

A conversa prosegue. Sempre versátil, Maria Lúcia conta-me agora a ultima generosidade do seu coraçãozinho compassivo. Andando pela rua, viu um velhinho descalço que "tropeçou num caco de vidro" e cortou o pé, de onde sahiu sangue em abundancia...

— Então eu dei "um dinheiro" a elle p'ra elle comprar na "loja de ferrajem" um par de tamanquinhos...

— Você deu dinheiro a elle, filhinha? E quanto é que você deu?

E ella, com os beicinhos apinhados:

— "Tres tostão"!

A generosidade de Maria Lúcia não me espanta, que bem lhe conheço a alminha. O que me assombra é a sua prodigalidade. Pois não fiquei sabendo nesse dia que minha filha dá a um pobre a quarta parte do que lhe custam os anneis de preço?

ANIMISMO

Apraz-me observar o animismo de Maria Lúcia. Como a Humanidade infante, minha filha empresta uma alma a cada coisa, desde o urso caolho sempre de pernas para o ar entre os seus brinquedos, até os seixos rolados com que brinca na praia das Flechas. A seriedade e a compenetração com que conversa com as bonecas e lhes attribúe todos os pensamentos, dores e prazeres de sua alminha em flôr! Ao ouvil-a falar assim á Lourinha, á Mulatinha, á Felisberta, á Stellinha, inquirindo-as sobre os seus dodóes, as suas travessuras, eu me deixo suggestionar pela fantasia da minha filha e em breve não vejo alli mais do que um grupo de bonecas animadas, de que Maria Lúcia é a mais linda e a mais tagarella.

Hoje surprehendi Maria Lúcia a pisar nos ladrilhos da varanda molhados da chuva. Censurei-a.

— Para dentro, filhinha! Você está molhando os sapatos e póde ficar doentinha.

E ella, exculpando-se, a mostrar-me uma bola de borracha com que jogava:

— A culpada foi a bolinha, papae! Imagine que ella teve a idéa de se metter no molhado e eu não tive remedio sinão ir buscál-a!

FON-FON no cinema

A multidão queria vêr a sua «estrella» feliz.

HOLLYWOOD

(What price Hollywood)

Da Paramount

Interpretação de Constance Bennett, Lowell Sherman e Veil Halmilton

MARY EVANS, *garçonette* do Brown Derly, vê realizar-se a maior das suas aspirações no dia em que Carey, um director excentrico, a convida a assistir á *première* de um film que acaba de fazer. Linda, intelligente, graciosa, depressa ella convence Carey a lhe dar uma "pontinha" n'uma de suas proximas producções. Depois de varias tentativas, Mary consegue, afinal, satisfazer plenamente ao director.

Passando em revista o trabalho do dia, Julius Saxe descobre Mary escondida na sala

Era um companheiro algum tanto esquisito.

O complemento da felicidade.

de projecção. Manda-a botar para fóra, mas reconhece-a quando depois a vê no *écran*, e, impressionado pela sua belleza, logo a manda chamar e lhe declara que vae annunciar ter feito nella a sua descoberta do anno, o que depressa a levará a ser a mais formosa "estrella" da téla.

Mary triumpha, assim se realizando a prophecia de Saxe. Porem, cada vez mais empolgado pelo alcool, declina a olhos vistos.

Quando em locação, Mary vem a conhecer Lonny Borden, um "az" do polo americano. Os dois se amam á primeira vista e mezes depois se casam em Hollywood.

Após o casamento de Mary, Carey cada vez mais se embriaga, e vem a perder a posição que lhe grangeou renome. Gostando do seu bemfeitor, Mary procura trazel-o á consciencia de si mesmo, mas essa campanha de regeneração afasta Mary do marido, o que gradualmente arrasta esta a um estado de irritação irrefreiavel. Afinal, elle obtem em Rheno um divorcio, o que tanto mais allivia Mary quando ella está para ser mãe e ama dedicadamente Lonny.

Vencedora, por fim, na sua obra de dedicação, Mary restitúe Carey ao Studio, após uma longa cura num hospital. Saxe não dá, porém, a Carey o seu logar antigo, e isso de novo attrae o director ao predilecto vicio. Finalmente, elle procura Mary, confessa-se um vencido, e acaba por matar-se na residencia da propria "estrella".

Resolvida a subtrahir-se ao escandalo, Mary vae viver no sul da França. A paz que alli desfructa por algum tempo é interrompida pela presença de Lonny, que um dia apparece a reclamar o menino que é seu filho. Não só quer, porém, a creança. Quer tambem a Mary, a quem consentirá retomar a sua profissão, como deseja Saxe. A "estrella", sempre apaixonada por Lonny, sem difficuldade cede ás suas instancias, assim recobrando a felicidade antiga.

QUE FAZEM OS ARTISTAS CINEMATOGRAPHICOS DURANTE OS INTERVALLOS?

Robert Montgomery, que interpretou ao lado de Miss Davies neste film, póde ser encontrado quasi sempre com um livro na mão quando não está trabalhando deante da "camera". Sendo um grande admirador de cavallos e um eximio jogador de polo, lê tudo o que é escripto sobre esses sports.

Clark Gable é jamais visto andando dum lado para outro com as mãos no bolso quando não está trabalhando no scenario. E' um grande admirador do ar livre, não precisamente com o fim de fazer planos para uma caçada logo que termine a producção. Não absolutamente. Clark Gable leva aos estúdios todas as suas espingardas e durante os seus momentos livres limpa-as e lustra-as.

Marie Dressler, sempre que está de folga, corta todas as receitas culinarias que encontra nos jornaes ou "magazines" e as prega no seu famoso livro de cozinha. Muito antes de pensar em comprar casa, já Marie projectava o que havia de cozinhar algum dia. Mas é tão grande a lista de pratos que pretende preparar, que si ella passar o resto da sua vida cozinhando, não dará fim a suas receitas.

Acalentando-lhe os sonhos do coração.

LOUCURAS DA NOITE

Felizes!

Film da FOX

com

Sally Eilers

e

Ben Lyon

(Vide enredo na pag. 50)

O AGUILHÃO DA MORTE NO CINEMA

MUITOS dos intrepidos actores têm desafiado a morte por traz dos proscenios, mas, provavelmente, não ha dois outros actores no theatro ou no cinema que tenham sentido este aguilhão tão frequentemente como John Miljan e C. Henry Gordon.

A verdade é que já chegaram ao ponto em que a morte é sua especialidade. Qualquer methodo de ser despachado deste valle de lagrimas attrae immediatamente a sua attenção. Seus amigos se fogem de visital-os nos scenarios soturnos dos estudios com medo de encontral-os exhalando o ultimo suspiro. Seus admiradores os vêem morrer tão frequentemente na téla, que lhes escrevem centenas de cartas, solicitos por seu bem estar.

John Miljan diz que já tem sido morto de sessenta modos differentes durante a sua longa carreira de villanias na téla. Suas primeiras raorles incluem um incendio a bordo dum vapor que afunda e o arrasta para o fundo do mar; devorado por uma manada de lobos durante um terrivel drama da policia montada; uma prolongada agonia depois de ter sido mordido por uma aranha venenosa; sua exterminação numa enorme caldeira de oleo fervendo; servir de comida a leões famintos e ser pisado por uma manada de elephantes irritados.

Neve na terra, fogo nos corações.

Quando os methodos lethaes se tornam mais modernos, Miljan esteve entre os primeiros que foram massacrados por metralhadoras nas producções de "gangsters" como *The secret six* ou *The beast of the city*. Outras mortes foram causadas por desastres de automoveis, tempestades de neve, forca, cadeira electrica, tubarões, avalanche, terremotos e

duellos. Certa vez, foi levado ao extremo de suicidar-se...

C. Henry Gordon, foi ferido nas costas mais de dez vezes no curso da sua longa carreira theatral. Certa vez, um productor, com idéas novas fez com que a heroina do film o estrangulasse com seus longos cabellos. Isto aconteceu, naturalmente, nos velhos tempos do theatro.

"Esta é uma morte que não terei que soffrer novamente, ao menos que os estylos voltem", disse Gordon.

No cinema, Gordon tem tido já tantos fins tragicos que quasi póde competir com Miljan, especialmente quando se toma em consideração o pouco tempo que tem estado a trabalhar nos films. Na téla já morreu duma punhalada nas costas e tiros no estomago. Numa certa producção, foi arrastado sob as rodas do trem subterraneo. Foi victima duma bomba jogada pelos revolucionarios. Succumbiu de sêde no deserto. Foi alvo das flexas dum bando de indios, fuzilado e asphixiado num banco de areia.

Carinhos risonhos.

"Julgo que a morte de maior agonia mental", confessa Gordon, "é andar com os olhos vendados sobre uma prancha que vae dar ao mar. Fiz isto uma vez, sabendo que ia cahir numa rede, sendo esta a impressão mais forte que senti ao me approximar da eternidade. E o mais curioso nesta caminhada sobre a taboa é que segui até o fim, fazendo por não cahir até que fosse absolutamente necessario; julgo que isto é o que se póde chamar "instincto de conservação".

Esses dois intrepidos especialistas da morte julgam que morrerão de velhice ou atropelados por alguma bycicleta numa estrada de rodagem.

"Morrer na propria cama seria uma novidade agradavel como variedade", declara Miljan.

O demonio do ciume.

DEPOIS DO PECCADO...

(Ao brilhante espirito de Gustavo Barroso)

... with thee to go
Is to stay here; without thee here to stay
Is to go hense unwilling; thou to me
Art all things under Heaven, all places thou
Who for my wilful crime art banished hence.

(Milton, "*Paradise Lost*").

Um valle umbroso, á porta do Paraiso... Eva, deitada sobre a relva, dorme, esplendidamente núa... Adão, pouco além, scisma... Ha termas melancolias na noite que cae...

Adão, *monologando:*

Expulsos para sempre! A esplen-
[dida morada
Por Deus, que no-la deu, tambem
[nos foi tirada!
Para sempre a gemer ao peso das
[fadigas,
Arrostando, da terra, as iras ini-
[migas!
Para sempre o trabalho ingrato e
[extenuante,
Que de mim vae fazer um esque-
[leto errante...

Estou só, estou só... Aquella que ali dorme
Envolta na penumbra, a cabelleira informe
Cobrindo-lhe a nudez, aquella tambem ha
De commigo soffrer, e o calix tragará
Da tristeza sem nome, a angustia sem remedio
Que nos ha de tomar, em doloroso assédio...
Pobre querida minha... A sua nivea imagem
Ao menos servirá para me dar coragem,
E por ella eu hei de, impavido, arrostar
Todo o immenso soffrer que a vida me ha de dar!
Sim! Eu me alentarei... Eu cobrarei, por certo,
Energia e valôr...

(Pausa. Eva, que dormia, accorda e põe-se a escutar):

Adão, *continuando, com amargura:*

... Tão perto o Céu, tão perto,
E entretanto tão longe... O Paraiso... A porta
Está bem junto a nós... Mas para nós que importa,
Si é prohibida a entrada e a espada flammejante
Guardando-a, nos condemna á triste vida errante?
Meu Deus! por que é tão dura a tua lei? Não viste
Que era fraco demais o ser que constituiste,
Para que resistisse á força do peccado?
Para que, tendo á mão o fructo cobiçado,
Passasse indifferente, attento á tua voz?
Senhôr, Senhôr! Si assim tu nos fizeste, a nós
Não será permittida uma fraqueza, um grito
Da carne rebellada? Embóra de granito,
Talvez que mesmo assim, talvez que mesmo ainda
Tivesse eu succumbido á tentação infinda
Do fructo prohibido...

... Oh Deus! Quem ha, quem ha
De este horror minorar? Quem, pois, Senhôr, trará
Um conselho a esta dôr sem nome em que padeço?
Quem? Quando? E de que fórma?

(Um silencio... Eva, as lagrimas nos olhos, levanta-se e, approximando-se de Adão, lhe diz, baixinho):

Eva, *com meiguice:*

... Eu! Eu, que não me esqueço
De que, si tu peccaste, a culpa foi somente
De meu sangue de fogo e minha carne ardente...
Mas não temas, Amôr... Eu saberei, por certo,
Transformar em jardim esse aspero deserto...
Por ti, me esforçarei... E quando tu, cançado,
Quizeres repousar, meu seio dedicado
Ha de te fornecer um leito mais macio
Do que a relva subtil desse Eden já vazio...
Com meu sorriso o espinho ha de se abrir em flôr,
E tudo hei de vencer, pelo poder do amôr...
Olha, querido, em tôrno: a natureza inteira
Se expande ao nosso olhar: é nossa companheira!
A ti, pelo trabalho, e a mim, pelo carinho,
Competirá tecer o delicioso ninho
No qual hão de nascer os filhos da paixão
Que móra, eterna e fórte, em nosso coração!
Não temas... Olha ainda. Aquella fontezinha
Ha de aplacar-te a sêde... E a fome, tua e minha,
Irão satisfazê-la os fructos sazonados
Que pendem, como vês, dos galhos recurvados...
Não temas! Quando a noite exhausto te encontrar,
Repouso, em meu amôr, tu poderás achar...
E assim havemos nós, felizes na desgraça,
De passar sobre a terra a nossa vida escassa,
Vencendo, do infortunio, a livida cohórte...

Adão, *apprehensivo:*

— Depois, porém, da mórte?

Eva, *com doçura:*

A nós, que impórta a mórte
Si a vida triumphar nos filhos que tivermos?
Não, não penses na mórte... E um dia, quando hou-
[vermos
De cerrar nosso olhar ás galas desta terra,
Eu pedirei a Deus, áquelle Deus que encerra
A bondade suprema, uma graça primeira:
— Que repouse comigo a tua companheira...

Não, não penses na mórte! Agóra, é só preciso
Esquecermos de todo aquelle Paraiso
Onde passámos nós os dias da ventura
Que perdemos peccando... A nossa desventura
Menos rude será si nós unicamente
Vivermos para o mundo, e delle tão somente,
Sem pensarmos, Amôr, nesse jardim perdido...

Adão, *com vehemencia:*

Tens razão, tens razão! Já que nos foi prohibido
O Céu, pelo Senhôr, vivamos neste mundo
Ligados pelo amôr, por esse amôr profundo
A um tempo sensual, e puro, e delicado,
Que foi a causa idéal de havermos nós peccado!
Na terra e pela terra! A Carne sempre avante
E o meu peito cingido ao teu seio offegante.
Mesmo porquê, peccando, eu conheci um prazer
Maiôr que o proprio Céu, na posse de teu Sêr...

... (E, num longo beijo, Adão inicia, com Eva, uma nova vida) ...

J. C. Nogueira Ribeiro

O MYSTERIO DE UMA INICIAL

QUANDO entrei no compartimento, estava vazio, salvo, um angulo, occupado por uma formosa joven, cujo aspecto denotava a pessôa rica habituada ao grande mundo e ás viagens. Installado no mesmo lado do carro, mas no assento opposto, continuei observando discretamente minha vizinha, tendo o cuidado de não incommodal-a com um exame muito attento. Sua bagagem enchia uma das rêdes. Eu ia collocar minha valise na outra rêde, quando entrou um viajante, carregado tambem de numerosos embrulhos. A joven se apressou a dar-lhe logar e retirou uma pequena valise em que vi gravada a inicial Z. Isso me intrigou.

— Chamar-se-á Zulema? — pensei. — Ou será Zenaide ou Zoraide?

E, francamente, a idéa deste ultimo nome, por mais suggestivo que fosse, estava longe de agradar-me em uma mulherzinha tão fina e tão occidental como minha encantadora companheira de viagem.

O trem partiu. O terceiro occupante do compartimento era um homem de contextura massiça e com aspecto de novo-rico. Aboletára-se no terceiro angulo, em frente da formosa joven. Logo que passámos por Charenton, começou a fazer-lhe a côrte: á sua maneira, já se vê. A principio, foram apenas palavras banaes, para entrar em conversação. Não recebendo resposta, o homem mudou de tactica. Protegido pelas paginas de uma revista illustrada, eu seguia disimuladamente os movimentos do individuo, cujo enorme pé avançou para o pequeno sapato, que retrocedeu, por sua vez, vivamente. Depois, elle fingiu procurar alguma coisa na rêde de bagagens, e, como por acaso, tomou como ponto de apoio o joelho da joven. "Z" afastou-se um pouco, aproximando-se de mim.

Sentia desejos de atirar aquelle imbecil pela janella, a tal ponto o achava grosseiro e estupido. Mas seu manejo pareceu-me que ia redundar em meu favor. Guardei, pois, a attitude de um homem prudente.

O homem pareceu ficar tranquillo por um momento. Mas, quando sahimos da estação Nonteréau, recomeçou sua perseguição. "Z", visivelmente aborrecida, levantou-se, deu alguns passos pelo corredor. Seu perseguidor irritou-a. Vi que ella lançava um olhar perturbado para seus numerosos embrulhos e valises. Transportar tudo aquillo para outro compartimento ? Para que ? Aquelle bruto a seguiria. E devia portanto, supportar o abominavel companheiro de viagem...

Seu olhar afflicto se encontrou com o meu. Sem duvida, ella leu em meus olhos sympathia e essa deferencia que, na opinião, agrada mais as mulheres do que a cortezia. E foi então que, voltando-se para mim, ella proferiu estas palavras inesperadas:

— Luciano, que horas são ?

Eu me chamo Mauricio, mas comprehendi immediatamente na manobra. Puxando meu relogio, respondi com a maior naturalidade:

— Onze e um quarto, querida amiga. Vê, pois, que ainda nos falta muito para chegar.

Iria aborrecer-se ? Não. Sorriu, e sentou-se deliberadamente a meu lado. O homem olhou-nos, encolheu os hombros e deixou-se cahir no assento fronteiro, resmungando alguma coisa em que percebi o nome de um animal do deserto. E pensei que, com esse qualificativo de camello — pronunciado entre dentes, como para que eu não pudesse ouvil-o — recebia inopinadamente meu terceiro baptismo. Não creio que aquelle imbecil, por mais grosseiro que fosse, mordesse o anzol a respeito de nossa comedia. Mas deve ter admittido paladinamente que ella me preferia a elle.

Tanto para dar alguma veracidade a nossa troca de palavras como por temor de um erro de juizo sobre suas intenções, ella se desculpou em voz baixa. De igual maneira ella lhe assegurei que não abusaria de sua confiança. Ella me disse que havia viajado muitas vezes sozinha, até de noite, sem nunca ter que supportar situações daquelle genero. Eu respondi que era necessario não ter educação para portar-se da maneira por que o fizéra aquelle homem odioso.

— Vou a Dijón — accrescentou com voz musical, minha encantadora desconhecida. — Meu pae teve que partir antes de mim. Deve estar na estação, esperando-me. Quanto a meu irmão, cujo nome acabo de dar ao senhor por ter sido o primeiro que me occorreu, as circumstancias se oppunham completamente a que me acompanhasse.

O grosseiro Don Juan, sem consultar-nos, velára, com um papel opaco, a lampada electrica, e, tirando de suas valises um travesseiro, se preparava para dormir. Eu não quiz contrariar minha linda companheira de viagem fazendo-lhe perguntas. Si ella apreciava alguma coisa em mim, de certo era minha discreção. Dirigi, pois, minha conversação para themas geraes, e ella me secundou, satisfeita. Demonstrava extensa cultura e opiniões pessoaes. A vida e os affectos familiares occupavam grande espaço em seu coração. Por ultimo, a uma liberdade de espirito e de maneiras inteiramente moderna, alliava uma deliciosa reserva de outrora, que me agradou sobremodo.

Aproximava-nos de Dijón. Manifestei meu pesar por não poder acompanhal-a até a sahida da estação. A parada era apenas de oito minutos, e eu ia para Marselha. Ella extendeu-me, a mão, na qual posei, respeitosamente, os labios. O bruto roncava em seu canto.

Quando me vi só, pensei melancolicamente que nunca, nunca saberia si aquella formosa joven se chamava Zulema, ou Zenaide, ou Zoraide... E eis-me, de repente, na penumbra creada pelo improvisado abat-jour, percebo a valise, a pequena valise com a inicial "Z" que despertára minha fantasia. O chefe da estação já havia dado o primeiro signal de partida. Loucura e amor nascente são synoni-

Póros abertos

Os póros do rosto fecham infallivelmente com o uso de um só vidro do maravilhoso

DISSOLVENTE

O DISSOLVENTE NATAL obriga que os póros se fechem e acaba com as rugas, manchas, pannos, sardas, espinhas, cravos, etc. Usado pelas actrizes de cinema para a limpeza diaria da pelle.

É garantido e cada vidro custa 5$000

Gratis!!! Sr. L. R. SOUZA — Rua dos Andradas, 130 — Rio. Queira mandar-me informações gratis sobre o famoso DISSOLVENTE NATAL.

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

De A. Berthet

lhas: apanhei a valise da moça, e minha propria valise, e saltei na gare, á procura de "Z" emquanto o trem levava para Marselha o imbecil conquistador... e minhas malas, que viajavam no carro de bagagens.

Procurei em vão a joven em toda a estação e nas immediações. Chamei-me, então, de idiota. Havia retardado inteiramente uma viagem de negocios para procurar, em uma grande cidade que eu não conhecia, uma mulher de quem tudo ignorava, a começar pelo nome.

A pequena valise estava fechada a chave. Ou não encerrava nada de importante, e nesse caso não seria reclamada, ou então seu conteúdo era precioso e eu corria o risco de ser accusado de ladrão... Resolvi passar o resto da noite no primeiro hotel que encontrei, e, na manhã seguinte, entregar meu achado na estação, expondo a aventura.

Estava o sol alto quando me despertei. A primeira pessôa que encontrei no corredor do hotel foi "Z", minha formosa companheira de viagem. Tinha a expressão fatigada, os gestos preoccupados. Acompanhava-a um senhor de idade; seu pae, evidentemente. Este tambem parecia muito contrariado.

— Então — disse o pae, — não tens as allianças?

— Estão na valise que esqueci no trem...

— As allianças! — pensei eu, consternado. — Lindo desenlace! Ella se vae casar, e eu comprometti meus interesses para apressar a felicidade de outro homem...

Sim. Senti-me dominado pelo ciume. E já estava decidido a entregar a pequena valise na estação, sem preoccupar-me mais com sua proprietaria, quando esta me divisou, soltou um pequeno grito de surpresa e de alegria, e me apresentou a seu pae como um "attencioso companheiro de viagem que lhe fizera um assignalado favor."

Declinei, então, meu nome, que causou bôa impressão ao pae, o qual, por sua vez, me revelou seu nome, honrosamente conhecido na magistratura.

— Senhor — falou-me elle, — vejo que o esquecimento de minha filha lhe causou grande prejuizo. Temo que haja atrazado muito sua viagem. Si assim não fôra, eu lhe rogaria que addiasse por mais um dia sua partida e nos désse a honra de assistir ao casamento de meu filho. E' para essa ceremonia, que se realisará ainda esta manhã, que viemos a Dijón. Minha presença aqui era necessaria hontem. Minha filha ficou em Paris mais algumas horas, justamente para retirar essas allianças que o joalheiro não pudéra entregar a tempo. E foi exactamente isso o que ella esqueceu no trem!

Eu devia, ou não, acceitar o convite? Nunca o saberei. Nesse momento, naquelle corredor de hotel que se transformava em algo assim como o vestibulo das tragedias ou o logar dos effeitos theatraes, uma pessôa agitada appareceu bruscamente entre nós, soprando e dizendo:

— Sinto muitissimo o que occorre, senhor, senhorita; mas E m i l i o não poderá comparecer á ceremonia. Amanheceu com um terrivel ataque de figado. Que contratempo! A' ultima hora! Vae ser necessario mudar todos os pares do cortejo...

— Creio que não... — respondeu tranquillamente, minha companheira de viagem.

CALLOS?
Allivio instantaneo com a primeira applicação.
Mate a dôr e destrua o callo com
"GETS-IT"
31.24-P

E, dirigindo-me um adoravel sorriso, me disse:

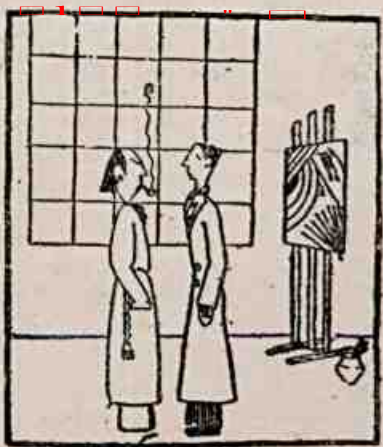
— Senhor, estou quasi acreditando no velho aphorismo de que não ha dois sem tres. O senhor foi, duas vezes, meu salvador. A indisposição do irmão de minha futura cunhada deixa-me sem companheiro de cortejo. Posso unir meu pedido ao de meu pae para que passe este dia comnosco?

Os leitores que teriam respondido?... Eu passei o dia com ella. Depois passei muitos outros dias. Porque minha sympathia nascente foi augmentando com aquella approximação, e a vontade do destino se manifestava muito crystallino para que eu tentasse offerecer-lhe a menor opposição. Opposição ao sonho delicioso que desde o primeiro momento do nosso fortuito encontro começou a acariciar meu cerebro enlouquecido? Seria uma insensatez, não é verdade?

Alguns mezes depois, Haydée era minha esposa.

— Como Haydée? — perguntarão os leitores. — E Zoraide, ou Zulema, ou Zenaide?...

Ah! sim! tenho que explicar esse detalhe... Na vespera do casamento de seu irmão, a doce desconhecida que hoje é minha mulher amantissima, não tendo logar sufficiente para todos os accessorios que levava, comprou, em um leilão, uma valise, sem se preoccupar com a letra gravada no couro.

De resto, na intimidade, eu a chamo Zinette, sem duvida para justificar essa inicial a que devo um pouco da minha felicidade...

— Desejo um grupo: minha mulher, minha sogra, minhas tres cunhadas e eu.

— Perfeitamente.

— E procurei-o por que soube que o senhor tem executado magnificos quadros de batalhas.

I

A TERRA

MURICY estagnara, da noite para o dia, na sua florescencia myrifica, lá por volta de mil novecentos e coisinha.

O exodo avolumava-se, levando os melhores elementos locáes, desde a deposição governamental do doutor Manoel de Araújo Góes, um dos maiores proprietarios do municipio e senhor de engenhos emérito, em torno de quem gravitavam todas as forças de alevantamento da então comarca, onde tambem se fizéra homem, na eterna e insulada despreoccupação do *Itamaracá*, o formidavel caboclo que mais tarde veiu a ser o consolidador da Republica.

A retirada do doutor Antonio Supardo, a partida do coronel Antonio Barbosa, actual thesoureiro do Estado e trunfo naquelle tempo no velho burgo patricio, seguida da de Jacyntho Barbosa, typo acabado do bom, foram os golpes mais sensiveis na vida da pacata e tradicional cidadéla, cuja historia pittoresca começa, ninguem sabe quando, na simpleza de uma espéra de caçadores de veado, num lendario e possante pé de *muricy*, ao tempo em que aquellas paragens entre o Cumbe e a Floresta, outróra Caatinga, entre o Campo Grande e o Mundaú, repartidos pelo sulco do Beberibe, não eram mais que uma fertilissima pastagem de galheiros ariscos, patos dagua e pacas de concha.

ASSOMBRAÇÃO

A debandada de uns e a morte de outros deixaram, comtudo, vestigios de civilização em chronicas vivas, maleaveis e gratissimas, que ainda fazem o orgulho dos filhos remanescentes.

Muricy escreveu na sua historia paginas brilhantes e harmoniosas nos velhos tempos das serenatas.

A predestinação artistica de João Caetano teve émulos magnificos em Muricy, apanhados entre o melhor elemento social de então. O Theatro de Muricy deu muitas surras no velho *Delicia*, de Maceió, onde o *Gremio Dramatico Corrêa Vasques*, com o Tonico Lopes, fazia as matronas de 1900 chorar rios de lagrimas, segundo rezam as chronicas, deante dos lances patheticos e melodramaticos d'*O 29* e d'*O Poder do Ouro*.

A vitrolomania de ultima hora, no seu internacionalismo de accórdes e de sons, acaba de canonizar uma das figuras mais typicas das suas luaradas madrigalescas, mixto de sonho e sentimentalismo, vaticinio de esplendor e decadencia daquelles dias em que a modinha e as lôas singelas, de mãos dadas, veneravam a *valsa vianna* e a quadrilha, apoiadas pelas saltitancias da *polca*, da *xótiche* e da *mazurca*:

— Augusto Calheiros, esse mulato agora nacionalizado, que todo mundo não conhecia alli sinão por Augusto da Lorença.

> — *Queres dizer, porém tens medo...*
> *Tu tens receio de falar!*
> *Triste de quem ama em segredo*
> *E nunca póde revelar*
> *O seu amor...*

Depois Muricy chegou a ser theatro das coisas mais tristes destes céos, campo das mais incriveis tragédias politicas e passionaes.

Certo promotor, todas as manhãs, á hora do trem, lá estava na estação, decentemente despido, toalha de banho a tiracólo, de tamancos e pyjama, incitando calores para os mergulhos refrigerantes do Mundaú.

Muricy debatia-se nas garras adventicias.

E com semelhante estentor, que se chegou ao desplante de se caiarem-se de pixe jornalistas da opposição, e a casa de adversarios com a coisa mais fedorenta deste mundo!

O fratricidio por questão de terras sangrou ali na mais animalesca tragedia que já viram aquelles sóes.

Por um simples passar na porta, duas das mais importantes familias se esphacelaram numa boquinha de noite. O destacamento policial do cabo Chico farejou de casa em casa o cheiro de carne humana e sangue real, tal e qual o bicho manjaléo das historias de Trancoso. Na manhã seguinte, uns eram encontrados *promptos*, á margem do rio, cosidos de bála, com os olhos comidos das piábas, emquanto outros eram arrastados de dentro das malas da casa-grande do engenho Cansanção e levados a panno de facão para a cadeia, obrigados ao cuba da fachina.

Dizem que lá para cima se surravam cidadãos algemados pelos pulsos, á margem do rio, até ficarem inanimados e mergulhavam os cadaveres por baixo dos bancos de barenezas...

Isso era mais ao Norte, lá para as bandas das terras de um tal de Lelé...

A agua crystallina e gostosa do Mundaú chegou a apodrecer, como um castigo, levando na sua percarta cardumes de peixes que boiavam para as margens do rio, provocando febres de todas as versidades.

A tibórna tarjando o Mundaú na asphyxia dia...

Evita a carie e o mau halito.

AS' PESSOAS QUE SOFFREM
de prisão de ventre
ENTERITE
e affecções do figado!
Obterão *allivio immediato* e *cura radical* com o emprego diario de dois comprimidos de
LACTOLAXINE FYDAU
prescrita diariamente pelas mais altas summidades medicas substitue todos os laxativos e purgativos que fatigam os intestinos.
A'venda em todas as boas pharmacias.
Especificar bem : **Lactolaxine Fydau.**
Appr. D.N.S.P. sob o Nº 287 em 8-9-1913
Deposito Geral : Laboratorios André Pâris
4, Rue de La Motte-Picquet - PARIS

DAME FRANÇAISE Enseigne son idiome avec methode facil et et rapide. — Telephone 7 - 3613
— — — — — — Prix moderés. — — — — — —

De Maciel - Filho

Populações ribeirinhas marcou na civilização muricyense a idadezinha corrupta da sua degradação hodierna.

Na politica, quem mais fez e governou carregou as rendas do municipio em saquinhos de couro crú no lombo de quartáos pachorrentos, que demandavam o engenho do intendente, todos os sabbados, com o producto da folha dos trabalhadores do êito...

Era delegado de policia nesse tempo o major Amaro do Dedão.

Nem com a republicanização da Republica, graças á politicalha de certo estadista de casa-grande, atalhado em tempo e logo devolvido á bagaceira do seu banguê, Muricy escapou ao cúmulo de ter como prefeito um tenente de policia, diminuido pelo proprio nome, e cuja credencial regeneradora, pelos registros policiaes da imprensa da metropole, é ser um conhecido malandrão com innumeras entradas nas enxovias locáes.

O que ainda consola aquella gente digna e resignada é a tradição dos seus principaes austéros, soerguidos pela memoravel administração incisiva do doutor Esperidião Lopes de Farias Junior, um joven engenheiro muito entendido nas coisas complexas da cidade e do campo, e cuja simplicidade lhe deu uns ares suspeitos de Cincinato.

* * *

II

O HOMEM

Não era exaggero dizer-se que o velho Fonseca — Francisco Nery da Fonseca — era uma figura extraordinaria.

Entre aquella respeitabilissima côr cafusa e a cabelleira esplendida e grisalha, embuçava-se o enygma jovial dos seus inacreditaveis setenta e tantos novembros.

Mulato excepcional. Nunca procurava uma bafolada para enxotar-lhe pequena contrariedade ou mesmo raiva tempestuosa.

Para os grandes males os maiores remedios. Para acalmar os nervos, aplacar a alma e embevecer o espirito, dizia sempre não haver melhor meizinha que a musica. Por isso, aprendêra a tocar desde o berimbáo ao badálo. Pegava da sua famosa rabequinha e se esgueirava melodia afóra, em busca da alegria desgarrada:

— Orfila, lirio formoso...
Anjo querido e olorósa flôr!
O teu sorriso me seduz e máto.
Mas tu, ingrata, não me tens amôr!
Orfila, lirio formoso...
Anjo querido e olorósa flôr!

Era o ultimo numero da *xótiche* alegre e esfusiante da época, que o velho Fonseca lançava em vóga na sociedade *Onze de Julho*, onde o Modesto Novaes e o Dativo tiravam de limpo, como pés de ouro daquella sala de dança.

Caboclo espigado e linheiro, o mulato muricyense do coração, pois era natural de Pão de Assucar, era a figura perfeita do homem encyclopedico do seu meio.

A sua pacatez e probidade congenitas afastavam-no do ambiente e dos fuxicos politicos com esse conceito tremendo sobre os salamaleques partidarios:

— Menino, para sermos politicos é preciso, antes de tudo, sabermos de côr e salteado a historia da Prostituição...

Emquanto o bacharel vaquejar a politica escanchado na chicana, com o abôio do seu palavrorio a reboar nos comes-e-bebes e nas peixadas civicas, isso ha de ser sempre um paraiso perdido...

Não vês as espadas de metro e meio substituindo as canêtas de ouro de cinco centimetros?...

Comtudo, tinha lá os seus melindres sympathicos por Pinheiro Machado e exaltava as esquisitices impenetraveis de Floriano.

Fora da politica, elle ali era tudo. Tudo e o resto.

Na medicina tanto curava mordida de cobra como de rastro. Izípa ou mal de monte, como espinhéla cahida e dôr de veado, eram tiro e quéda na pontaria das suas benzeduras.

Na religião só não celebrava missa.

Nas novenas de Santo Antonio da Maria Joaquina ou do escrivão José Lino de Souza, Fonseca era o vigario e o sacristão, ao mesmo tempo.

Na santa cruz do afogado das ingazeiras do Hortencio de Barros, no outro lado do rio, Fonseca era quem tirava as ladainhas e jaculatórias, quando a Maria Catenga tinha preguiça de atravessar para a outra margem.

Nas novenas de Nossa Senhora da Conceição, do Martim Simplicio, no Cajueiro, lá estava elle tirando os versos sagrados:

— Louvemos, irmãos louvemos,
Louvemos com devoção...
A imacú... a imacú... a imacú...
Láda Conceição... Láda Conceição...

Foi o melhor sacristão que o padre José Roberto encontrou durante os seus sessenta e dois annos de

(Cont. na pag. seguinte)

Dôr ? GUARAINA

vigario collado. Ninguem como Fonseca subia chamar uma missa com apostolice maior ou dobrar a finados com maior agonia. Fonseca parecia arrancar do bronze a dormencia languida das *Virgens Mortas* de Bilac ou vaticinar a angustia das *Lagrimas de Céra* que Raúl Machado ainda sentira na morte de Stélla.

Sentia-se orgulhoso em transmittir a outrem os effluvios do seu genio expansivo e alegre. Dentre outros a quem ensinára musica, Antonio Preá e José da Virginia foram os seus mais dedicados discipulos do badálo. Quasimodo, no Pateo dos Milagres, invejaria sem duvida os sectarios do mestre tabajára.

Na arte dos sons Fonseca era numero um em toda aquella redondeza. Em musica só se deixava de falar nelle quando a banda da Capella vinha tocar nas novenas de Nossa Senhora da Graça, padroeira da cidade.

Era, ao mesmo tempo, toda a orchestra do côro da igreja, nas novenas do mez de maio, desde a flauta melliflua ao orgam rouquenho e melancolizante.

A sua rabequinha irrequieta tinha qualquer affinidade com aquella outra, já então historica, das maluquices intimas do primeiro imperio.

Quando Bilac, com o seu incontido patriotismo, apregoou a todos os ventos a *Oração dos Moços*, semeando civismo, com a criação dos tiros de guerra, Muricy não faltou ao chamamento do dever civico para a prophylaxia do nosso Exercito, dando ás fileiras do marechal Hermes o seu contingente, já sem o horrivel colarinho de sóla da velha tarimba redemptora de Canudos.

Fonseca tambem lá estava com a senectude juvente dos seus cabellos brancos. Não marchando nem marcando passo, com as espingardas de páo do sargento Cordeiro ao hombro, mas á frente da mocidade radiosa e sonhadora, com o seu pistão estridulante e bellicoso, como corneteiro, quando o Salatiél Chaves adoecia ou o Chico Paulino se esbaforia ou se estrompava do peito com o seu renitente *puxado*.

Fonseca foi um bohemio amavel e um philosopho. Naquelle tempo, a safadeza ainda um tanto veláda não estava tão familiarizada nas menores coisas como hoje em dia.

A sua bohemia era uma pandega ingenua, quasi infantil, não obstante a sua senectude, sem as tendencias licenciósas dos môços bonitos que andam por ahi, de *rouge*, pó de arroz e sobrancelhas safadas.

As suas pilherias eram esplendidas e paradoxáes, dessas que se classificam de gozadas. Podiam ser ouvidas por qualquer Filha de Maria, com maior dignidade que as do conego Machado de Mello, tão famosas e intelligentes quanto causticantes.

ASSOMBRAÇÃO

A sua presença em todas as festas intimas ou reuniões solennes era imprescindivel, como ferroteador da ironia e instigador de vivacidade e alegria.

Na festa do primeiro casamento do coronel Antonio Braga, no então engenho "Bôa Esperança", algumas moças cerimoniosas estavam acanhadas para dar inicio á sobre-mêsa. Fonseca, percebendo a acanhação, foi ensinar as meninas a comer, comendo elle proprio as guloseimas de cada qual.

— Vocês não sabem comer, não, meninas? Pois é assim...

E, léco-léco-léco, comeu tudo!

Numa das *festas da botada* do engenho "Brejo", do doutor Góes, o doutor José Felippe Uchôa, servindo a mêsa, perguntára-lhe:

— Fonseca, você quer *rosbife?*

— Qual, doutor Uchôa! O senhor quer me matar de fome? Roendo bife não acabo tão cêdo! Quero é comer bife!

Nunca faltou a um enterro, mesmo de quem não conhecia. Certa vez, vendo passar um defuncto numa rêde, acompanhou-o á ultima morada.

Miguel Ozorio, aborrecido pela obrigação de ir cavar os sete palmos de chão, pergunta-lhe, trepado na perna zambêta:

— *Quem morreu, "f/éu" Fonseca?*

— *Esse não morreu, não. Mataram-no!*

— *Mas mataram a quem, homem!?*

— *A quem estava vivo, Miguel!...*

Num desses zunzuns de sacristia, cochichava-se a noticia de que naquelle anno não se rezariam as novenas do mez de maio. As meninas mais chics da cidade, cantoras da igreja, ao saber da nova, inqueriam ao velho sacristão, si havia sempre ou não *mez de maio*.

— Meninas, só não haverá mez de maio, si o mundo se acabar em abril...

A pachollice do Graciliano Paulo, prêto *mas porém* cheirôso, como se gabava, era uma das notas elegantes da negrada muricyense. No tiro de guerra não havia voluntario mais limpo nem atirador mais garboso.

O Graciliano já tinha na caixóla todos os toques da cornêta. E andava rua acima, rua abaixo asso-

Garantidamente neutro, é benefico á mais delicada pelle.

Hospital da Cruz Vermelha Brasileira

ESPLANADA DO SENADO

Serviços de medicina e cirurgia geral, partos e gynecologia, olhos, ouvidos, nariz e garganta, pelle e syphilis, vias urinarias, proctho-logia, apparelhos e massagens, clinica de crianças, Raios X, diathermia, alta frequencia, ultra-violeta e laboratorio de analyses clinicas.

Quartos de 1.ª e 2.ª classes e enfermarias geraes para indigentes. Attende diariamente a grande numero de necessitados. Medico permanente. Ambulatorio abertos das 8 ás 12 horas. Acceita qualquer donativo que lhe auxilie a obra caridosa.

(Continuação)

biando as melopéas da escala, mesmo nas clarinadas menos usadas nos exercicios.

Para o seu pernosticismo um dos toques mais interessantes era o da chamada da banda de musica, talvez por ser o mais desaforado da inventiva marcial. E, com aquella arrogancia e a mesma dolencia, o pelintra trauteava:

— *Capim pra cavallo...*
Capim pra cavallo...
Capim... pra cavallo comê... ê... ê...

No mesmo alegrão de *patria-amada*, heróe de todas as bravuras inconcebiveis, parou de uma feita em frente a casa do velho Fonseca. E, batendo com força os saltos das botas reúnas, foi-lhe fazendo uma continência espalhafatósa, seguida de um dos seus tóques mais repinicados.

Fonseca calado estava e calado ficou.

O moléque, procurando fazer-lhe umas gracinhas, foi botando o seu kepi na cabeça do velho bonacheirão. Fonseca acceitou a brincadeira com a sua implacavel ironia. De repente, zurziu uma perfidiazinha, dissipada num riso amarello:

— Bóte boné, Gracilliano! Vá botando... Lá um dia tambem te bóto!

O preto enterrou os pés de banda, safando-se com as desculpas da provocação sem aquelle proposito.

— Vótes! Esse *séu* Fonseca... Felizmente, sou solteiro!

E, sem atinar com o assobio, fez uma retirada estrategica, em silencio...

Até na hora da morte Fonseca foi um pandego. Não foi um ironista de ultima hora, porque foi mais do que isso: foi um perdulario do bom humor até o ultimo instante de vida.

Tal vida tal morte.

Em vida dizia sempre: — Quando eu morrer, não quero ouvir chôro nem soluços na minha cabeceira. Todos têm de se rir na hora da minha morte.

E assim foi, por inconsciencia ou coincidencia do destino.

Ademais, elle dizia que não queria que ajudassem a viver, isto sim.

Fonseca adoeceu de repente, para morrer num instante, escandalizando o seu burgo com a propria morte.

Logo nas primeiras noticias da derrubáda, as visitas eram constantes, em busca de noticias suas. Ninguem esperava que aquella macacôazinha bésta trouxesse o desfecho para o velho bonissimo.

Alta noite foi accommettido de um fortissimo ataque e começou a revirar os olhos.

A Roseira gritou lógo, espavorida:

— A véla! A véla, minha gente! Chega a véla, depressa, Santina!

Fez-se um verdadeiro silencio de morte. Todos correram para perto do catre. A véla bruxoleando na mão, o moribundo tinha a respiração opressa, e os seus olhos moviam-se mansamente, como uma chamma sem ventilação. Fonseca, recobrando os sentidos, ergueu-se dos travesseiros. Na camarinha vasta e cheia de gente, alguns soluços femininos estrangulados de repente.

A *sinha* Mariquinha do professor Teixeira ainda se assoava a um canto. Fonseca chama-a com a voz beatifica e cansada, espiando para todos os presentes, com os olhos marejados de lagrimas e aconselha, paternalmente: — Calma, minha gente! Deixem de alvoróço! Mãe Sem, si não tiver véla, eu vou mesmo a remo...

Uma risada medrosa, mas irreprimivel, cascateou por toda a camarinha.

Temos ouvido essa deliciosa piáda attribuida a outros sujeitos espirituósos, inclusive o inexcedivel Bocage, de quem se contam coisas maravilhósas que só mesmo Elmano era capaz de dizer.

E morreu, depois de outro collapso. Com o segundo atáque ninguem se importou tanto. O vigário, seu amigo e patricio, dizia de vez em quando, com a sua voz meio fonhen:

— Hum! Fonseca é bem capaz de estar nos fazendo das suas!

Morreu.

E morreu entre risos e surprezas, como vaticinára.

* * *

III

A HISTORIA

Dentro do seu commodismo bonacheirão, tinha Fonseca as suas pachôrras esquisitas, mixto de artista e de bárbaro.

Amava a pessôa como um socó-boi ou um carcará. Dava graças a Deus quando chegava o inverno, para não tirar o anzól de minjuáda. Fôra elle quem ensinára a Zé Candósa a pegar aratanhas e pitús nas lócas do Mundaú e botar cóvos nas caiçáras improvizadas dos areados do rio ou no bambuál do velho Manézinho Aureliano, irmão do vigario.

(*Continúa no proximo numero*).

PARTEIRA

MME. D. CESANI

Especialista diplomada, attende todo e qualquer caso. Processos modernos, maxima hygiene, preços satisfactorios, consultas gratis.

Das 10 ás 17 horas

FRANCISCO MURATORI, 2 (*Esq. Rua Riachuelo*)

Appartamento 7.

Telephone — 2-1244

LEIAM

os romances de *Fon-Fon*, variadissimas collecções do grande escriptor francez Michel Zévaco, pois encontrareis á venda na *Empresa Fon-Fon* e *Selecta S. A.* á Rua Republica do Perú, 62 (antiga da Assembléa) — Rio.

FOGÃO A GAZ

HOMANN

o mais solido e o mais economico.

Typos para todos os fins.

Exposição na Casa:

HERM. STOLTZ & CO.
Rua Gen. Camara, 85.
TEL. 4-6121.

— Que idade acreditas que tenha a Mathilde?
— Não sei. Mas, deve ter o dobro...

Para belleza da pele
CUTIVACIN
Creme aderente - Odor agradavel
Contra espinhas, cravos e pequenos abcessos.
Produto da Secção microbiologica do
LABORATORIO Dr. RAUL LEITE & C. IA

Loucuras de uma noite

Da FOX

com Sally Eilers, Ben Lyon e Ginger Rogers

(Illustrações nas paginas 41 e 42)

GERRY MARSH e Jessie King eram empregadas num cabaret onde trabalhavam no vestiario. Não se podia dizer que fosse um emprego notavel, mas chegava para o indispensavel. Jessie, como tinha uma mãe velhinha e um irmão preguiçoso para sustentar, ia fazendo tambem o seu negocio em vender bebidas de contrabando. Era um negocio perigoso, mas quem precisa não olha a perigos. De resto, o seu patrão, Tony Carlucci, que tinha a seu respeito certas pretensões ia protegendo-a nessa missão difficil não occultando o seu desejo de levar mais longe essa protecção.

Por entre as preoccupações da sua vida de trabalho Gerry tem, como todas as moças, o seu desejo de folgar, de dar á vida um ambiente de alegria. Como a convidassem para uma festa alegre em casa do ricaço Phil Cornwall, ella não recusa a offerta e ali comparece acompanhada do seu amiguinho Tod Reese, proprietario de uma revista de arte que não era mais do que um meio delle realizar os seus negocios escuros. Tod Reese conhecêra em tempos Gerry e nesse conhecimento houvéra certas intimidades comprometedoras. Foi uma noite de alegria tão intensa, que Gerry perdeu a noção do tempo. A festa acabou tarde da noite e como Gerry já não tinha transporte para Brooklyn, Reese offereceu-lhe o apartamento do seu amigo Buster, que se encontrava fóra da cidade. E ella acceitou.

Na tarde do dia seguinte, Gerry acorda com a chegada inesperada de Buster, que fica encantado por encontrál-a nos seus aposentos, elle que lhe estava dedicando um affecto sincero e puro. Conforme lhe foi possivel, Gerry convenceu-o da innocencia daquelle encontro, procurando demonstrar que estava alli por um mero acaso. Em seguida volta ao seu posto no cabaret. Mas Carlucci, vindo a saber do amor que a empolga por Buster, resolve vingar-se, faz com que o agente de prohibição de bebidas alcoolicas a tome de ponta, resolvendo-se, por fim, prendêl-a pelo crime de contrabando, fingindo ao mesmo tempo protegêl-a para assim lhe captar as sympathias, com a condição de que Gerry continuará a vender bebidas, mas por conta delle. Conseguindo libertar-se das garras da policia volta para sua casa acompanhada de Buster.

Desde então, o amor de Gerry e Buster vae augmentando de intensidade. Buster pede-a em casamento, mas Gerry recusa annuir a esse pedido, com receio da sua vida passada. O pae de Buster dá o seu consentimento para essa alliança, e em commemoração desse acontecimento realiza em seu palacio um grande baile no dia de Anno Bom. Alli comparece Reese, que, dominado pelo ciúme, conta ao pae de Buster o que sabe sobre o passado de Gerry. O pae de Buster, aterrorizado, vae relatar tudo ao filho, que, aliás, nada desconhecia desse passado. Estava realizando-se no salão, nesse momento, o jogo do X "Assassinio". Quando o jogo termina e se procura saber quem foi a victima, todos têm a desagradavel surpreza de encontrar Reese assassinado. Buster é accusado desse crime. Prendem-no. O trabalho de Gerry para libertar o seu amado é ingente. O pae de Buster não acredita na sinceridade dos esforços de Gerry, e o seu nome não apparece no processo de Buster, não obstante o beneficio que ella lhe poderia trazer.

E o julgamento foi seguindo os seus tramites e para felicidade de Butser vem-se a provar que o assassino de Reese tinha sido um bandido seu desaffecto, de nome Dan McCoy. Buster é posto em liberdade e começa então, para nunca mais acabar, a felicidade de Gerry e Buster, que se amavam sinceramente.

O ASPIRADOR

I — PELA MANHÃ

LUCILA. — Hoje, Maria, faremos limpeza geral. Apanhe a vassoura e...

Ernesto. — Escovas! Escovas no anno de 1932! Que calamidade!... Isso é o mesmo que recorrer á illuminação a vela!

Lucila. — Continúas com tuas manias modernistas?... Varre, Maria, e não faças caso no que diz o patrão.

Maria. — Perfeitamente, patrôa.

Ernesto. — Um momento!... Escuta, Lucila: não comprehendes que...?

Lucila. — Como hei de comprehender, homem? Não se passa um dia sem que tragas um novo apparelho maravilhoso: abridores automaticos, pelladores, etc. Tenho na despensa um arsenal desses apparelhos inuteis!... Varre, Maria.

Ernesto. — Mas, Lucila! A vassoura é um instrumento antiquado! Para que serve? Para transportar o pó do dormitorio para o corredor, do corredor para a sala de jantar, da sala de jantar para a copa, da copa para a cozinha... Não, por favor!... Agora ha aspiradores que recolhem o pó directamente!

Lucila. — Prefiro conservar-me fiel á escova de nossos avós!

Ernesto. — Retrógrada!... Não, não quiz offender-te. Olha, Lucila: o aspirador, além de realizar o trabalho com maior rapidez e perfeição, evita que o pó fluctúe na casa. No pó ha billiões de microbios! Esses microbios se nos mettem pelo nariz quando varremos com vassouras! Deixa-me que te compre o aspirador. Trata-se de nossa saúde.

Lucila (impressionada). — Billiões de microbios?

Ernesto. — Billiões, disse eu? Trilliões! Trilliões! Trilliões de microbios virulentos! As analyses o demonstraram... Recolhe, por exemplo, o pó de meu escriptorio. Só eu entro ali. Pois bem: mandaremos analysál-o... E quando leres o resultado, perguntarás como pudemos salvar-nos do chólera, da tuberculose da peste bubónica, etc.

Lucila. — Oh!... Cala-te, por favor!... Compra o aspirador... Maria: não varras o escriptorio do patrão.

II — A' TARDE

(Ernesto e Lucila olham, extáticos, o funccionamento do apparelho aspirador de pó: rrrrro... rrrrron... rrrron...

III — QUATRO DIAS DEPOIS

Ernesto (entrando). — Oh, que maravilha!... Onze horas e já está terminada a limpeza da casa!... Que ar puro se respira aqui!...

Lucila (com os olhos chammejantes). — Sim?... Ar puro, não?... E gosta de respirar ar puro?... Oh, está claro!...

Ernesto (olhando a esposa). — Que? Por que fazes essa cara? Não estás contente com o apparelho?... Não funcciona bem?

Lucila. — Pelo contrario!... Funcciona admiravelmente!... Quá! quá! quá!...

Ernesto (perplexo). — De que ris?

Lucila. — Eu... estou rindo?... Quá! quá! quá!... Não, não rio. Penso na grande satisfação que te causa respirar ar puro. Quá! quá! quá!...

Ernesto (que é um homem casado e não tem, portanto, a consciencia muito tranquillo). — Ora... o ar puro... é bom para os pulmões... E agradavel respirar esta atmosphera...

Lucila. — Mais agradavel que respirar a atmosphera dos cabarets, por exemplo?

Ernesto. — Não comprehendo, Lucila... Que queres dizer? *(Olha inquieto para a esposa, procurando adivinhar a causa daquella estranha attitude).* Eu...

Lucila (explodindo). — Tu... és um infame!... Um miseravel!... Um máo marido!... Um descarado!...

Ernesto. — Mas, Lucila!...

Lucila. — Um hypocrita! Um farçante!... Querias que recolhessemos o pó com um aspirador?... Toma!... Olha isto!... Lê!... *(Agita deante dos olhos de Ernesto uma folha de papel).* Lê!...

Ernesto. — De que se trata?... Uma carta anonyma, certamente!

Lucila. — Carta anonyma? Não!... Isto é sim: de uma sociedade anonyma!... E' a informação da companhia! E' a analyse do pó!... Ah, miseravel!... E' a analyse do pó de teu escriptorio! A analyse do pó recolhido em baixo de tua mesa!... Escuta!...

(Lucila desdobra o papel e o lê como si se tratasse de uma certa requisitoria).

Lucila. — Escuta, infame!... "Analyse qualitativa correspondente ao apparelho aspirador 431.628." O apparelho 431.628 é o nosso!... "O pó parece procedente de um cabaret." Minha casa, minha casa um cabaret?... Repito: "O pó parece procedente de um cabaret." E' o cabaret aonde vaes todas as noites!... "Notam-se numerosos cabellos loiros pertencentes a duas mulheres differentes." Duas! Duas!... Não te conformavas com uma!... E loiras!... Eu sou morena!... Maria tambem é morena!... "Ha restos de cinza de charutos finos". Cinza de charutos finos? Em casa só fumas cigarros!... Essa cinza, tu a trazias do cabaret, na tua roupa, como os cabellos. "Pequenos fios de plumas do typo usado para encher travesseiros." Eis o que tu trazias na roupa! O aspirador recolheu tudo isso no pó do escriptorio!... Os travesseiros de nosso leito estão cheios de lã, e não de plumas!... *(Ernesto deixa-se cahir sobre uma cadeira. Olha com expressão estúpida a gola e as mangas de seu paletó).* Este papel contém a prova irrefutavel de tua traição!... Servir-me-á para formular o pedido de divorcio!... Vou immediatamente tratar do assumpto com um advogado!

(Lucila vae ao vestibulo, põe o chapéo e sáe, batendo violentamente com a porta. Ernesto fica olhando a porta com expressão de definitiva e irremediavel estupidez). — ANDRÉ DAHL.

— Bôa tarde para todos. Venho constituir-me prisioneiro.
— Que fez você? Matou? Roubou? Brigou?
— Nada disso... Sou um perturbador da marcha financeira...

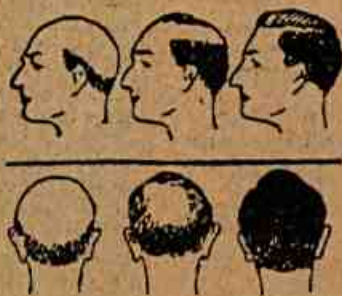
"Felizmente, o meu lenço se achava impregnado de forte extracto oriental. A minha ordenança praguejava peor que um marujo embriagado. Quando lhe expliquei a causa daquella pestilencia, vi-o, como bom irlandez, fazer rapido o signal da cruz, acompanhado de comica careta de pavor. O silencio mortal do bosque só era ferido pelo pisar das nossas montarias. O pavor emmudecêra Joe, habitualmente tagarella.

"De chofre, um vulto branco se atira ás rédeas do meu cavallo, que assustado empina. Outros mais surgem por detraz das arvores. São indianos. Estavamos perdidos. Quasi fui desmontado; porém, o meu agressor, com o arranco do brioso animal, fôra projectado ao solo. Rapido empunhei o revolver e antes que o miseravel pudesse se erguer, rebentei-lhe a cabeça com uma bala. Joe fez jús ao titulo. N'um abrir e fechar d'olhos, abateu tres dos assaltantes mais proximos.

"Só a retirada precipitada poderia salvar-nos. Virei as rédeas do cavallo e cravei-lhe as esporas nas ilhargas. O fogoso corcel deu um arranco desesperado e tombou morto por certeiro tiro. Com a quéda rolei até junto de uma arvore, atraz da qual me abriguei, disposto a vender cara a minha vida.

"Joe batia-se com leonina bravura quando um tiro o desmontou. Dando gritos selvagens, de punhal alçado, corre sobre elle um dos assaltantes. Fiz fogo e vi tombar o miseravel, para não mais se erguer.

"Os assaltantes deram-me pequena tregua. Convenientemente

Queda do cabello

As caspas e a seborrhéa do couro cabelludo são, na maioria dos casos, as causas da queda do cabello.

Os folliculos são por ambas obstruidos, resultando a morte do cabello.

No dominio da sciencia moderna, ha uma descoberta que custou uma fortuna.

Trata-se do especifico Loção Brilhante, tonico antiseptico que dissolve a caspa e destróe a seborrhéa supprimindo o prurido.

Combate todas as affecções parasitarias e fortifica o bulbo piloso.

Nos casos de calvicie declarada com o uso consecutivo por 2 mezes, a Loção Brilhante faz resurgir os cabellos com novo vigor.

A TORRE DO

De Adelpho

(C O N T I N U A Ç Ã O)

coberto pelo tronco de uma arvore surgiu, quasi junto a mim, uma carahedionda coberta por hirsuta barba, que em péssimo inglez me intimou a entregar a mensagem que levava.

"Trahidos! Este pensamento me atravessou o cerebro como afogueado facho. Antevi scenas dantescas nas ruas de Bombaim, entregue á sanha dos crueis cipaios. Mac Pherson nada mais poderia fazer por nós.

"Um odio, uma loucura furiosa apoderou-se de mim. Um tiro foi a minha resposta e a casca da arvore que abrigára o miseravel vôou em estilhas.

"— A mensagem! — regougou a torva voz.

"Gargalhei com escarneo. Tirei-a de sob a tunica, com a mão esquerda, emquanto com a espada na dextra, em molinete, continha a cafila ululante e debaixo dos seus olhos furibundos rasgava-a com os dentes, em pequenos pedaços que engulia.

"Redobraram de furia e os sipaes se multiplicavam. Da mensagem, o ultimo pedaço era uma massa informe de papel e saliva em minha bôcca. O meu braço fraquejava e o peito arquejante parecia querer estourar. Lembro-me como si fôra hoje. (E o coronel, fez uma pausa, para limpar o suor que lhe marejava a testa). Vi uma lamina de sabre, chispante, cortar o espaço e uma dôr aguda dilacerar-me a face. Tombei inconsciente. — (E o coronel, sorrindo amargamente, accrescentou): — Aquella noite ficou gravada aqui! (E alisou a face macerada).

"Já ia a tarde expirando e as sombras da noite silente baixando sobre o desolado planalto do Dekan quando dei accordo de mim. Ardia em febre e tinha as vestes ensanguentadas. Onde estava, meu Deus?! Seria uma allucinação monstruosa, inconcebivel, o que os meus olhos viam? Era a baechanal da morte. Hoffman, no apogeu febril da sua imaginação ávida de scenas tenebrosas, nas phantasticas concepções, jamais pintára quadro igual ao que offerecia aos meus olhos. Estava sepultado em vida na Torre do Silencio!

"Os ultimos raios do sol douravam os altos rebordos da torre

SILENCIO

Monjardim

(Conclusão)

Enquanto sombras vagas se esbatiam no fundo enxovalhado do repugnante amphitheatro. Grossas paredes de pedra se elevavam para o céo, num vasto circulo de trinta metros. De distancia em distancia, abriam-se nellas nichos, repletos de brancas ossadas. Uma unica e solida porta dava accesso ao recinto e se conservava hermeticamente fechada. Della, partia uma rampa de pedra até o centro da torre, onde em semicirculo se encontravam seis largas lapides occupadas por corpos putrefactos, nús, prenhes de nojentos vermes.

"Dois postes de madeira sustinham-nos no meio daquelle horror. Sentia as carnes dilaceradas pelas cordas fortemente acochadas. Em minha frente, o pobre Joe, moribundo, me consternava. Ao meu lado, jazia um corpo enorme de mulher, inchado e coberto de asquerosas pustulas, de onde se exhalava insupportavel fetido. Por vezes os abutres cobriam-no com seus corpos negros e rasgavam com os bicos acerados as desentranhadas visceras. Crocitavam, esfaimadas, as rapineiras aves, disputando ferozmente o macabro banquete.

"Um abutre gigantesco, talvez o maior do bando, veiu pousar bem perto de mim. Seus olhos redondos e crueis me fitavam. Presagiavam desgraça. Não podendo mais supportar a fixidez glacial daquelle olhar, gritei, gritei como louco, para assustál-o. Impassivel, indifferente a tudo, continuou a fitar-me. Mal ferido, Joe, tinha a cabeça cahida para traz, reclinada sobre o hombro direito. Gemia dolorosamente. Uum curto vôo, a negra ave foi pousar no hombro do infeliz. Receiosa a principio, ficou na expectactiva; porém a immobilidade da sua victima incutia coragem. Com sinistra e grotesca attenção examinou o rosto ensanguentado do meu companheiro. Comprehendi e comecei novamente a gritar, na impossibilidade de fazer qualquer outro gesto. Esforço inutil. A ave maldita, distendendo rapida o rugoso pescoço, mergulhou o adunco bico no olho do desgraçado. Um clamor sobrehumano encheu aquelle granitico cylindro para sempre maldito e, transbordando, foi perder-se na amplidão desolada do deserto. Joe! Pobre Joe! O olho ensanguentado pendia sobre a face, e da orbita vazia e negra jorrava o sangue em borbotões. Desmaiei de horror.

"Com as idéas ainda confusas, julguei ouvir crepitar, em redor da torre, nutrida fuzilaria. Fiquei attento. Não me enganára; lutavam lá fóra e agora a fuzilaria recrudescêra. Um tropel de patas que fazia estremecer o solo indicava que forte troço de cavallaria carregava violentamente. Fiquei com o coração aos pulos. Seriam inglezes? Nisto, a porta da torre se abriu violentamente e numeroso grupo de indianos entrou de roldão, em recuada, fazendo disparos para impedir a entrada aos inglezes, que com alegria reconheci. Inutilmente tentaram impedir o impeto da nossa cavallaria. Levados a ferro e fogo, encontraram a morte dentro da Dakma sepulchral, onde eu vivêra horas de mortal angustia.

"Carregaram-me dali, assim como ao cadaver do mallogrado Joe, para ser baixado a sepultura condigna, com as honras militares devidas á sua bravura. Fôra um esquadrão volante da nossa cavallaria que atacára os rebeldes que se encontravam nas cercanias da torre; e soube, então, que, em Poona, tiveram as mesmas aprehensões sobre Bombaim, aggravadas pela subita interrupção das communicações telegraphicas, fazendo com que o general Mac Pherson enviasse em seu auxilio forte contingentes de tropas inglezas.

"Foi triumphal a nossa entrada em Bombaim e, conforme os companheiros me disseram, se demorassemos mais algumas horas, a sublevação das forças nativas ter-se-ia consumado.

"Esta cicatriz, meus senhores, valeu-me o posto de capitão".

E assim concluiu a sua narrativa o coronel.

Ella. — Si me lembro do senhor? Como não! Parece têl-o visto em uma festa, aliás desinteressantissima, na casa dos Souzas.
Elle. — Pois é isso mesmo. Eu sou o Souza.

...Alta novidade para embellezar o bello sexo...

Com a touca onduladora "FADA", que se vê na gravura acima, obtem-se a mais perfeita ondulação, em menos de 15 minutos. E' um apparelho maravilhoso, de applicação facil e commoda. Indispensavel no toucador da mulher **"chic"**. Mediante a remessa de 20$ em Vale Postal ou Carta com Valor, manda-se esta touca para o interior. Pedidos a P. Schmitz. Rua Gen. Camara 112, sob, sala 4. Tel. 3-4075 Rio de Janeiro. Acceitam-se revendedores, tambem para outras novidades, mediante condições especiaes. Recorte e guarde este annuncio.

O VENDEDOR DE CADAVERES

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— Será tão difficil descobrir a identidade desse marinheiro? perguntou o capitão Morris; bastará estabelecer quem póde ter interesse em se apoderar do livro secreto Estrade. E esse mesmo podia não ter sido estranho ao crime.

— E' tambem essa a minha idéa, capitão Morris, replicou o policia rindo, mas veremos. Boa noite capitão, vou para casa. O' Harry, vem, meu rapaz, nada temos que fazer aqui.

— Um estupido, este militar! murmurou Sherlock quando se viu na rua com Harry e Jonny, pois conseguira graças á sua influencia, livrar das mãos da policia o barqueiro accusado de violencias. Se este boçal Morris não se tivesse mettido onde não era chamado, apoderava-me do marinheiro e teria conseguido o meu fim. Vamos, amanhã recomeçaremos!

CAPITULO V

AS CONFISSÕES DE UMA CREADA DE QUARTO

Na manhã seguinte, emquanto almoçava, Sherlock deleitava-se tranquillamente com a leitura dos jornaes que consagravam todos columnas inteiras ao assassinato inexplicavel do banqueiro Paulo Estrade.

— Estes bons reporters, dizia elle rindo, eil-os mais uma vez cansando-se em querer adivinhar enigmas! O *Daily Mail* diz que é evidente que o crime foi devido á vingança. O *Times* pretende, pelo contrario saber de muito boa origem que se trata de um suicidio. A *Pall Mall Gazette* vae um pouco mais longe do que os outros e dá a entender que o banqueiro se metteu num romance d'amor que lhe custou a vida. Mas são todos unanimes em reconhecer que será difficil á policia descobrir o assassino e que o caso é extraordinariamente embrulhado. Difficil! embrulhado! continuou Sherlock com o riso silencioso que lhe era particular, quero crel-o! Mas difficil mesmo do que pareça.

"Ah! eis aqui a biographia completa de Paulo Estrade. De caixeiro sem vintem, chegou á profissão de proprietario de uma casa bançaria importante.

"Chegou a Londres com as botas rotas; agora possuia uma brilhante clientela e estava prestes a tornar-se uma das potencias da Bolsa.

"Deixa pelo menos uma fortuna de trezentas mil libras. Bem, bem, duvido muito deste ultimo ponto, continuou a monologar o detective ao mesmo tempo que enchia e accendia o cachimbo; os balanços que examinei a noite passada indicam-me exactamente o contrario.

"Paulo Estrade estava arruinado. Ha já tres annos que se achava completamente insolvavel, e Deus sabe com que manobras se tem podido agüentar.

"Ah! eis uma nota que devemos aclarar no interesse da viuvinha.

E Sherlock leu ainda á meia voz uma noticia que o *Daily Mail* accrescentava á narrativa do crime e biographia da victima.

"Fomos informados de que Paulo Estrade tinha segura a sua vida na companhia Grasham na importancia assaz elevada de cem mil libras esterlinas. Como o seguro foi feito ha mais de tres annos, a Grasham ainda que suppozesse que o banqueiro se suicidara não poderia deixar de pagar por inteiro o capital á viuva do extincto."

Sherlock tirou de uma gaveta uma tesoura, cortou a noticia, dobrou-a e metteu-a na carteira.

— Ha novidade, sr. Sherlock! gritou com um grande maço de jornaes debaixo do braço, vestido como os vendedores ambulantes que se vêem aos milhares pelas ruas de Londres.

— Novidade? qual é? Parece-me que li esta manhã as ultimas noticias.

— Já ha melhor, tornou o mancebo. — Chego agora mesmo do *Times*. Pude metter-me nas salas da redacção; acabavam de receber da policia a noticia de que Charley Benson, o empregado principal da casa Estrade estava preso.

— Ah! quem fez isso? Porque motivo o prenderam? perguntou o policia visivelmente contrariado; tomam-n'o pelo assassino de Estrade?

— Deprehende-se da noticia que li nas provas que um aprendiz typographo ia levar para rever á sala da revisão, que a policia julga ter preso o assassino na pessoa de Charley Benson.

— Hum! Hum! resmungou Sherlock Holmes.

— A policia estabeleceu que Benson não obstante os seus sessenta annos, tem tido uma vida muito desregrada. Mantinha relações amorosas cujas despesas deviam certamente exceder-lhe os rendimentos. Além disso, jogou na Bolsa e, segundo um relatorio do capitão Morris, da esquadra de Ludgate, suppõe-se no commissariado central que o marinheiro que encontramos a noite passada no gabinete particular da casa Estrade, é nem mais nem menos do que Benson.

— Deve ter tido interesse, continuou Harry, em pôr de parte o livro secreto do patrão. Por ahi poder-se-ia facilmente estabelecer que Benson fez importantes desvios em prejuizo da casa e que a caixa de que era encarregado não estava em regra.

— Não penses nos desvios de Benson, disse Sherlock Holmes, rindo; asseguro-te, Harry, Cherlay Benson é tanto o assassino do sr. Estrade como tu.

DEBILITADOS ANEMICOS FEBRIS
A Saude por meio do
FERRO QUEVENNE
O MAIS EFFICAZ E O MENOS CUSTOSO
Uma medidazinha a cada refeição
FER QUEVENNE: 26, Rue Petit. SAINT-DENIS (France)

AGRIPAN
Novo preparado do Lab. Nutrotherapico Dr. RAUL LEITE & Cia., de acção surprehendente como preventivo, abortivo e curativo da grippe e suas complicações

resto, póde permanecer encerrado algum tempo, não lhe fará muito mal; e não quero perturbar tão depressa a alegria da policia; é preciso abandonar-lhe uma presa de tempos em tempos. Agora, meu rapaz, ha um pequeno serviço para ti, disse Sherlock Holmes voltando-se para Harry. Trata-se de desencantar um cocheiro que levou o cadaver do banqueiro de Hyde-Park até á casa de Somerset-Street. E' absolutamente necessario que fale a esse homem, hoje, ainda.

— Sabe o numero do cocheiro, sr. Sherlock Holmes? perguntou Harry.

— Oh! oh! Harry! retorquiu o policia, dando por brincadeira uma pequena bofetada na face do seu favorito, encarregar-te-ia de me procurar o cocheiro se lhe soubesse o seu numero? Era negocio para se resolver em meia hora. Não, é forçoso que me procures o cocheiro que hontem á noite entre as nove e as dez horas, transportou o cadaver de Hyde-Park para Somerset Street com o auxilio de um marujo que, segundo supponho, foi quem lhe entregou o cadaver.

— Desculpe, disse Harry coçando uma orelha, vejo que lhe fiz uma pergunta absurda. Mas daqui até á noite encontrarei o cocheiro; vou pôr em movimento todos os meus bons espiritos, os engraxates e os vendedores de jornaes, em resumo, todos os rapazes das ruas de Londres e elles descobrirão o que quero.

— Logo que descubras o cocheiro, trazê-o aqui, dizendo-lhe que será bem indemnizado. Não sahirei esta noite.

Logo que Harry se afastou, Sherlock Holmes poz-se a passear pelo quarto, fumando o seu cachimbo.

Esfregava de vez em quando as mãos e ria silenciosamente sem tirar o cachimbo da bocca.

— Não póde haver duvida a este respeito, murmurava elle, ha uma sciencia mathematica criminal, e quando nos nossos calculos apparece o mesmo numero duas vezes na mesma columna, quer dizer que não estamos muito afastados da solução. Neste caso já se me apresentou um numero duas vezes, e esse numero corresponde ao marinheiro. Um marinheiro transporta com o cocheiro o cadaver do sr. Estrade. A's duas horas da manhã surge muito mysteriosamente um marinheiro nos escriptorios da casa Estrade; apodera-se do livro secreto e foge quando se vê observado, depois de se ter servido do apparelho telegraphico de alarma que liga os escriptorios com a esquadra da policia.

"Desta equação fornecida pelos dois marinheiros deduzimos, nós, mathematicos criminaes, as fomulas seguintes:

1º — Quem éest e marinheiro mysterioso? O das duas horas da manhã, será o mesmo que entrou em scena ás dez horas da noite?

2º — Que interesse póde ter no livro secreto da caixa? Deprehende-se deste facto positivamente, como já me assegurei, que o banco Estrade não podia fazer face aos seus pagamentos e estava na vespera de quebra.

3º — Como se explica que o marinheiro possuisse a chave da porta do escriptorio e, além disso, que soubesse da existencia do apparelho telegraphico, emfim, que estivesse informado onde e como o apparelho devia funccionar?

"Tenho já todas as respostas a estas perguntas, disse Sherlock Holmes continuando o seu monologo, e creio que a operação estará certa quando no logar deste x ou deste y ainda presentes, tivermos collocado o nome que lhe corresponde."

— Olá! senhora Bonnet, o que deseja?

Esta pergunta dirigia-se a uma mulher de certa edade, de cabellos grisalhos, que acabava de apparecer á porta. Era a governante de Sherlock Holmes, encarregada da direcção da casa que elle habitava com Harry Taxon.

— Peço-lhe que me desculpe, sr. Holmes, disse a senhora Bonnet, mas está lá em baixo uma rapariga que deseja falar-lhe. Diz que é a creada de quarto da senhora Estrade.

— Bem sei o motivo que a traz aqui, tornou Sherlock Holmes, mande-a subir, senhora Bonnet.

Pouco depois batiam á porta e o policia dizia num tom amavel:

— Queira entrar.

Appareceu uma rapariga muito bonita, de cerca de vinte annos. Sherlock Holmes dirigiu-se ao seu encontro.

— E' a creada de quarto da senhora Estrade?

— Sim, senhor Holmes, respondeu a rapariga.

— Tem provavelmente algum recado a dar-me da parte da sua patrôa, continuou o policia vendo que a creada parecia um tanto embaraçada e não se decidia a explicar-lhe o verdadeiro motivo da sua visita.

— Sim... é que... balbuciou a rapariga.

— Escute-a. Ter-se-ia produzido na minha ausencia algum facto susceptivel de lançar alguma luz sobre esse crime que até agora nada explica?

— Oh! sim, tornou a rapariga mudando de côr, mas... eu mesma... queria fazer-lhe uma communicação.

— Nesse caso tenha a bondade de fechar a porta e dizer-me primeiro o seu nome.

— Chamo-me Betty Blom e ha apenas tres mezes que estou ao serviço da senhora Estrade. A minha patrôa tem sido sempre muito boa para mim e tem-me dado innumeros presentes. Chorei muito quando a noite passada, soube a grande desgraça que succedera. O senhor foi sempre tão amavel para commigo e comtudo... senhor Sherlock Holmes, estou indignada...

A joven poz-se a chorar. O policia procurou consola-la, dizendo:

— Mas não chore, menina, diga-me antes a causa da sua indignação; vamos, allivie o seu corção sem me occultar nada.

— Infelizmente, disse a creada de quarto, é para indignar ver uma senhora que foi tratada como uma deusa pelo marido, que lhe adivinhava os minimos desejos... e quando esse homem morre em circumstancias tão medonhas, não se deve sentir indi-

(Continúa na pag. seguinte)

GUARANIL
TONICO CONCENTRADO
ARRHENAL - IODO - COLA - ARSENO - FOSFO - CALCIO - NUCLEINATOS - VITAMINAS.

gnação quando essa mulher, na propria noite em que lhe apresentam o cadaver do marido...

As lagrimas impediam a rapariga de falar. Teve que puxar do lenço para as enxugar.

Os olhos do policia tinham-se aberto desmedidamente e reflectiam a tensão nervosa, particular a todos que se preparam para dar um grande golpe. O seu corpo parecia dispôr-se para executar o "Salto do Tigre", como dizia de si mesmo Sherlock Holmes, rindo.

— Vamos, prosiga, disse elle então a Betty esforçando-se para se conservar calmo, póde estar certa de que serei discreto. Não quero de modo algum que perca o seu logar por causa das suas confidencias.

— Oh! com respeito ao meu logar, tornou Betty, está perdido. A senhora Estrade já me disse que não queria de modo algum permanecer mais tempo em Londres. Depois do enterro do marido, que se ha de effectuar depois d'amanhã, quer deixar Londres immediatamente e partir para o sul. Presume que endoideceria nesta cidade onde lhe mataram o que tinha de mais querido no mundo.

— Ah! A senhora Estrade quer viajar? perguntou Sherlock Holmes, indifferente na apparencia. Não se póde, na verdade, censural-a por isso. Londres tem para ella recordações horrorozas e conta provavelmente alliciar os seus pezares demorando-se algum tempo no sul. Mas como não pode passar sem creadas, admirar-me-ia que a não levasse.

— Tambem me admirei, mas a senhora Estrade disse-me: nenhum dos creados que estão ao meu serviço me acompanharão. Sinto-o, Betty, mas pagar-lhe-ei o ordenado de seis mezes e ver-me-ei obrigada, bem contra a minha vontade, a despedil-a. O mesmo succede com o cocheiro e o creado do quarto, e naturalmente tambem com o porteiro e a cosinheira.

— Em resumo, exclamou Sherlock Holmes, e percebia-se um certo tom de triumpho na sua voz, a senhora Estrade tem o maior interesse em retirar-se de Londres!

— Sim, tem muito interesse nisso, replicou Betsy, e de repente deixou de chorar; nos seus olhos brilhou um clarão singular. Sim, isso merece-lhe grande importancia e eu sei bem o motivo que assim a faz proceder.

— E quer dizer-m'o?

— Sim, quero; porque o senhor pelo menos deve saber que essa mulher representa uma comedia quando chora junto do cadaver do marido. Ella nunca amou o sr. Estrade. Enganava-o.

— Ah!... um dramasinho de adulterio!

— O que diria, senhor Sherlock Holmes, continuou a creada com grande volubilidade, se lhe contasse, se lhe jurasse que a noite passada, muito tempo depois de se retirar... Eu vi bem as horas — eram

Pó de Arroz, Creme e Agua

RAINHA DA HUNGRIA

Productos de BELLEZA mundialmente conhecidos, que gosam das sensacionaes propriedades magicas de EMBELLEZAR, REJUVENESCER, ETERNIZAR a mocidade. Peça o Estojo da grande Marca RAINHA DA HUNGRIA com 7 productos, 7$000, ou só Creme e Pó amostra, 5$000, e transforme a sua pelle em 3 dias numa Belleza incomparavel! Para a sua Belleza use diariamente em Massagem e na toilette Cremes, Agua, Rouge de Vie e Pó d'Arroz Rainha da Hungria da

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Peça catalogo gratis.

Av. Rio Branco, 184, 1.º, e R. 7 setembro, 186 — Rio

— A tua carteira, e depressa!

— Pois corram, que já a entreguei aos do carro que vae alli adeante...

tres e quarenta e cinco — entrou um homem no quarto de dormir da senhora Estrade. Um homem que a beijou, que a apertou nos braços, com quem ella falou baixinho durante alguns minutos?

Sherlock Holmes fingiu a maior indignação afim de provocar novos detalhes da parte da creada.

— Mas nunca na minha vida ouvi coisas semelhantes! Nunca julgaria culpada de um tal acto aquella linda mulher. Na propria noite em que lhe levam o marido assassinado, na propria casa onde repousa o seu cadaver, lança-se nos braços de um amante! Provavelmente essa ligação existia há já muito tempo sem que o sr. Estrade o soubesse?

— Foi justamente isso que me causou tamanha indignação. Juro-lhe que nunca notei coisa alguma emquanto o sr. Estrade viveu; e comtudo nós, as creadas de quarto, temos os olhos bem abertos!

— Ainda mais do que nós, os policiaes, disse rindo Sherlock Holmes.

— Mas nunca noite que a senhora Estrade se permittisse alguma familiaridade com outros homens. Nunca a surprehendi nas doçuras de uma entrevista, nunca levei uma carta que podesse inspirar a minima duvida e justamente esta noite, na noite da morte de seu marido... ah! é repugnante! Se ella queria uma ligação com outro homem, podia escolher um momento mais conveniente!

— E' muito justo, respondeu Sherlock. Comtudo pode ser que o amante da senhora Estrade só chegasse a Londres a noite passada. Mas conte-me detlhadamente o que viu. Como é que estava ainda acordada das trez para as quatro horas? Porque não dormia?

— Como podia dormir sabendo que se achava um cadaver em casa? Não era possivel fechar os olhos ainda que me tivesse deitado a rogos da senhora. Não queria de modo algum que a acompanhasse. Desejava ficar só junto do corpo do marido para chorar e rezar, dizia ella. Retirei-me então para o meu quarto.

— Onde é o seu quarto?

— As creadas de quarto dormem geralmente perto das patrôas, replicou Betty. Entre o quarto de dormir da senhora Estrade e o meu ha só o quarto de banho e o quarto de vestir; segue-se o meu quarto com uma janella. Ora todos estes aposentos dão para o jardim; explico-lhe este facto para que comprehenda o que vou contar-lhe.

— E' pouco mais ou menos assim, disse o policia fazendo numa folha de papel um desenho a lapis: quarto de dormir, sala de banho, quarto de vestir, o seu quarto e aqui o jardim.

— Perfeitamente, só falta indicar o terraço.

— Mas o senhor não vê que eu sou artista?
— Não me venha com historias. Está detido por uso de armas.

— Qual terraço?

— O terraço que se encontra sob o quarto de dormir da senhora. Dahi ha uma escada bastante larga que vae ao jardim, emquanto que do lado opposto uma outra conduz ao quarto de dormir da minha senhora, de sorte que nas noites de luar, no verão podia dirigir-se directamente do seu quarto ao terraço. Os meus patrões almoçavam até ahi muitas vezes.

— Agora comprehendo muito bem a situação. Continue, menina Betty; que se passou então a noite passada!

— Como já lhe disse, não podia dormir. Levantei-me e fui para a janella meio vestida. Olhava para o jardim, cujas arvores quasi despidas de folhas apresentavam sombras fantasticas; de repente, ouço passos aproximarem-se da escada do terraço. Dou um pulo, assustada e affasto-me da janella cambaleando. Primeiro tive uma visão insensata mas que se explica muito facilmente porque sou muito superticiosa. Imagine, senhor Sherlock, que me pareceu ver o meu patrão caminhar pelo jardim.

— O sr. Estrade! disse o policia rindo, que idéa! O pobre sr. Estrade estendido no divan com uma punhalada no coração!

Mas ao mesmo tempo que dizia estas palavras, o policia esfregava as mãos e dava estalos com os dedos o que nelle era indicio de grande satisfação.

— Um momento depois, continuou Betty, pude raciocinar commigo mesmo que o morto não podia resuscitar e que o homem de capa comprida, com um bonet de viagem na cabeça, era forçosamente outra pessoa. Um ladrão, ou emfim o assassino do sr. Estrade que ia talvez matar-nos a todos. Queria gritar, mas o susto paralyzara-me a lingua. Afinal enchi-me de coragem e inclinei-me no parapeito da janella, querendo então assegurar-me qu eo individuo extranho existia roalmente... Eil-o já no terraço e vi então a senhora Estrade descendo a escada que conduz ao seu quarto de cama. Estendeu as duas mãos ao desconhecido, puxou-o para o coração, beijou-o e desappareceram ambos no quarto de dormir.

— Quanto tempo se demoraram ahi, a linda senhora Estrade e o tal sujeito? perguntou Sherlock.

— O sufficiente para commetterem um grande peccado, exclamou a creada de quarto talvez cinco minutos, talvez mesmo dez. Bem deve imaginar, senhor Sherlock que naquelles horriveis momentos não me lembrava de ver as horas. Mas dez minutos depois, ouvi o ruido de uma porta, abrindo-se, o desconhecido descer rapidamente a escada, parar um segundo no terraço, continuar a andar e desapparecer por fim.

— E pôude ver-lhe o então o rosto?

— Oh! quando sahiu ainda menos; tinha o bonet enterrado na cabeça e gola da capa levantada. Alem disso tinha as costas voltadas para mim.

— Diga-me, tornou Sherlock Holmes pode ao menos descrever-me a figura desse homem?

— Era alto e magro.

— E não lhe notou o tamanho extraordinario dos pés? perguntou o policia tornando-se pensativo.

— Senhor Sherlock Holmes, não se presta attenção aos pés de qualquer em momentos tão angustiosos.

— Tem razão; e como achou sua senhora esta manhã?

— Estava sentada junto do corpo do marido quando entrei no quarto ás seis horas da manhã. Tinha uma pallidez de morte e parecia cansada. Queixava-se de violentas dores de cabeça. Repetia ainda que se permanecesse naquella casa perderia a razão. Não é verdade, senhor Sherlock, accrescentou Betty chorando, que não repetirá nada do que lhe disse? Desabafei de algum modo comsigo tudo quanto tinha no coração; sem isso, este segredo, ter-me-ia suffocado. Mas não queria deixar a senhora Estrade zangada, não só por causa dos ordenados que me quer ainda pagar mas tambem porque prometteu dar-me muitos dos seus vestidos usados!

— Não perderá nada, absolutamente nada, menina Betty, serei mudo como uma creada de quarto, queria dizer, como um peixe. E agora volte para junto de sua senhora.

Sherlock Holmes estendeu a mão á rapariga e Betty deixou-o.

Cinco minutos depois, o policia estava dentro de um carro.

Dissera ao cocheiro para o conduzir a Somerset street e parar, não em frente da porta principal, mas nas proximidades do jardim.

Logo que o trem parou, Sherlock Holmes apeiou-se e aproximou-se prudentemente da grade de ferro que cercava a propriedade.

Não se podia ahi entrar, pelo lado da travessa, sinão por uma porta. Mas estava fechada.

— Tambem havia de estar fechada a noite passada, disse de si para si Sherlock; e o desconhecido que fez uma visita á senhora Estrade devia forçosamente possuir a chave, assim como o marinheiro possuia a dos escriptorios de Ludgate Hill. De resto não me offerece difficuldade transpol-a.

Sherlock tirou da algibeira uma chave falsa e abriu a porta.

Entrou, e, num rapido relance, obteve a certeza de que todas as cortinas estavam cahidas nas janellas que davam para o jardim.

Não era portanto observado.

Olhou attentamente para o solo.

(Continúa na pag. seguinte)

RETARDAR O TRATAMENTO DA IMPUREZA DO SANGUE E' SEMPRE UM PERIGO!

Mocidade! Meditae bem sobre estas sabias palavras, que encerram uma grande verdade! Si tiverdes o sangue impuro, nada de protelações! Devels immediatamente recorrer ao

LUESOL

DE SOUZA SOARES

cujo uso afastará para sempre o perigo que vos ameaça!

—— A' venda nas drogarias e pharmacias ——

Chovera com bastante violencia na tarde da vespera. O solo estava ainda molle cada um dos seus passos ficara alli marcado.

Subitamente Sherlock Holmes parou, ajoelhou-se e examinou o vestigio de uma bota que se desenhava muito nitidamente no solo.

Pegou logo num metro e passados alguns segundos disse com extrema satisfação estas palavras:

— 45! Exactamente! E' uma prova seria. Está estabelecido agora para mim que elle estava esta noite junto da mulher.

Em seguida o celebre criminalista ergueu-se, sacudiu a terra que lhe adherira ás calças e, occultando-se o melhor possivel deixou o jardim para voltar para casa.

Depois de se ter disfarçado rapidamente, deu á governante e a Harry algumas ordens e voltou ao trabalho.

CAPITULO VI

NO COVIL DOS TIGRES

Um medonho furacão soprava nas ruas de Londres. Levantara-se bruscamente do mar e tinha dissipado o nevoeiro que durante mais de quarenta e oito horas tinha envolto a cidade num veu impenetravel.

Mas os habitantes da capital depois de haverem amaldiçoado o nevoeiro, insurgiram-se agora contra aquelle tempo que não deixava sahir ninguem de casa.

De facto, não se via quasi ninguem nas ruas que, de ordinario, apresentam até o meio da noite a maior animação.

Só aqui e acolá se apresentava um transeunte que renunciando a lutar com o vento, se deixava levar por elle tendo fechado o chapeu de chuva, preferindo sentir a agua fustigar-lhe o rosto a ver o chapeu subitamente virado.

As raras "damas" que se achavam ainda na rua no meio daquelle terrivel furacão tinham, difficuldade em segurar as saias que o vento erguia; abrigavam-se o melhor que podiam seguindo muito perto das casas o que impedia o vento de as assaltar por dois lados ao mesmo tempo.

Sim, estava um tempo realmente horroroso e felizes daquelles que não tinham que sahir!

A maior parte dos habitantes de Londres estavam deitados; era quasi meia noite e mesmo nos cafés, usualmente muito animados ainda áquella hora, apenas se ouviam as vozes dos poucos freguezes.

Por um becco de Whitechapel esse bairro do crime e da miseria, caminhava um homem de estatura elevada que parecia preoccupar-se pouco com o furacão.

Debaixo do braço esquerdo levava um chapeu de chuva; a mão direita, enluvada, agarrava-se ás abas do chapeu alto que procurava segurar.

Quem podia ser aquelle original que se aventurara na rua, com semelhante tempo, e usando chapeu alto?

O chapeu é certo, não perdia muito; se fosse preciso dar-lhe uma edade, hesitar-se-ia entre os dez e vinte annos.

Mas nada disto parecia embaraçar o seu dono. Pelo contrario, prestava-lhe o maior cuidado procurando impedir que o chpeu se não estragasse, que não voasse e que nenhum dos bocados de telha que de vez em quando cahiam com estrondo dos predios fosse dar por acaso no precioso objecto.

O resto do fato do individuo estava em relação com o chapéo: um casacão fóra da moda, longo, como se usara vinte e cinco annos antes, envolvia-lhe a figura elevada e, quando passava junto de um candieiro, podia se notar que tinha o pescoço cingido por um collarinho alto; em volta delle tinha uma dessas gravatas de seda preta como usaram outr'ora lord Byron, Lmartine ou o velho Kossuth.

Examinemos o rosto deste singular passeiante de Whitechapel emquanto está parado junto de um candieiro, orientando-se pelos nomes das ruas e reconheceramos immediatamente, como bons physionomistas, que se trata certamente de um sabio.

Mas, que um tal homem se aventurasse por Whitechapel, este bairro de assassinos onde um transeunte póde a cada momento receiar pela vida; que não perdesse por um só instante a sua grave dignidade quando uma rameira roçava-o com o cotovello fitando-o descaradamente, ou quando a figura sinistra de um malfeitor lhe passava ao lado, eis o que era devéras para intrigar!

Tranquillo e sem se voltar, o nosso homem continuou o seu caminho, entrou no Bow-road, de tão má reputação e parou em frente de uma casa illuminada por uma lanterna vermelha.

Podia se ler sobre a lanterna, em letras transparentes, o nome do estabelecimento: "O Covil dos Tigres".

Nem mesmo esta indicação pouco tranquillizadora que em Whitechapeu tinha já a sua significação, pareceu desviar o sabio de penetrar naquelle logar.

Abriu socegadamente a porta e entrou.

Era uma baiuca miseravel com algumas mesas e bancos de madeira um balcão sujo e uns freguezes cobertos de andrajos. Não era um covil de tigres, mas em todo o caso um covil de malfeitores.

Se não faltam em Whitechapeu tabernas onde a escoria da sociedade humana se encontre e se entregue a orgias nocturnas, "O Covil dos Tigres" era bem o ponto de reunião do que havia de mais abjecto entre essa escoria.

(Continúa na pag. seguinte)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 115$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

Ha uma categoria de criminosos que os proprios camaradas evitam: é a dos forçados que são libertados e que formam grupo separado, porque os crimes que commetteram são de tal ordem medonhos ou contra a natureza, que todo o mundo estremece ao ouvil-os narrar.

Os miseraveis que se achavam sentados em volta dessas mesas tinham, na maior parte, o aspecto de gente misera, exgotada, e vestiam farrapos cheios de lama. Com as caras bexigosas, ou estragadas pela embriaguez, ou desfiguradas por tristes doenças, assemelhavam-se mais a fantasmas nocturnos do que a entes humanos.

Deviam todos ter tido um passado sombrio. Por detraz do balcão achava-se o dono do "Covil dos Tigres". Era talvez a elle que o local devia o nome, porque esse homem, alto, magro, nervoso, de cabello louro tirando para o ruivo, de rosto pallido, com sardas, queixo proeminente, fazia realmente pensar num tigre.

Todos os olhares convergiram sobre o freguez que entrara e os miseraveis agitaram-se e entreolharam-se com ar desconfiado.

Mas o homem do chapéo alto avançou para o patrão, cumprimentou delicadamente e falou baixo com elle durante alguns minutos. Este abriu em seguida uma porta e fez entrar o desconhecido para um quartosinho pobremente illuminado.

— Espere aqui, disse elle grosseiramente; quer que lhe sirva alguma coisa?

Sem abandonar um só instante o guarda-chuva, o freguez tirou uma moeda de ouro da algibeira e entregou-lh'a.

— Traga-me uma garrafa de vinho. Depois enviar-me-á aquelle de quem lhe falei.

— Estará aqui num minuto, tornou o patrão, e falando mais baixo accrescentou — mas tome cuidado, o sujeito não é para graças. Já me aborreço bastante por causa da policia e não quero mortes em minha casa.

— Peço-lhe que não tenha a minima inquietação, replicou o sabio numa voz absolutamente tranquilla; não vejo motivo para esse senhor me querer mal.

— E' um doido, murmurou o patrão entrando para a casa contigua.

Nesse momento, quasi todos os freguezes se levantaram, precipitaram-se para o balcão e as perguntas cruzaram-se ruidosamente.

— Quem é? Um policia? E' talvez espião. Patrão livra-te de entregares algum de nós.

(Continúa no proximo numero)

Se não estiver nesta lata sellada, não é FLIT

Pulverizador miniatura e latinha de FLIT — Preço 5$000

Acha-se á venda o estojo combinação:

NAS PRINCIPAES SAPATARIAS

BRAGA & WOOLMAN
FOX
RIO DE JANEIRO

Exija na sola, estampado a fogo, este carimbo:

CREAÇÃO "FOX"

O mais afamado calçado de luxo